

# ROTAS<sup>©</sup>

caminhos do algarve





O Algarve é o lugar mais a Ocidente da Europa Continental, o último cais antes das águas do Atlântico, uma região onde se entrecruzaram culturas, desde tempos imemoriais.

As Rotas & Caminhos do Algarve procuram oferecer ao visitante a chave para uma estadia plena de emoções fortes, um passaporte para a aventura, onde se conjuga a magia da natureza, a hospitalidade, a imponência do património cultural, mas também o luxo luxurioso e cosmopolita. Estes serão caminhos convidando à acção e à emoção, ao desafio da descoberta.

As centenas praias do Algarve seduzem, pelas suas areias brancas, e atlânticas vagas que ora se levantam, em rendas de espuma, ora se espriam em ondas mornas.

Lugares para relaxar em animadas férias familiares, em experiências desportivas de alta energia, em contemplação meditativa de românticos pôr de sol.

No interior há jardins inexplorados, com vastas zonas de Reserva Natural, onde se pode seguir o voo majestático das águias ou o planar suave das cegonhas.

Dos algarvios, dir-se-á da sua hospitalidade, contadores de histórias exímios, sempre prontos a partilhar vivências, abertos à mudança e à diversidade. A simplicidade sofisticada da gastronomia inspirada no mar, perfumada de ervas, retém sabores mouriscos, tantos quantos a arquitectura tradicional também soube guardar.

No fim ficará a conhecer um Algarve onde se encontra o tradicional e o moderno, artes barrocas e minimalistas, formas de estar religiosas mas tolerantes, diversões populares e discotecas, açoteias e paredes de cal debruadas a ocre e azul, falésias e dunas, montanhas e planaltos agrestes com o mar profundo sempre ali tão perto.



#### FICHA TÉCNICA

**Edição:** Região de Turismo do Algarve; **E-mail:** rtalgarve@rtalgarve.pt ; **Web:** www.visitalgarve.pt

**Sede:** Av. 5 de Outubro, 18 a 20, 8000-076 FARO, Algarve, Portugal; **Telefone:** 289 800400; **Fax:** 289 800489

**Coordenação:** Conceição Branco; **Concepção gráfica e paginação:** Bloco d - Design e Comunicação Lda.

**Textos:** Conceição Branco (rotas) e João Prudêncio (aberturas)

**Fotografias:** Vasco Célio; **Pré-Impressão e Impressão:** DPI - Design, Produção Gráfica e Imagem;

**Tiragem:** 5000 exemplares; **Depósito Legal:** n.º 255397/07; **Distribuição:** Gratuita.

Com o apoio:



UNIÃO EUROPEIA  
Fundo Europeu  
de Desenvolvimento Regional



GOVERNO DA REPÚBLICA  
PORTUGUESA  
MINISTÉRIO DA ECONOMIA  
E DA INOVAÇÃO



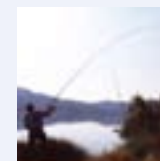
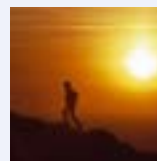
INSTITUTO DE TURISMO  
DE PORTUGAL

**prime**  
Programa de Incentivos à  
Modernização da Economia

## ÍNDICE GERAL

### **ROTAS** caminhos do algarve barlavento

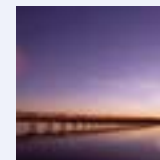
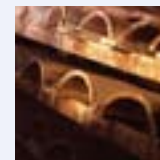
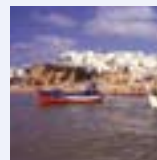
Barlavento (Oeste) será o nome que chamaremos ao conjunto das rotas que propomos percorrer na ponta mais Ocidental do Algarve, azul será a cor que acompanhará as páginas destes caminhos. No lado Oeste do Algarve convidamos a percorrer as Rotas de Sagres, da Fóia, da Costa Vicentina e vamos dar um salto a Este da região nos Caminhos além Barlavento.



PÁG. 06

### **ROTAS** caminhos do algarve centro

O Algarve Central engloba rotas serpenteando entre o mar e a serra, e a cor magenta, sinalizará as páginas destes percursos. Nas Rotas do Centro, entre o Sul e o Norte, haverá a Rota do Caldeirão, da Ria Formosa e a das Aldeias. Os Caminhos além do Centro são uma proposta para se deslindarem os trilhos do litoral e da serra das outras zonas do Algarve.



PÁG. 58

### **ROTAS** caminhos do algarve sotavento

Sotavento (Leste) designa o grupo de rotas a cirandar desde a zona fronteiriça. A cor ocre (amarela) foi a cor escolhida para nos guiar na Rota do Guadiana, da Serra e do Atum, e as múltiplas sensações ao alcance. Os "Caminhos Além do Sotavento" levam-nos para as terras mais a ocidente uma rota que permite, ficar a conhecer a diversidade que o Algarve possui.



PÁG. 108

Cheira a descobertas entre os penedos  
povoados de arriscados pescadores,  
mergulhamos nos séculos por entre as escuras  
águas de Sagres e São Vicente.

Para cá da falésia em que se empoleira o aconchego da cegonha, campos pontuados de flores singulares, amarelas, rubras e roxas, dão as boas-vindas às aves migradoras.

## 08 ROTA DE SAGRES

Lagos » Ponta da Piedade » Vila do Bispo » Fortaleza de Sagres  
» Cabo de S. Vicente » Vila do Bispo » Pedralva » Budens »  
Barão de São João » Barragem da Bravura » Odeáxere » Meia  
Praia » Lagos

20 ROTA DA FOIA

Portimão » Ponta de João Arens » Alvor » Alcalar » Fóia »  
 Monchique » Caldas de Monchique » Porto de Lagos » Silves »  
 Lagoa » Estombar » Sítio das Fontes » Carvoeiro » Algar Seco »  
 Ferragudo » Portimão

## 32 ROTA DA COSTA VICENTINA

Lagos » Rogil » Odeceixe » Alfambras » Monte Ruivo » Bordeira  
» Carrapateira » Vila do Bispo » Lagos

## 44 CAMINHOS ALÉM DO BARLAVENTO

Silves » S. Bartolomeu de Messines » Alte » Salir » Querença »  
Barranco do Velho » Montes Novos » Cachopo » Martinlongo  
» Pereiro » Alcoutim » Guerreiros do Rio » Almada de Ouro »  
Azinhal » Castro Marim » Vila Real de Santo António » Cacula  
Velha » Cabanas de Tavira » Tavira » Moncarapacho » Santa  
Bárbara de Nexe » Boliqueime » Paderne » Silves



O mar a bater nas falésias agrestes de Sagres entoará sinfonias à Natureza indomável, enquanto nas minúsculas conchas de areia ou nas vastas dunas das praias, o único som é o marulhar das ondas e o adejar das gaivotas, a canção do vento carregado de sal e de odores de flores silvestres.

Visitaremos cidades aninhadas nos vinhos das colinas, sem quebrar os amplos panoramas da serra, como em Monchique, penduradas nas arribas, tocando a fímbria do mar, espaiadas em langorosas baías.

Pelos sabores genuínos da gastronomia, cairemos em deliciosas tentações.

Entraremos portas adentro pela cultura algarvia,  
feita de contrastes e de sínteses. Mergulharemos  
simultaneamente no cosmopolitismo e nas tradições,  
ainda tão vivas.

As Rotas do Barlavento são caminhos em busca de umas férias perfeitas, daquelas que apetece sempre repetir. Sejam bem vindos!



**D**erivamos do casario sem mácula de Lagos para Oeste, o percurso do Infante. Mas não recusamos o interior barrocal: saciamos a vista na calmaria aquífera de Bensafrim, lá onde nem as garças trazem novas dos algarves da demografia apertada. Tudo sabe a genuíno entre as curvas do Ocidente. Até as gentes: rompamos por um pouco os espartilhos das paragens obrigatórias e, logo depois, os silêncios na tasca do casario. Oiçamo-los, como sabemos que já lá estavam nos tempos do Infante. Nunca deixaram de lá estar, por entre os silêncios.

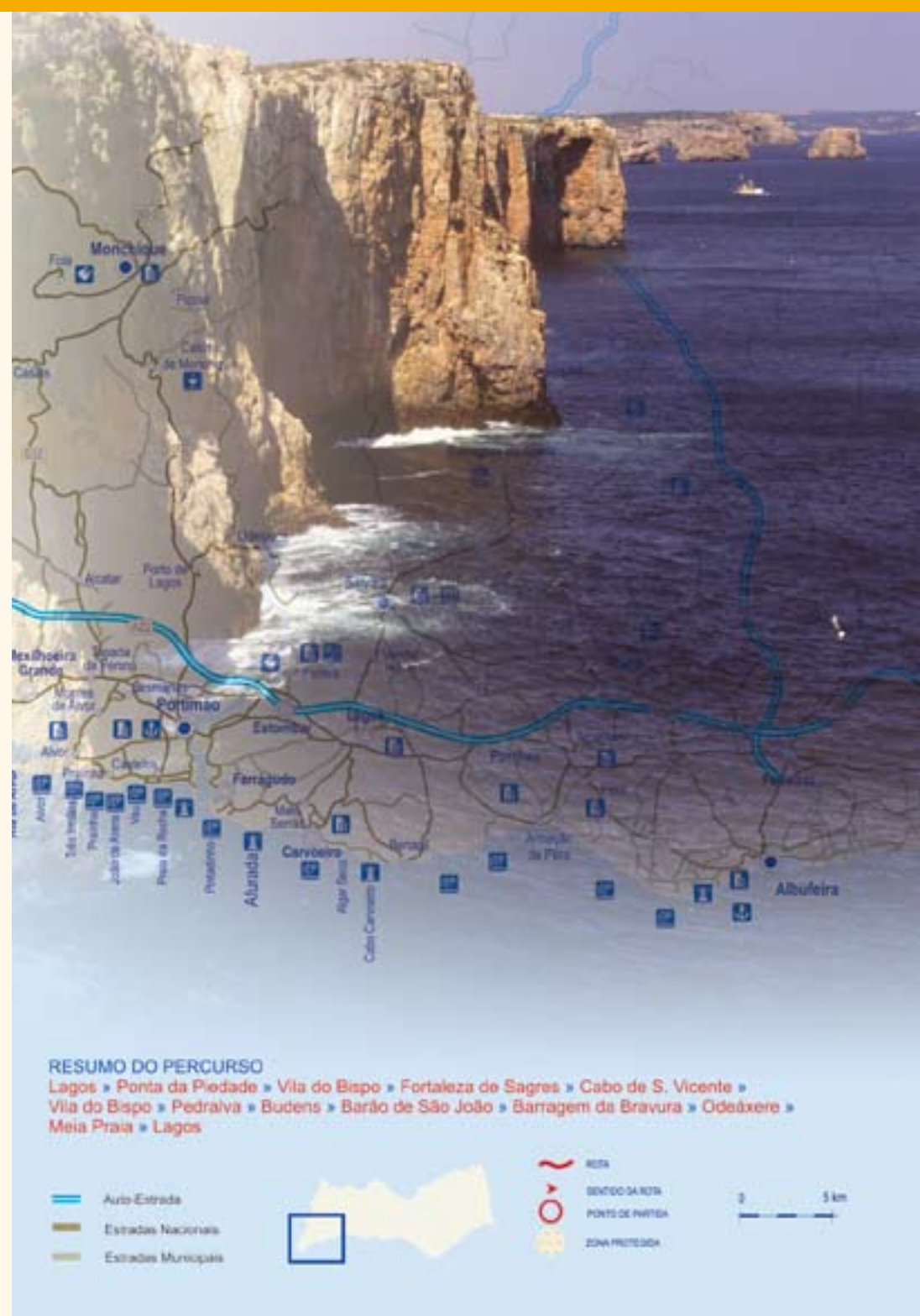
Mais próximos das falésias, sentiremos a vertigem da gaivota rasante de leixões.

À beira dos precipícios arrepiar-nos-emos com o voo picado das aves pesqueiras mergulhantes nas águas fartas e límpidas.

Mais tarde vamos extasiar-nos ante o oceano espumoso, fecharemos os olhos por um momento, segundos de viagem no espaço e no tempo. As américas, África, o século XIV. Cheira a descobertas entre os penedos povoados de arriscados pescadores, mergulhamos nos séculos por entre as escuras águas de Sagres e São Vicente.

O presente dos homens acolheu o passado grandioso no mais sábio dos algarves: o que soube preservar as paisagens primevas, naturais e humanas. E sim, até ali, entre pedras e água, encontramos um fio de sentido para a Humanidade.





É difícil sair de Lagos, ainda que seja para responder ao apelo da força bruta do mar de Sagres, palavra chave desta Rota. **Sagres**, que hoje continua a atrair aqueles que procuram “sentir a existência fora do corpo”, deixar a pele entranhar-se do sal da brisa, escutar o silencioso e secular diálogo da boca escancarada dos rochedos, do mar e do sol, que ali se despede do velho continente. Não poderemos, por isso, sair de Zawaya, cujo significado é mesquita, como a Lagos chamavam os poetas árabes, sem antes nos perdermos por entre as ruelas da cidade histórica, onde se entrelaçam as lojas de artesanato, os restaurantes típicos, com as galerias de pintura e as lojas cosmopolitas, paredes meias com a imponência dos seus monumentos.

Desde muito cedo, **Lagos** foi uma porta para o Mediterrâneo e continua um sítio de encontro de povos de todos os continentes. Na sua ampla baía, rodeada pelo areal fino da **Meia Praia** partiu Gil Eanes, o primeiro a dobrar o Cabo Bojador, esconderam-se corsários, como Sir Francis Drake, aportaram galeões cheios do ouro e pedras preciosas das Américas ou de especiarias das Índias. Mais modestos

seriam os batéis de pescadores que no Mediterrâneo pescavam e também ali chegavam seguindo o pescado aquando da desova. Lacobriga, que em língua céltica significa “fortaleza”, foi fundada 2000 a.C. por Brigo, por junção de pequenos povoados antes situados nas margens da Ribeira de Bensafrim. Primeiro Roma, depois os visigodos, seguindo-se-lhes os árabes, todos deixam as suas marcas culturais, visíveis nos mais de 50 monumentos de interesse da cidade. A reconquista



Lagos



Vista do Promontório de Sagres

definitiva acontece em 1241 pela espada de D. Paio Peres Correia.

Fruto tão apetecido, **Lagos** tinha como defesa uma muralha, classificada como monumento nacional e dividida em duas cercas que hoje serpenteiam por entre o dédalo de ruas da cidade histórica, entrecortada por torreões, como o Torreão da Ribeira no extremo sudoeste.

De uma beleza impressionante, o pano da muralha que bordejia a marginal com os seus aprazíveis jardins é entrecortado pela Porta S. Gonçalo, com os seus arcos graciosos e de bom trabalho de pedra.

A Rua da Barroca mantém o sabor medieval e permite o acesso aos Paços do Concelho através da Porta da Vila.

A cerca defendia o centro urbano, em redor da mesquita (zawaya) onde posteriormente foi construída a Igreja de Santa Maria, na Praça do Infante, iniciada em 1498 e, desde o terramoto de 1775, Igreja Matriz da cidade.

Ali próximo está o Mercado dos Escravos, hoje



Igreja de Santo António



Castelo de Lagos

transformado em galeria de pintura, forma digna de suavizar o sofrimento testemunhado pelas pedras seculares. Bem difícil será resistir à tentação de conhecer melhor tudo a que à cidade se refere, no Museu Municipal de Lagos.

Quanto ao Alcácer, ou palácio do califa Banu Mozaine, está escondido nos alicerces do Palácio do Governador de Portugal, mais tarde Cais Velho, hoje parte integrante do Hospital de Lagos.

A Igreja de S. Sebastião ergue-se altaneira, mas uma das jóias mais rutilantes do património de Lagos é a Igreja de Santo António, de estilo barroco, cujo interior é decorado de forma exuberante com azulejos e talha dourada e pinturas do Mestre José Joaquim Rasquinho.

A Igreja do Carmo, numa das colinas da cidade, oferece, num golpe de vista, uma magnífica perspectiva de todo o casario, a desenrolar-se suavemente até ao litoral.

Outra vez à beira das águas claras do mar, eis a estátua de D. Sebastião, o Rei Menino, do mestre escultor João Cutileiro. Junto aos Paços do Concelho,



na Praça Gil Eanes, encontra-se um dos belos palacetes de que Lagos é pródiga e ruma-se ao Forte da Bandeira, mesmo junto à entrada da barra. Passada a ponte levadiça, entra-se por porta de cantaria lavrada, no piso térreo, onde pequenas lojas permitem adquirir artesanato.

Na plataforma superior, a esplanada abrange a curva graciosa da baía, revelando os veleiros que lentamente navegam rumo à Marina.

Paremos também na Ponta da Piedade, o início das falésias que depois do areal junto à baía oferecem um contraste exuberante. Saindo da cidade pela antiga estrada que passa nos **Montinhos da Luz**, aldeia indecisa entre o ruralismo dos campos de amendoeiras e figueiras e o litoral, chega-se à cosmopolita **Praia da Luz**, mistura de veraneantes e pescadores.

Toma-se um pouco adiante o estradão não alcatroado que nos leva à **Boca do Rio**. Na pequena praia, outrora foz, trabalhos de arqueologia revelaram uma estação de salga romana, onde era preparado o “garum”, um molho de marisco que fazia as delícias dos banquetes da Roma imperial, que o recebia em ânforas de barro.

No cerro próximo, estão as ruínas do forte de Almádena. Feito para vigiar a Almadrava, arte de pesca do atum entretanto extinta, o forte esboroa-se docemente. Mas a paisagem e o deslumbre do sítio permanecem inalteráveis. Segue-se então para **Salema**,



Forte de Almádena



Vila do Bispo - Ermita de Guadalupe

aldeia que conserva bem vivas as suas raízes piscatórias, onde é possível assistir à chegada dos barcos de pesca artesanal, que usam a maré para chegar à praia. É aconselhável retomar nesta altura a EN 125, no cruzamento que liga à aldeia da **Figueira**, ali onde outrora se abasteciam os marinheiros de figos torrados, iguaria que os alimentava nas viagens longas. Uma outra curva da estrada e eis a pequena ermida de Guadalupe. Ali se rezaram preces quando se partia, ao sabor das ondas, nas naus e caravelas. Continuando em direcção a poente, **Vila do Bispo** surge-nos numa pequena elevação, visível da Estrada Nacional 125 (EN 125). A Vila é terra de ruas sinuosas, casas caiadas de branco rematadas com barras coloridas. Junto às portas, degraus altos de lajes de granito, polidas pela idade e pelo uso. De onde em onde, uma chaminé rendilhada recorta o céu.

A Igreja Matriz, ao lado do pequeno jardim é, ao mesmo tempo, centro da vila, paragem de autocarro e ponto de encontro, e possui uma bela fachada do século XVIII, com a nave central revestida de azulejos exibindo figuras de flores e golfinhos. Anexo, um pequeno museu com peças de arte sacra. O novo Centro Cultural constitui um atractivo com exposições constantes.

Nos arredores, os menires datados de 3000 a 4000 a.C., são um verdadeiro tesouro arqueológico. Existe um excelente roteiro editado pela Junta de Freguesia local, que marca a sua localização exacta, e que pode ser obtido gratuitamente na Junta de Freguesia ou no Posto de Turismo de Sagres.

O passeio inicia-se a curta distância, tomando a estrada antiga na direcção de Sagres, no sítio de Monte Salema. A partir daí, faz-se o trajecto a pé, à descoberta dos menires espalhados pelos campos verdejantes, onde florescem espécies de plantas raras. As praias mais próximas da vila são o Castelejo e a Cordoama, pequenas conchas de areia fina e dourada, rodeadas de altas falésias pouco escarpadas e, por isso, local de prática de parapente. Continuemos então através de paisagens deslumbrantes, para o sítio que embalou os sonhos audaciosos



Promontório de Sagres





Farol de São Vicente

de um homem que ousou descobrir o mundo para além do mar...

A **fortaleza de Sagres** é um dos monumentos de maior aura de todos quantos existem em Portugal. Símbolo dos descobrimentos portugueses, a enigmática “rosa-dos-ventos”, inscrita no lajedo da fortaleza, é mundialmente conhecida desde os finais da Idade Média, por causa do Infante D. Henrique, o Navegador. Ele concebeu o mais ambicioso e aventureiro plano que a História até àquela época registara.

A sua Academia Náutica reuniu expressiva plêiade de homens de conhecimento, expoentes nos campos da cosmografia, astronomia, matemática, geografia, navegação e construção naval. Portugueses, espanhóis, italianos, alemães e judeus vieram pelo sonho telúrico que apontava para terras distantes. “Navegar é preciso...”.

Na Escola de Sagres inventaram a caravela, aperfeiçoaram a nau, aprimoraram as determinações astronómicas e as cartas de marear, desenvolveram as técnicas de navegação para o alto mar. Ali se formaram os pilotos Cristóvão Colombo, Bartolomeu Dias, Vasco da Gama, que “com engenho e arte” romperam os limites do Velho Mundo.

Um feito de tal magnitude para a humanidade, que só viria a repetir-se quinhentos anos depois, com a chegada do Homem à Lua.

Este período áureo deixa ao mundo o testemunho inequívoco da capacidade do género humano em vencer obstáculos aparentemente intransponíveis, insuperáveis.

A fortaleza possui muralhas de belas linhas e um forte baluarte. Alvo de pirataria, do terramoto de 1755, e do enorme maremoto que se lhe seguiu, ficou quase destruído.

Reconstruído por Dona Maria I, perdeu-se muita da sua antiga linha de construção. Actualmente, funciona ali um museu uma sala de exposições, mantendo-se também a histórica ermida.

Intocável até ao século XXI, ficou a magia do Promontorium Sacrum, sítio mais a ocidente da Europa, reverentemente baptizado pelos romanos.

À distância de um golpe de vista, e a 6 Km por estrada, fica o **Cabo de S. Vicente**, assim denominado por lá ter repousado o corpo desse franciscano. A tradição conta que os moçárabes, muçulmanos convertidos ao cristianismo, trouxeram o corpo desde Pádua, para o preservar durante a ocupação sarracena.

A lenda, por sua vez, fala de corvos transformados em sentinelas contra a aproximação de estranhos. As aves seguiram o santo, cuja trasladação para Lisboa o Rei Afonso Henriques ordenou, passando por isso a integrar o brasão da capital.

Na ponta do Cabo está um farol, versão actualizada do que em 1515 foi mandado erguer pelo Bispo do Algarve para segurança dos marítimos.

Nas enormes rochas, brutas e abruptas, ecoa continuamente a sinfonia do mar. A luz, coada pela neblina salgada, multiplica os reflexos ocres da argila ou amarelo oiro dos calcários nos penhascos alcantilados.

Entre eles, praias oferecem a imensidão do oceano. É o caso da **Mareta**, com o seu pitoresco porto, o **Beliche**, ou então o **Tonel**. Contudo, o cuidado nunca é demais. O mar destas praias enfurece-se, e por vezes faz rolar

as grandes pedras, numa trovoadas assustadora. Alia-se ao vento e ergue-se em vagas poderosas perfeitas para o surf ou o bodyboard, mas que se esmagam de encontro às rochas e criam correntes traiçoeiras, escondidas por cortinas da espuma alva das ondas.

Já com saudade, estranho sentimento tão português, toma-se a estrada mais próxima da costa, retornando a **Vila do Bispo**. Terra com cheiro a mar e marisco, apesar de rodeada por pastos e florestas, é agora altura para uma pausa gastronómica, para saborear um sargo grelhado, uma lagosta suada, uma caldeirada de peixe ou os frescos perceves.

Tempo ainda para um pequeno desvio, à esquerda, em direcção à praia do **Castelejo**, caminho que leva até à Torre de Aspa, o ponto mais alto da zona. Ponto de vigia ancestral dos contrabandistas, que traziam



Praia do Tonel



Vista da Torre d'Aspa



Vila do Bispo - Arquitectura Tradicional

as suas mercadorias para terra em pequenos barcos a remos. Tem especial interesse para os que apreciam o voo vertiginoso das aves de rapina, como os falcões e as águias pesqueiras que escolhem os rochedos escarpados para procriarem.

Na Vila, opta-se desta vez pela direcção de **Aljezur**, para mergulhar no coração do Parque Natural da Costa Vicentina e do Sudoeste Algarvio, uma paisagem especial, diferente, com a Natureza intocada pela passagem dos tempos e dos homens. Chegaremos em breve ao cruzamento que conduz a **Pedralva**, uma minúscula aldeia, logo seguida por **Pero Queimado**, por entre os fragrantos eucaliptos. Continuando para sul, em breve chegaremos de novo à EN 125 à piscatória **Budens**, em busca da Igreja Matriz com altares em talha dourada e de duas bonitas ermidas: a de Santo António, aninhada no panorama verdejante em redor, e a de São Lourenço, com um belo frontal de altar

em azulejos do século XVIII. Nas proximidades, alguns moinhos, hoje apenas pitorescos e decorativos. Inflectindo de novo para o interior, uma curta viagem leva-nos a **Barão de São João**, onde predomina o encanto rural da arquitectura tradicional, passando por **Barão de S. Miguel**, ambas na orla de uma Mata Nacional. Subindo já pelo barrocal, anunciado pelas figueiras, amendoeiras e alfarrobeiras, chega-se a **Bensafrim**, que em árabe significa feiticeiros, numa analogia com o verbo sahara (encantar). Encantemo-nos então com as casas de grés vermelho, por entre hortas verdejantes e pomares de amêndoas, desde sempre carregadas nas mui artesanais alcofas de esparto ou de empreita de palma. Já ansiosos por espriar de novo os olhos sobre uma planura líquida, segue-se até à Barragem da Bravura, lago feito pelos homens, para seguirmos para **Odeáxere** e, através de um estradão não alcatroado, irmos desembocar nos Palmares, colina sobranceira à Meia Praia. A propósito, esta é uma das mais belas praias do Algarve. São 7 Km de areias finas e impolutas, dunas ondulantes e pequenos mas sofisticados restaurantes, oferecendo as iguarias que os pescadores retiram do mar no mesmo dia. Isto sem esquecer outros desportos náuticos e o Golfe dos Palmares, cujo green segue as ondulações da colina, acentuando o contraste do horizonte marinho e o mundo bucólico, onde alguns solares rurais deram origem a turismo de habitação, enquanto outras quintas se transformaram em resorts de luxo.

Chegados à **Marina de Lagos**, voltemos à cidade, para usufruir da intensa vida nocturna e cultural. Fazendo jus à tradição de ser um ponto de encontro de povos e culturas, a cidade ilumina-se e a única dificuldade é escolher.

A agenda cultural desdobra-se em espectáculos de cariz tradicional, a par de outros, como o teatro e a música erudita, no Centro Cultural de Lagos. Música ao vivo, acontece amiúde nas praças do centro ou nos bares e restaurantes. Não faltam igualmente as discotecas e os pubs, espaços que celebram a alegria de viver.



Marina de Lagos



Lá de cima, em Monchique, a vista é deslumbrante sobre o ocidente meridional. Dois mares no lusco-fusco sófrego de um olhar, a luminosidade de cal aos nossos pés, perto e longe, lá onde sabemos estarem Lagos e Portimão. Também rodeámos antigas casas de pescadores, actuais segundas casas amiúde cheias com veraneantes de ocasião, praias de falésias, laixões e gaivotas amantes de espuma e areias que lhes moldem as patas ao fim da tarde. Nas preservadas ameias do dominador Castelo de Silves adivinharemos guerras com setas, catapultas e azeite fervente, divisaremos o mesmo sangue rubro vertido por mouros e cristãos na última das conquistas, há sete séculos. Nas estradas da serra contornaremos a menos mediterrânica das paisagens algarvias. Há por ali parentescos maiores com Sintra e Monserrate, diz-se. Mas também com a Floresta Negra, os Picos da Europa, as frondosas paisagens madeirenses. Entre os amieiros e o cheiro do pinho, por entre o vento fresco e a humidade circundante canta o paraíso da floresta: é um banho diferente para a pele e os olhos que agora se propõe. Mas também para a alma, lá, nas cercanias da Fóia, onde por entre penedos agrestes se divisam esses outros paraísos do turismo, em muitas dezenas de quilómetros do sudoeste português.

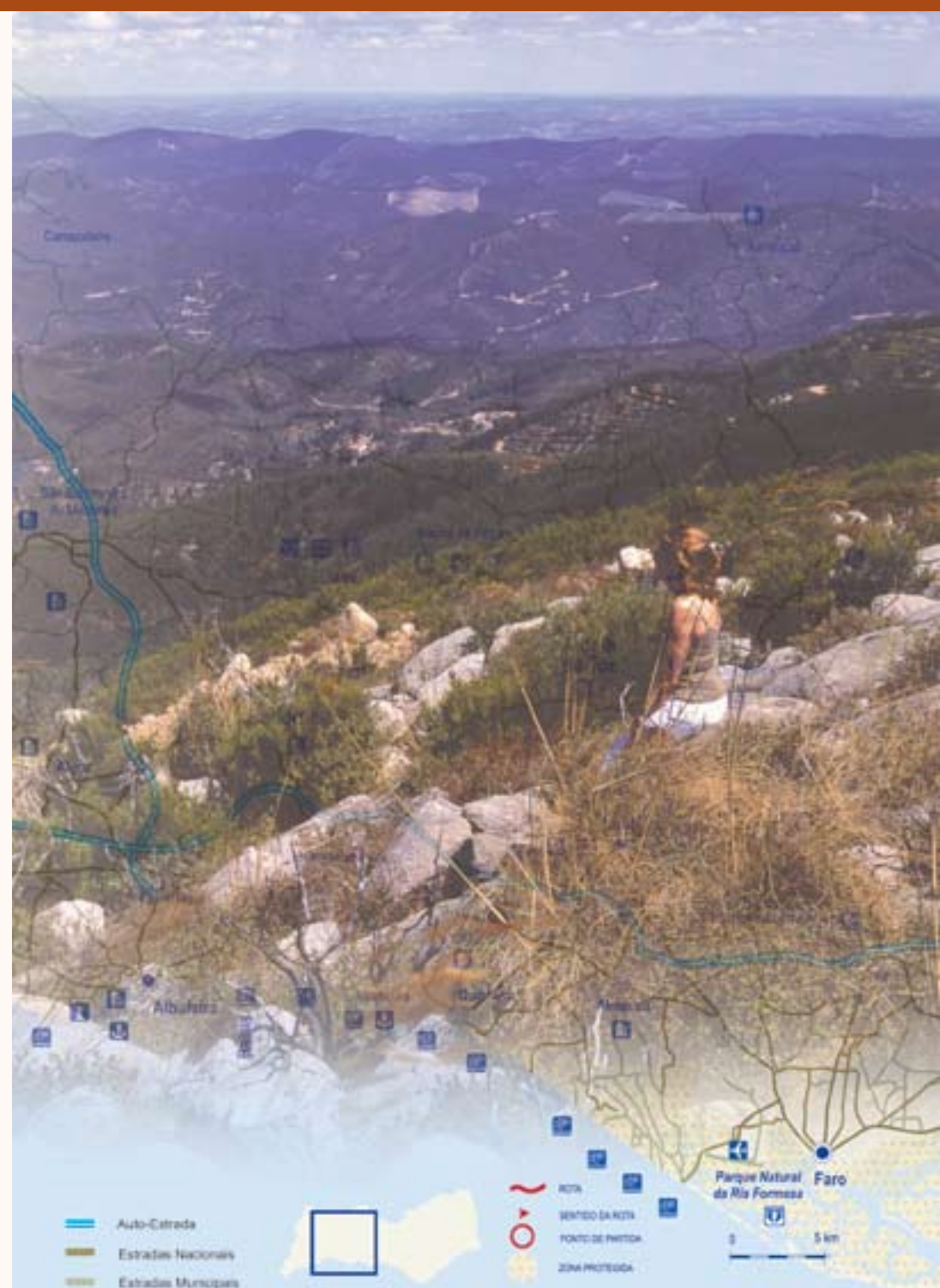




#### RESUMO DO PERCURSO

Portimão » Ponta de João Arens » Alvor » Alcalar » Fôia » Monchique »  
Caldas de Monchique » Porto de Lagos » Silves » Lagoa » Estombar » Sítio das Fontes »  
Carvoeiro » Algar Seco » Ferragudo » Portimão

- |                   |           |           |                                     |
|-------------------|-----------|-----------|-------------------------------------|
| Reservas Naturais | Fozil     | Monumento | Termas                              |
| Aeroportos        | Marina    | Museu     | Espaços Naturais de Recreio e Lazer |
| Barragens         | Miradours | Pistas    | Morro                               |



- |                     |
|---------------------|
| Auto-Estrada        |
| Estradas Nacionais  |
| Estradas Municipais |



- |                  |
|------------------|
| ROTA             |
| SENTIDO DA ROTA  |
| PONTO DE PARTIDA |
| ZONA PROTEGIDA   |

Parque Natural da Ria Formosa  
Faro  
0 5 km

Esta Rota circula entre Portimão e a Fóia e iremos dos grandes rochedos da Praia da Rocha, que o mar lambe e o vento acaricia moldando-os em caprichos encantadores da Natureza, até ao sítio mais alto do Algarve, a Fóia, que se ergue altaneiro no cenário verde da Serra de Monchique.

Um olhar por variados algarves, um passeio feito de contrastes e surpresas.

Parte-se de **Portimão**

descobrimos antes, a cidade turística vibrando de vida, a urbe que nasceu entre as margens do rio Arade e o mar.

A história diz que fenícios, gregos, cartagineses, romanos e árabes subiram o rio Arade até Silves, e deixaram vestígios na região. Mas são os Descobrimentos Portugueses, em pleno século XV, que fazem

nascer a moderna Portimão.

Um giro pela cidade inicia-se inevitavelmente no centro histórico que retém alguns panos das muralhas medievais entre o casario. Porém, é a arquitectura dos finais do século XIX e início do século XX que marca o perfil destas ruas, com casas de dois pisos, varandas de ferro forjado, cantarias enobrecidas nas janelas e portas e paredes revestidas a azulejos. As ruas estreitas do antigo bairro de pescadores e comerciantes, como o Largo da Barca, na Rua Nova, ou do Postigo da Igreja são disso exemplo.

Quanto a monumentos, visite-se a Igreja de Nossa Senhora da Conceição com o seu portal de grés, inscrito numa bela fachada. Junto ao rio, pouco distante da barra, está o Convento de S. Francisco, construído em 1535. Da sua igreja, tão sóbria quanto a parte conventual, ficou-nos um lindíssimo portal.

Segue-se o Colégio dos Jesuítas, de linhas austeras e



Monchique - Fóia

majestosas, mandado construir entre 1660 e 1707, por Diogo Gonçalves, fidalgo enriquecido no Oriente. A sua igreja, a mais ampla do Algarve, é de uma só nave (característica das igrejas salão). A Capela de São José, de fachada simples, situa-se na zona antiga da cidade, frente aos estaleiros navais. Ali perto está a antiga Fábrica de Conservas Feu transformada em Museu Municipal, instalado no edifício do final do séc. XIX, um belo exemplar de arqueologia industrial.

A Marina de Portimão oferece, por sua vez, uma trepidante zona de animação e comercial e uma bela praia artificial.

Ali perto, na **Praia da Rocha**, as falésias enquadram a vasta concha de areia. No miradouro da Bela Vista, o azul do mar confunde-se com o horizonte, cintilando ao sol.

A Fortaleza de Santa Catarina de Ribamar olha vigilante a foz do Arade e, em conjunto com o Forte de São João, do outro lado do rio (em **Ferragudo**), assegurou em tempos idos defesa da cidade e do porto.

Saindo da cidade para Oeste eis a **Praia do Vau**, cuja imagem de marca são as águas amenas e tranquilas e as areias finas. Um pouco adiante, a Ponta de João Arens é um miradouro natural, extremo das arribas que envolvem a praia dos Três Irmãos, enquanto a **Prainha** se esconde entre rochedos onde adejam gaivotas e cujas zonas submersas são muito frequentadas pelos apreciadores do mergulho. As águas límpidas permitem desvendar os mistérios subaquáticos e quiçá, algum tesouro proveniente dos muitos navios que aqui naufragaram ao longo dos séculos.

A próxima paragem é em **Alvor**. Um pequeno paraíso inigualável, a Ria de Alvor tem de um lado o mar e do outro o vasto estuário da ribeira, separados pela extensa duna. Cenário de uma quietude total, que se pode gozar mais de perto em inesquecíveis passeios de barco.

Os pescadores artesanais mantêm intactas as artes de pesca e mariscagem, mais os seus barcos coloridos. Diz a tradição que terão vindo de Monte Gordo, uns para tentar embarcar para o Novo Mundo, outros fugindo do Marquês de Pombal, que mandou arrasar as suas cabanas na praia para os obrigar a viver em Vila Real de Santo António. As aves migratórias fazem os seus ninhos nos sapais, planam e volteiam sobre as águas baixas junto ao areal, riscando com as suas asas o azul do mar.

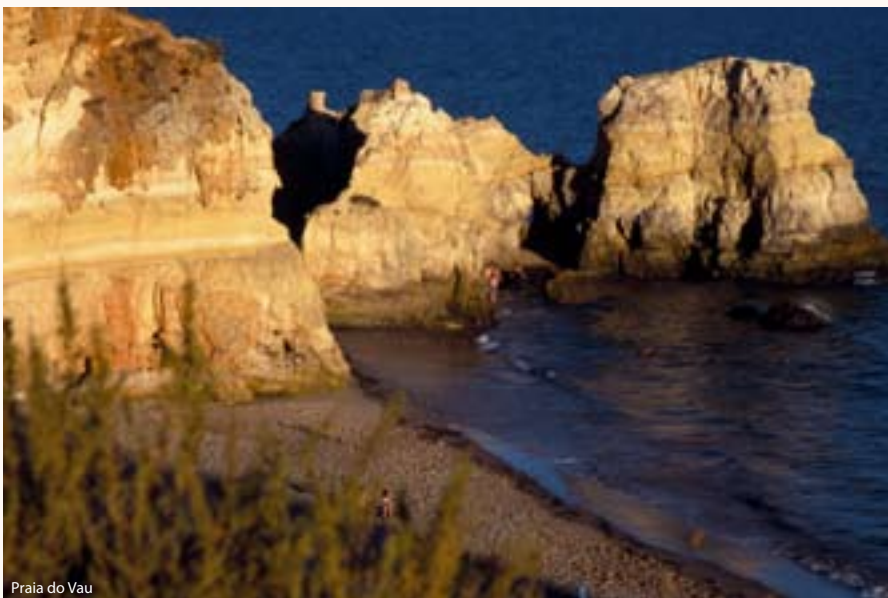


Ferragudo



Portimão - Praia da Rocha





Praia do Vau

Vale a pena espreitar a Igreja Matriz, com pórticos de estilo manuelino, profusamente lavrados. Uma curiosidade: a sacristia, anexa à igreja, é um antigo morabito árabe. Do adro da igreja goza-se um excelente panorama da Ria.

As ermidas de São João e de São Pedro, de forma cúbica e cúpula esférica são outros tantos morabitos árabes. Do Castelo de Alvor restam apenas dois troços da muralha com casas adossadas. E junto à pacata aldeia de **Montes de Alvor**, o aeródromo permite desportos como o pára-quedismo, ou então transportes privados rápidos.

Seguiremos depois para a Tapada da **Penina**, que em hebraico significa pérola.

Neste antigo arrozal, nasceu o primeiro campo de golfe do Algarve, desenhado por Sir Henry Cotton e rodeado por enormes e frondosas árvores. Os aficionados têm nesta zona outros campos, de reconhecida qualidade internacional.

Pela EN 125 e na direcção de **Lagos**, basta seguir as indicações para aceder às Ruínas de Alcalar. Os vestígios arqueológicos comprovam uma presença humana que vem desde o neolítico. O monumento resistiu mais de 4000 anos. No Centro Interpretativo encontra o visitante informações para saciar a curiosidade. Um pouco mais adiante estão os vestígios de uma villa romana construída no séc. III dC, por um rico proprietário rural, na confluência das ribeiras do Farelo e da Senhora do Verde. É nos belos mosaicos que reside a maior riqueza das Ruínas da Abicada. Estamos já no barrocal algarvio, e passaremos pela aldeia da Senhora do Verde, coleando por uma estradinha de montanha, através de espectaculares plantações de sobreiros e vales cultivados. O zambujeiro, a oliveira ou a alfarrobeira revezam-se com plantas selvagens e aromáticas. Associada a esta impressionante diversidade de plantas subsiste uma fauna abundante. Entre as aves, destacam-se as aves de rapina diurnas e nocturnas e muitos pássaros como o abelharuco, o papa-figos, o charneco, o picanço, o pintassilgo, o verdilhão ou as toutinegras.

Breve chegaremos a **Casais**, a 8 km no sopé do sudoeste da Fóia; a curta distância encontram-se a Quinta e a Capela de Santo António, fundadas pelo bispo de Silves (1501 a 1536), D. Fernando da Silva Coutinho.

Virando em **Casais**, na EN 267, em direcção a Marmeleite, 4 km depois está a **Portela Baixa**, local de onde se avista a costa desde Quarteira ao Cabo de São Vicente. Há que seguir a estradinha que se dirige ao **Chilrão**, numa encosta bafejada pelo vento do Atlântico, enquanto a vegetação vai rareando à medida que subimos, até ser só tojo e urze.

E eis-nos no **Miradouro da Fóia**, no topo da serra, a 902 metros de altitude, num dos mais belos panoramas do Sul, que abrange um amplo horizonte que se estende pelo litoral e pelas ondulações do Alentejo. Em dias claros, vê-se de Sagres a Faro, a Sul, ou a Serra da Arrábida, a Norte.

A paisagem difere do resto do Algarve, desenrolando-se em socacos e nascentes a borbulhar. A fonte da Fóia, a 798 metros na encosta noroeste, mantém um caudal inalterável, seja Inverno ou Verão, e uma temperatura constante de 14º Celsius, dando a ilusão de fresca nos dias quentes e tepidez no tempo mais invernos.

Desce-se para **Monchique**, onde há hortênsias e camélias um pouco por todo o lado e o Largo de São Sebastião é de passagem obrigatória.

No casco urbano da vila avultam a Igreja Matriz com o pórtico principal manuelino, a Capela do Santíssimo, as igrejas de São Sebastião, da Misericórdia a Ermida do Senhor dos Passos. As ruínas do Convento de Nossa Senhora do Desterro, a menos de 1Km, estão rodeadas de arvoredo e daí goza-se um admirável panorama. Mesmo ao lado, ergue-se a maior magnólia da Europa, classificada como património natural.

Os “sítios” como aqui se usa chamar às quintas ou pequenas aldeias, convidam a passeios a pé e a cavalo, ao cicloturismo e à fotografia panorâmica.

Sabe bem, depois de uma tão variada panóplia de verdes, fazer uma pausa para saborear a gastrono-



Miradouro da Fóia





Fóia - Miradouro

mia, que a cozinha de **Monchique** é interessante e com combinações assaz curiosas, como os pratos de arroz com castanhas, as papas moiras feitas de milho, ou a típica assadura de porco. Particularmente saborosos são os enchidos artesanais de porco preto, o presunto curado à antiga. Nos doces, destaque para o bolo de tacho e o pudim de mel. Terra de medronho, selvagem e espontâneo, o seu mel e a sua aguardente são famosos.

Encetaremos o regresso ao litoral saindo da vila pela EN266 ao longo da estrada, as pequenas lojas de artesanato são uma tentação, com as cadeiras “de tesoura”, inspiradas nos assentos romanos, a cestaria de vime, a tecelagem.

As **Caldas de Monchique** surgem agora na curva da estrada, entre o verde da montanha e o azul do céu. Aqui se localizam as Termas de Monchique, onde brota uma água leve, pura e cristalina, que os romanos baptizaram de “sagrada”, por aliviar o reumatismo e afecções das vias respiratórias. O seu mais ilustre hóspede foi o rei D. João II. Com o seu perfume romântico, nas termas apetece muito passear entre eucaliptos e sobreiros, subir até ao topo da Picota, cujos declives oferecem uma vista magnífica.

Ainda na mesma estrada, bordejada de vegetação luxuriante, chegaremos a **Porto de Lagos** no vale da **Ribeira de Odelouca**, um antigo



Ribeira de Odelouca

porto fluvial usado até ao século XIV. Conta a lenda que uma princesa moura e um príncipe cristão fugiram juntos. O pai dela, furioso, perseguiu-os até à ribeira, onde a pobre princesa, ao tentar ficar com o seu amado, se afogou. O pai, desesperado, chama-a: “Oh! de louca!” E o nome ficou.

Não andaremos mais de 10KM até **Silves**, a magnífica Xelb, onde califas, príncipes e poetas viviam no “Palácio das Varandas”, debruçado sobre o Arade. O seu belo Castelo de grés domina a paisagem. Bastam alguns passos até à porta do Museu Municipal de Arqueologia, construído em torno de uma cisterna do séc. XII, de vários andares. Uma visita à Igreja da Misericórdia, com porta de estilo manuelino, ou à antiga Sé Catedral, torna-se também indispensável.



Silves - Museu Municipal de Arqueologia

Calha mesmo bem, agora, espreitar o Museu da Cortiça, integrado na “Fábrica do Inglês” um complexo de lazer instalado numa antiga fábrica de cortiça.

Toma-se a seguir a via a nascente da cidade, na direcção de **Enxerim**, para a Cruz de Portugal, um cruzeiro quinhentista de 3 metros de altura e ricamente esculpido.

Ao sossego de estar entre colinas suaves e pedras com história, junte-se o exotismo do Centro Cinagético, a cerca de 6KM de distância de Silves. O Centro de Caça Turística está instalado numa velha escola primária recuperada. Tímidos,



Monchique - Caldas de Monchique



os veados e os gamos dividem o espaço com faisões, gamos e águias que ali se recuperam, quando feridos ou doentes, para depois retornarem à liberdade.

A gastronomia de Silves recorre a sabores antigos e olorosos, como a sopa de batata à antiga, com hortelã e pão caseiro. Pelo Arade vinham os carapaus que se “alimavam” em salmoura, e da serra a caça. O bolo real, o doce de ovos ou as meias luas, são os doces tradicionais. Na fruta, nada melhor que a laranja algarvia.

A Lenda das Amendoeiras é uma das mais antigas e em **Silves** foi aplicada aos amores da nórdica Romaiquia e a Al-Mu'tamid, poeta e príncipe da cidade, filho do califa de Sevilha. Conta a lenda que a bela princesa morria de saudades por não ver a neve, como na sua terra. Para lhe agradar, o príncipe do sul que a raptara, mandou plantar em todos os campos amendoeiras para as flores alvas se confundirem com os flocos tenros. Curou-se a princesa das saudades e assim viveram felizes.

Embalados pelas lendas, sairemos da cidade atravessando o Arade e seguiremos a estrada que liga a **Lagoa** passando pela Venda Nova, envolta em laranjais.

E não serão mais de 6KM até Lagoa, a que os árabes chamavam Abenabece. Ao sol amadurecem as castas de uvas de excelente qualidade. Distando a cidade cerca de 5 KM da costa, vive-se aqui um ambiente calmo com invernos amenos desafiando a passeios equestres ou pedonais.

O seu monumento mais importante é o Convento de S. José, agora usado como centro cultural, com uma galeria de exposições. Construído no século XVIII, possui uma torre com miradouro e um arco sobre a rua. Na entrada existe uma Roda dos Expostos onde outrora se depunham, sob anonimato, crianças abandonadas. Nos jardins pontifica um menir, datado de 5000 a.C. e deslocado da zona de Porches.

O artesanato ainda está presente no quotidiano de **Lagoa**, em especial a olaria, colorida com belos tons de azul e decorações campestres e marinhas. As delicadas miniaturas de barcos de pesca e carroças são ex-libris da arte popular.

Andaremos cerca de 2KM até **Estombar**, uma pequena aldeia cuja Igreja nos fascina ao primeiro olhar, por causa dos azulejos setecentistas e de duas colunas, únicas em todo o país, que são totalmente recobertas de ornamentações, reproduzindo plantas exóticas e figuras que dão ao conjunto um toque oriental.

É bom ceder ao apelo da água do **Sítio das Fontes**, situado a cerca de 1KM, na margem esquerda do Rio Arade,



Silves - Museu da Cortiça

um parque de lazer, ou mais propriamente um ecomuseu com oliveiras centenárias, lírios selvagens, orquídeas bravas, cardos e choupos, em orgia de cores de uma natureza caprichosa.

Estamos já de novo junto ao mar, andados 4 km até ao **Carvoeiro**, de cuja praia os coloridos barcos dos pescadores partem para a pesca. Perto (800 m) ficam as insólitas rochas esculpidas pelo vento e pelo mar do Algar Seco, as suas formas fantásticas formando a romântica “Varanda dos Namorados”. O local é fascinante, com 18 grutas visitáveis de barco, e acessíveis por secretos itinerários ao longo da falésia.

Após contemplar a beleza da Praia do Pintadinho, nas falésias sobranceiras, será necessário retroceder e passar por Mato Serrão e tomar a direcção de **Ferragudo**. A aldeia de pescadores deve o nome a um “ferro agudo”, usado para puxar do mar as redes prenhes de sardinha.

A Igreja de Nossa Senhora da Conceição dependurada sobre o porto, no cimo de uma curiosa escadaria, tem uma interessante colecção de ex-votos, de homens do mar, em reconhecimento de salvamentos milagrosos.

Para guardar a foz do Rio Arade, construiu-se em Ferragudo a fortaleza de S. João. Hoje, a fortaleza e a aldeia são um refúgio privilegiado de lazer do seu porto partem os cruzeiros de passeio para a subida do rio, passando pela Ilhota onde está erigida a ermida do Rosário, por entre um panorama de fragueiros, montes e grutas das margens do rio.



Estômbar - Igreja (pormenor)



Igreja de Estômbar

De regresso a **Portimão**, é tempo de provar a gastronomia local, nos inúmeros restaurantes que a oferecem. A proximidade do mar elege a sardinha assada e as amêijoas como principais expoentes petisqueiros. A doçaria assinala a importância dos frutos secos e é elemento primordial do património gastronómico.

Portimão ferve de vida, e a única dificuldade será escolher onde jantar e que local escolher para terminar alegremente o dia ou mais propriamente a noite, onde o casino, com os seus espectáculos, surge como uma boa opção.



O mais alentejano dos algarves espraia-se na costa atlântica. De Odeceixe a Vila do Bispo, de branco se veste a vista do passeante: ao longe, tiras de espuma, como inocentes farrapos, engolem a areia fina na paisagem de praia a perder de vista.

O outro branco das casas persegue-nos nas deambulações rumo ao Sul: o casario de cal em Odeceixe, essoutro de Aljezur, pedaços de História que desvirginam sem estupro a rasteira paisagem vicentina. Lá em baixo, por toda a costa, veios serpenteantes de águas claras sulcam a paisagem antes de se perderem na imensidão atlântica. Ao lado, parados nas margens e no tempo, sonhadores de boné e camisa aos quadrados tentam a sorte, que esparsamente lhes há-de chegar das águas cálidas. Encontrá-los-emos iguais na diversidade, no mesmo passeio mas mais para Sul, cana apontada ao céu e às américas, corajosos equilibristas na ponta de uma rocha, à espreita da luta na beira do precipício.

Para cá da falésia em que se empoleira o aconchego da cegonha, campos pontuados de flores singulares, amarelas, rubras e roxas, dão boas-vindas às aves migradoras, fingem-se obstáculos no serpentear inconsciente dos répteis. Deliciam-nos o olhar, tingem-nos os sentidos, subitamente esquecidos da cidade dos magotes.







A Aljezur chega-se, para quem se encontra na costa Sul, pela estrada EN 120, sendo **Lagos** a última grande cidade do litoral, antes de nos embrenharmos no território do Parque Natural da Costa Vicentina e do Sudoeste Alentejano. A estrada serve de fronteira ao Parque, que se estende até ao litoral. Em tradução liberal, Aljezur significa, em árabe, a ribeira das pontes - seriam necessárias, quando a ribeira era navegável. O assoreamento levou ao estagnar das águas, tornando difícil a vida das populações. Preocupado com a sua saúde, o Bispo D. Francisco Gomes, no século XIX, quis transferir a aldeia para a colina em frente, e mandou erguer por isso, a Igreja na vila nova. Ou porque a insalubridade se resolveu, ou por resistências que neste casos sempre existem, Aljezur ficou dividida em duas. A vila velha descamba em presépio até à ribeira, as casas alinhadas em socalco, desde o castelo de forma octogonal, conquistado aos árabes em 1246 por Pedro Peres Correia. Atribui-se aos árabes a construção do castelo de Aljezur, que, no cume mais alto se limitaram a erguer uma cora de xisto e duas torres, uma redonda e outra quadrada, para defesa perfeita do lugar. Conta a



Aljezur - Praia da Artífana



Vila de Aljezur

lenda que os árabes foram surpreendidos a banhos na magnífica praia da Amoreira, a cerca de 6 km de Aljezur, e aí dizimados até que a água ficasse vermelha. O tempo apagou o horror facinora, mas manteve as belezas naturais.

Acede-se ao castelo pelas ruas íngremes da vila velha, e se o monumento está em mau estado, o panorama que se vislumbra vale por si só. Lá em baixo, fica a várzea fértil e cultivada. Depois, o Cerro das Mós e por fim os contrafortes da Serra de Espinhaço de Cão.

Quando descer, impõe-se um olhar atento à Casa Museu Pintor José Cercas, que permite conhecer a vida de um filho ilustre de Aljezur e da sua época. A dois passos, fica o Museu Municipal, com um núcleo Arqueológico e outro Etnográfico, e também uma Galeria. O Museu Antoniano, de Arte Sacra, está instalado numa antiga capela, construída no séc. XVII.

Tome nota, para quando a fome apertar, que a gastronomia local permite saborear as papas mouras: o clássico "xarem" algarvio, confeccionado com farinha de milho mas com um tempero especial, cheirando a cominhos. Incontornável, é o naco de vitela tenro e alto, os sargos suculentos. A seu tempo, que chega no virar do Outono, a batata doce entra para os cozidos, transforma-se em pastéis que aqui se fazem como em nenhum outro lugar.



Castelo de Aljezur

Na vila velha moram muitos dos artesãos. A Rua do Nascer do Sol, é onde pode surpreender as mulheres fazendo as suas rendas. Um pouco mais abaixo, outras inventam deliciosas bonecas. Os homens estão mais virados para a cestaria, enredando as canas ou os vimes, à compita com os seus vizinhos. Seguindo no encalce dos artesãos, encontraremos noutras ruas de pequenas casas brancas a cerâmica e artefactos de conchas recolhidas nas praias, que marcam uma cultura popular e se imiscuem no dia-a-dia de quem escolheu um estilo de vida sereno.

Atrevessada a ponte para a vila nova, ao virar a curva, fica a Igreja Matriz, onde ressaltam a imagem da

padroeira, Nossa Senhora de Alva, um cálice gótico e um cofre eucarístico. Deixemos então o casario, em busca das praias escondidas por entre as falésias, não sem antes referir um trilho pedonal: o percurso entre o morro do castelo e a **Praia da Amoreira**, pelas margens da ribeira. Se o tempo sobrar, já que são cerca de 6 km, deite pés ao caminho, para não perder uma pequena maravilha.

Pela saída norte (EN120), a 7 km, façamos a primeira incursão ao litoral para espreitar a **praia da Carriagem**.



Aljezur - Igreja Matriz

Terá o privilégio de observar o voo de inúmeras aves marinhas. Águias, açores e gaviões, vigiam do alto, usando os ventos para planar. Teremos de usar o mesmo estradão para regressar ao asfalto, embora quem seja mais destemido e

tenha carro apropriado, possa seguir o atalho à esquerda, sensivelmente a 3Km da costa. Neste trilho, nos campos alternam a batata doce e as vinhas.

Muito em breve chegamos ao **Rogil** onde é imprescindível a visita ao moinho, entretanto recuperado. As pás voltam a cantar ao vento, e fazem sinfonia com os melros, rouxinóis e pintassilgos.

Quanto à gastronomia, arrisque-se a uma prova de vinho do Rogil. Com cuidado, porque a produção é artesanal e o sabor a refresco é enganador. Para acompanhar, nada melhor que os pastéis de batata doce, ou a dita simplesmente

assada. Ou talvez uma sandes de moreia frita, se o mar a deu e a maré esteve de feição. Sabores simples, fortes e únicos. Uma espreitadela às lojinhas junto à estrada vai revelar-se compensadora, especialmente para quem gosta de artesanato. Aqui se fabricam as características chaminés do Algarve. Profusamente



Praia da Carriagem



Moinho do Rogil

decoradas, em rendilhados caprichosos, há-as de todos os tamanhos, tanto para encimar os telhados, como para decoração.

Um outro desvio, sempre em estradão não asfaltado, conduz-nos à pequena **aldeia de Esteveira** e daí à praia da Samoqueira.

O acesso não é dos mais fáceis, mas é definitivamente compensador. Aí está o paraíso deserto, o sonho de todos os viajantes. Um pequeno ribeiro formou na foz uma concha de areia. Na baixa mar, por entre as poças de água cálida vagueiam camarões minúsculos e transparentes.

Retornando à EN 120, passemos por **Maria Vinagre**, onde os búzios encontrados nas paradisíacas praias em redor são matéria-prima para trabalhos artesanais. E nos restaurantes da zona, comem-se mariscos acabados de capturar.

O percurso até **Odeceixe** é ladeado de frondosas árvores. A vila está situada num vale estreito, e é clara a simbiose campo/praias. Pinheiros e eucaliptos erguem-se majestosos. Lá no alto, está um moinho reconstruído e a funcionar, com uma bela vista sobre a aldeia. No interior, uma mostra de utensílios segue todo o ciclo da moagem.

No artesanato, os trabalhos em couro são muito apreciados. Daqui até à foz da ribeira de Odeceixe, distam 4 km. Em cada uma das margens há uma praia diferente. No lado sul está instalado um



miradouro.

A paisagem surpreende-nos pela sua constante mutação. Vira a maré e além surge um pequeno banco de areia. Enche a ribeira e acolá desaparece o canal existente. Como num passe de magia, vemos ora uma praia, ora um rio impetuoso, ora um manso riacho.

Tudo por culpa do encontro entre o mar impetuoso e as águas doces da ribeira. Do outro lado do cerro fica o Alentejo, que os rios sempre se fizeram fronteiras, pondo-lhes os homens pontes em cima, para que as margens sirvam para unir e não para separar.

Fiquemos no Algarve, com regresso aprazado (EN 120) a Aljezur, que desta vez iremos atravessar, e



andados 2 km, seguir o desvio de **Vale da Telha**. Junto à costa, a direcção norte leva-nos à Praia de **Monte Clérigo**. O mar cavou grutas de formas excêntricas, deixou rochas espalhadas na areia, as ondas fazem as delícias dos que praticam desportos radicais.

Tornaremos ao cruzamento, não sem antes deambular pelo pico das falésias, uma fabulosa vista panorâmica. Por vezes, o voo das aves compete com as asas dos ultraleves e a copa dos parapentes. Apontando desta vez a Sul, até à **Praia da Arrifana**, deparam-se-nos rochas imponentes que abrigam o pequeno porto de pesca artesanal.

É uma zona da costa particularmente acidentada, entre a Pedra da Carraça e a da Atalaia, mas por isso mesmo de grande beleza. Ali, o mar zangou-se e quis levar consigo bocados de rocha escura. Um combate interminável, com as ondas a rebentarem em fúria, nos dias de maré viva, ou em poderosas e calmas vagas. Na rampa que dá acesso ao porto, equilibram-se as casas dos pescadores. Eles sabem que nas “pedras” existem os melhores pesqueiros da costa vicentina, que podem ser degustados nos pequenos restaurantes locais.

Na Pedra da Agulha, um rochedo cónico que se ergue frente à praia, os pescadores de perceves, como é da tradição, amarram-se com uma corda ao rochedo, esperando no fio da navalha que o vaivém bravio das ondas lhe permita ter acesso aos bancos de marisco, situados abaixo da linha de água. Sobem,

depois, com o saco às costas, encharcados até aos ossos, para depois colher este arisco fruto do mar, cujo sabor não tem melhor descrição do que a simples frase: sabe a mar.

Um curto percurso de 3km leva-nos até **Vales** e a seguir continua-se em direcção ao Sul, pela EN 120 passando pelas Alfambras. É em **Espinhaço de Cão** - nome da aldeia e da serra que a rodeia - que se envereda pelo desvio para Oeste, numa estrada envolta em luxuriante vegetação, com recantos onde o tempo parece ter parado, até se alcançar **Monte Ruivo**.

A Natureza caprichou em aromas e cores e entende-se a verdadeira razão de nos encontrarmos num Parque Natural. O ar cheira a rosmaninho e a alecrim. Nas curvas da serra



cresce o sobreiro, o pinheiro, e o medronheiro, selvagem e espontâneo, de cujas bagas se faz a tão afamada aguardente de medronho.

Os eucaliptos balançam empurrados pela brisa. Um rebanho pachorrento de vacas castanho-dourado olha-nos com curiosidade, descoberto o seu esconderijo num pequeno e estreito vale, que o trilho torneou. O verde da esteva está salpicado de flores silvestres vermelhas, amarelas e lilases.

É o sítio onde se esconde o lince, o javali, ou o gato bravo. As codornizes atravessam a estrada em voo rasante. Não é difícil ver pequenas lebres a saltitar e por vezes os populares comentam a passagem da raposa.

Na intersecção com a EN 268, volta-se de novo para Sul. Andados 5 km, entramos na



**Bordeira** e são poucos os metros que nos separam da Igreja Paroquial. Alvo e simples, o templo é anterior ao terramoto de 1755. Lá dentro uma só nave, sustentada pelo arco triunfal. De estilo neoclássico, os altares são em talha dourada. Ao seu lado está o cemitério com um belo portal de estilo manuelino.

As casas da Bordeira obedecem ao estilo berbere, com telhado de uma só água. Protegem-se de ventos e intempéries seguindo os declives do monte.

A próxima paragem é na **Carrapateira**.

A aldeia tem existência secular e quase se esconde por entre as dunas, mirando a ribeira que lhe corre próximo.

Conta a história que os corsários, marroquinos e outros, obrigaram à construção do forte em 1673 por D. Nuno da Cunha de Ataíde, Conde de Pontével e Governador do Reino. O forte envolveu o templo, de construção anterior, como atestam os retábulos de Santo António e São Pedro (séc. XVI).

Diz a lenda que muitos dos naufrágios de corsários eram provocados pela sinalização incorrecta das falésias. Os habitantes, ao ver o inimigo, acendiam fogueiras que os conduziam à costa escarpada, donde não conseguiam escapar.

As dunas em volta mudam conforme o capricho do vento e das marés. A esta vagabundagem, opõem-se frágeis e modestas plantas selvagens, sentinelas contra os desvarios do oceano. Há répteis e cágados a espreitar do cimo de pedras coloridas. E nas margens da ribeira, as lontras chapinham descuidadas.

Chegados ao cume do cerro mais próximo, há que espraia a vista, sobre o azul escuro do oceano ao longe, os verdes vegetais mais perto, entrecortados pelo branco de cal das casas, participação dos homens nesta

paisagem ímpar.

Entre a **Praia da Bordeira** e a **Praia do Amado**, a estrada junto ao mar permite divisar o perfil de altas arribas a mergulhar na espuma alterosa das ondas. As areias estendem-se terra adentro em dunas extensas, ou são ninhos bordejados por rochas. A Praia do Bordeira, o **Pontal**, o **Palheirão**, ou a Ilha do Forno seguem a correnteza caprichosa das penedias em despique com o mar.

Aqui se despede o Sol da terra, rumo à vastidão do Atlântico, e fica o mar a bater nas falésias agrestes, onde o único som é o marulhar das ondas e o adejar das gaivotas. Sente-se a forte brisa marítima e o sol pinta uma paleta de cores no mar revolto.

Continuando para Sul, na EN 268, a próxima paragem é **Vila do Bispo**, de seu primeiro nome Santa Maria do Cabo. Na Igreja Matriz encontra-se um belo conjunto de azulejos do séc. XVIII e o Centro Cultural exhibe frequentemente exposições. A cerca de 5 km da vila de estão as Grutas do Francês, uma viagem inesperada ao mundo das estalactites e estalagmites.

Terra farta, Vila do Bispo foi o celeiro do Algarve, passado atestado por inúmeros moinhos.

A mariscagem e a pesca surgiam como complemento, relativamente aos trabalhos agrícolas. Afinal, no mar bravio surgiam estranhos monstros, a que hoje chamamos baleias. Os cetáceos durante séculos fizeram uma rota migratória na Costa Vicentina. Temerosos, os habitantes apenas lhes aproveitavam os esqueletos, despojos que o mar expelia, para com as costelas erigir cabanas e das vértebras fazer bancos. Para voltar a rever a amplitude do oceano, de que nunca nos cansamos, propõe-se o desvio para a **praia do Castelejo**, gêmea da Cordoama. Na **Ponta da Águia**, os marisqueiros de Vila do Bispo, colocam-se nas pequenas prateleiras que a rocha forma, para daí lançarem a linha. Temerários, enfrentam o azul infinito que estende a seus pés, com a face e as mãos curtidas de sal, aceitando o desafio de arrancar o peixe, mariscos e moluscos às águas revoltas, por vezes em risco de vida.

No regresso a Vila do Bispo, estacione o carro e vá a pé até à Torre d'Aspa, um dos pontos mais altos junto à costa. A seus pés, o mar imenso, salgado das lágrimas de Portugal, como escreveu Fernando Pessoa, invocando os Descobrimentos, saga que levou marinheiros lusos a todas as partidas do Mundo, em busca de outras terras e outras gentes. Ainda hoje, a terra que os viu nascer e o mar por onde se aventuraram, conservam a beleza primitiva, um invejável património natural, ainda intocado. Serão poucos e fáceis os quilómetros de volta, pela EN125, à bela e cosmopolita Zawaia, como lhe chamaram os árabes, a quem os romanos baptizaram de Lacóbriga e os lusitanos, Lagos.





Por um par de dias esqueçamos a costa agreste batida pelas águas espumosas. Deambulemos pelos algarves ternos da ave rodopiante e interceptora, da água que afoga conchas num bilião de grãos ao longo da costa suave. Emaranhemo-nos pelas canas de infinitas surpresas, atulhemo-nos nos sapais da garça e do perna-longa, da cegonha e de todos os outros precavidos peraltas imigrantes. Com os pés nus na areia fina e mole aqueçamo-los e ao espírito na água ronceira e pacificada, bebamos ali um pouco de Mediterrâneo sempre com os olhos no Oceano infindo.

Mais longe, num suave prolongamento alentejano, perscrutemos Espanha nas orlas dançantes do grande rio peninsular que por ali morre. Ouçamos palmas andaluzas trazidas pelo vento, miragens de saias afolhadas e portes altivos sobre garupas.

Mas não percamos nunca os dali: abraçados para sempre pelo terno Caldeirão, assentam a vida na terra de alfarobas e amêndoas, só para eles longe dos mares. Nos umbrais de cal, sob sombras de muros virgens e chaminés de renda, entrelaçam vime e moldam o que mais lhes sobra, que vendem a louros, apressados, automobilísticos viajantes. Visitemos seculares cidades que se deixaram a mouriscar e depois embranqueceram. As mil igrejas de Tavira, os mil jardins de Loulé, os mil restaurantes com cheiros a mar nas bordas de Olhão.

Encantemo-nos com o Algarve de sotavento. Percamo-nos de nós encontrando-nos com o que de mais indomável e mourisco nos ficou.

# RESUMO DO PERCURSO

Silves » S. Bartolomeu de Messines » Alte » Salir » Querença »  
Barranco do Velho » Montes Novos » Cachopo » Martinlongo »  
Pereiro » Alcoutim » Guerreiros do Rio » Almada de Ouro » Azinhal »  
Castro Marim » Vila Real de Santo António » Cacela Velha »  
Cabanas de Tavira » Tavira » Moncarapacho »  
Santa Bárbara de Nexe » Boliqueime » Paderne » Silves



- |                   |                  |            |        |                                     |
|-------------------|------------------|------------|--------|-------------------------------------|
| Reservas Naturais | Foz              | Miradouros | Praia  | Espaços Naturais de Recreio e Lazer |
| Aeroporto         | Terminal Fluvial | Monumento  | Termas | Ferry-Boat                          |
| Barragem          | Marina           | Museu      | Marina |                                     |



- |              |                    |                     |
|--------------|--------------------|---------------------|
| Auto-Estrada | Estradas Nacionais | Estradas Municipais |
| ROTA         | SENTIDO DA ROTA    | PONTO DE PARTIDA    |
|              | ZONA PROTEGIDA     |                     |



Os caminhos além do Barlavento são um longo passeio que irá permitir aos que, na sua visita algarvia, ficaram nas terras mais a Oeste do Algarve, conhecer e descobrir outras cidades múltiplas e variadas paisagens do Leste do Algarve.

Todavia, os algarvios não usam a habitual designação dos pontos cardeais para fazer esta distinção e têm termos próprios que a princípio parecem estranhos: à zona mais a Oeste da região chamam Barlavento, enquanto o Sotavento designa o Leste.

Estes termos têm um sabor a maresia e com facilidade imaginamos marinheiros procurando identificar



Serra - Barranco do Velho



Sagres - Praia da Salema

para que lado sopra o vento, observando a correria das nuvens e o sentido das ondas. Os termos Barlavento e Sotavento entranharam-se na linguagem quotidiana, nesta região que tem uma cultura de síntese entre a serra e o mar.

Uma outra razão para estes caminhos além do Barlavento é não descreverem os mapas o cheiro acre das estevas, a sensualidade suave das faldas da Serra do Caldeirão, o som cantante do sotaque de Vila Real de Santo António. Para os sentir, é preciso lá ir e descobrir outros rostos do Algarve.

Esta rota parte de **Silves**, a esplendorosa capital que durante o domínio islâmico albergou poetas e homens de ciência. Em 1063, Al Mutamid, evocava assim a cidade: *"...Saúda o Palácio das Varandas da parte de um donzel*

*Que sente perpétua saudade do seu Alcácer.*

*Ali moravam guerreiros como leões e brancas gazelas  
E em que belas selvas e em que belos covis!..."*

Ainda que com outra perspectiva, um cruzado que fez a crónica da conquista da cidade pelos cristãos em 1189, mostrava-se igualmente maravilhado:

*"Silves... erguia-se em anfiteatro, no seu esplendor de cidade asiática, com as fachadas árabes dos palácios a rebrilhar ao sol quase tropical, com os seus eirados e minaretes, as ruas pejadas de bazares, e, em baixo e ao redor, os pomares viçosos de amendoeiras, laranjeiras e figueiras, e no cimo, recortando-se no fundo azulado da serra, o Alcácer de pedra ruiva, assente em terreno escarpado e encimado pelo torreão grande..."*

Passados oitocentos anos, e embora sem os fulgores de ontem, Silves mantém um halo mágico e conserva intacto o Alcácer (castelo) do qual Al Mutamid tinha saudades e que o cruzado tanto admirava.

Iremos pela EN 124, para **S. Bartolomeu de Messines** que fica a cerca de 25 km. A vila está aninhada junto da montanha do Penedo Grande, na Serra do Caldeirão e ali nasceu o poeta e pedagogo João de Deus. É quase obrigatória uma visita à sua Casa-Museu. No exterior, deleite-se o olhar perante a arquitectura popular nas vielas a que se acede passando pelo Arco do Remexido.

Bem curiosa é a história da Ermida de S. Sebastião, erigida para protecção de pestes e maleitas ainda no séc. XVI. E para se apreciar um soberbo panorama sobre a vila, há que subir até à Ermida de Nossa Senhora da Saúde, templo do séc. XVIII.

Quem gosta de artesanato encontra lojas e artesãos que trabalham a cestaria de empreita, o couro, a

cerâmica e a tecelagem manual.

Para os gulosos, é tempo de provar os famosos folhados de Messines ou o mel com sabor a laranjeira, rosmaninho e alecrim.

Nos arredores da vila mergulha-se na tranquilidade da serra. Os cerros redondos a Norte são cobertos de sobreiros, medronheiros e azinheiras. A Sul fica a zona do Barrocal, de terra vermelha e fértil, dos laranjais e dos pomares de figueiras, amendoeiras ou



Silves



Cachopo

alfarrobeiras. Belezas naturais que convidam a passeios a pé, de cavalo ou bicicleta passando pelos espelhos de água refrescantes das barragens do Funcho e do Arade. Ali chegados ainda se pode alugar uma canoa.

Uma curiosidade: Foi no lugar de Benaciate, a escassos quilómetros de Messines, que se encontraram umas das mais importantes estelas com registos da Escrita do Sudoeste Peninsular, até hoje indecifrada.

O próximo ponto de paragem é **Alte**, cerca de 15 km para Leste sempre na EN 124. Já estamos em plena Serra do Caldeirão, e este é um Algarve diferente. São as ondas do mar substituídas por ondas de terra, cerros entrecortados por vales até ao longínquo anfiteatro, azulado pela neblina, dos cabeços mais altos da Serra. São variados os verdes, é diferente a brisa ao transportar o pólen dos cardos, o cheiro do rosmaninho. Haverá mil murmúrios, do abelharuco, que escava o seu ninho nos taludes dos terrenos, do pica-pau-malhado e dos chapins. Julga-se que existam nestes matos da serra mais de 390 espécies de plantas, muitas delas medicinais ou aromáticas. E que belas são as trepadeiras da rosa-albardeira, que delicadas surgem as orquídeas selvagens, que bom é o cheiro do alecrim.

As ruas de **Alte** justificam um passeio a pé, para ver as chaminés, as platibandas, pormenores pitorescos da arquitectura tradicional. Tilintam em cascata leve as águas da Fonte Grande, sente-se toda a frescura do vale da Ribeira de Alte. Um desvio de 3,5km no caminho para Santa Margarida leva-nos à oficina de artesanato da Torre onde se fazem bonecos de madeira. A Casa da Memória e a Oficina de Cerâmica, mostram a cerâmica e azulejaria e ali se fica a saber um pouco mais sobre Alte. E seria uma falta grave não provar os deliciosos doces e bolos, nomeadamente de amêndoa e mel, nas pastelarias locais.



Chegou a altura de partir, passando por Benafim e pela Rocha da Pena, uma crista calcária de 479 metros de altitude, um rasgão furioso nos outeiros suaves, indomável e belo. Após um troço de 15 km na mesma estrada, descobrimos Salir. O escritor Raul Proença, dizia a propósito desta zona". É realmente um mar de montanhas o que vemos - mas um mar de

montanhas todas iguais, equidistantes e redondas e tão macias que se diriam feitas de veludo. Há grandeza e ao mesmo tempo suavidade, qualquer coisa de caricioso e de brando nessa extensão enorme que nos arrebatava e nos subjuga".

Falta apenas uma nota sobre o Castelo de **Salir**, construído em terra habitada pelos celtas, que os árabes fizeram crescer no séc. XII a ponto de precisar de defesa.

Nesta altura inflecte-se a viagem para a EN 525 e depois de ultrapassar Tôr e a sua bela ponte antiga, seguiremos pela EN 524 em direcção a **Querença**, passando pelo sítio classificado da Fonte da Benémola. É uma área protegida, de grande riqueza natural. Há freixos, salgueiros, tamargueiras, canaviais, silvados e loendros. Nas encostas do vale que ladeiam a ribeira, crescem as alfarrobeiras, os tomilhos, alecrins e carrascos. Nas margens, as lontras partilham o espaço com os guarda-rios, os chapins, as garças e abelharucos.





No caminho para Querença (9 km), uma típica aldeia algarvia, empoleirada num cerro, existem diversos restaurantes onde a gastronomia é um património incontestado. Dificilmente se conhece a cultura de um povo senão se conhecer a sua gastronomia. Este é por isso um local ideal para umas aulas saborosas. A Festa das Chouriças, plena de colorido, ecoa o linguajar doce e cantante das gentes da serra. Na aldeia fabricam-se um dos mais apreciados enchidos da região e as bonecas de trapos, com os trajes tradicionais representando várias profissões. As chaminés e as platibandas ricamente trabalhadas dão à terra um cariz de tradição intocada.

Próximo da terra ficam as grutas da Salustreira e a Igreja dos Mouros, uma gruta em forma de templo. Continuando a navegar pelo mar de montanhas que é a Serra do Caldeirão, saindo de Querença toma-se a EN 396 para Norte até ao **Barranco do Velho**, que foi o lugar de encruzilhada das estradas entre o litoral e o interior algarvio. A escassos 4km ficam os **Montes Novos**, onde o medronho é melhor do



Medronho



Cachopo

que em nenhum outro lugar, como reivindicam os que fazem a destilação dos frutos.

Chega-se a **Cachopo**, 22km depois e ainda na mesma estrada, que serpenteia por entre as estevas a Fonte Férrea é um local muito bonito com grandes árvores, sombras e água, bom para brincar, namorar, e dar largas à imaginação. O museu local retrata os saberes tradicionais da serra e para se lá chegar, passa-se por entre casas em xisto ou caiadas, com eiras e chaminés rendilhadas. As tecedeiras da Lançadeira têm a sua oficina, bem no centro da aldeia. No desvio até à Mealha (9km) vêm-se construções circulares, uma habitação primitiva com espessas paredes de xisto e telhado cónico, feito de colmo ou junco. Perto fica Anta da Masmorra, situada junto aos moinhos e a Anta das Pedras Altas, monumentos pré-históricos.

Estaremos em **Martinlongo** 16km mais adiante. O planalto onde a aldeia se desenvolveu é belo, porque agreste e extenso. Na oficina "A Flor da Agulha" mulheres inventam bonecos de juta que representam os habitantes da aldeia, o seu vestuário os hábitos e as profissões. Prove-se o doce mel de rosmarinho ou olorosos queijos de cabra.

Passaremos pelo **Pereiro** lembrando-nos que esta região do nordeste algarvio, de tão pouco povoadas terras, no século XIX era couto de gente endividada. Bastava-lhes assinar termo na câmara de Alcoutim e comprometerem-se a defender a fronteira, para não terem de cumprir as sortes militares. Já vai longo o passeio por entre as terras áridas e por isso sabe bem chegar a **Alcoutim** e à beira do rio Guadiana.

A vila margina o rio, encimada pelo castelo que remonta ao tempo do Al Garb. À sua frente, está San Lucar del Guadiana na outra margem e noutro país. São muitos os segredos que estas margens guardam dos tempos do contrabando. E antes dele ou simultaneamente, as guerras fronteiriças. Hoje os laços mais fortes são o de vidas há tanto tempo entrecruzadas que mais do que vizinhos, são família. Repousa-se a vista nas águas do Guadiana, na amurada do Castelo que faz as vezes de um excelente miradouro. Lá ao fundo, a praia fluvial apetece. A Lenda da Moura Encantada, um tema comum a todo o Algarve, conta em Alcoutim que "a bela sarracena ficou sofrendo penas no castelo velho, guardando um grande tesouro". O feitiço para a desencantar e ficar com o tesouro, só funciona vencido um monstro, num combate travado à beira de duas azinheiras carcomidas pela idade, na "noite de S. João" (próxima do solstício do Verão) usando unicamente punhal ou espada. Até hoje, tal a força do imaginário, muitos candidatos tentaram, sem conseguir, por causa de fortes nevoeiros que escondem o local. Já se cortaram as árvores, mas estas, teimosamente, voltaram a rebentar. E ainda lá estão, albergando não se sabe que prodígio, guardião do tesouro e do encantamento da desditosa moura.

Não se resistirá à gastronomia do Nordeste, temperada com ervas de cheiro. Experimente esta ementa: Para entrada, um queijo de cabra ou uma chouriça, azeitonas e pão caseiro, seguido de uma

açorda de galinha do campo ou uma caldeirada de lampreia e, para sobremesa, os doces típicos de amêndoa e figo. E agora sim, é tempo de continuar.

Toma-se a marginal, passando por **Guerreiros do Rio**, com o seu museu sobre as artes piscatórias, até à Foz da Ribeira de Odeleite. Nas ruelas íngremes os cesteiros trabalham à porta. Tivéssemos mais tempo e seguiríamos o roteiro das azenhas e dos açudes da ribeira até à barragem, que muito ficaríamos a ganhar.

Assim, rumaremos a **Almada de Ouro** e depois ao **Azinhal**, percorrendo menos de 6km. A renda de bilros do Azinhal, ou a cestaria de cana, falam-nos de obras feitas com vagares.

A Reserva Natural do Sapal de **Castro Marim e Vila Real de Santo António**, um dos sítios preferidos de aves migradoras. Há também o voo de incrível beleza das cegonhas, ou as nuvens rosadas dos flamingos. A Reserva foi a primeira a ser criada em Portugal, em 1975, e engloba um território de esteiros e sapal, um habitat feito



Chouriça



Alcoutim



Reserva Natural do Sapal de Castro Marim e Vila Real de Santo António

à medida de muitos bichos, da terra, do ar e da água. O sal, retirado por métodos tradicionais, fálscia à luz do sol, branco inesperado por entre o verde dos campos e o azul do rio.

Eis-nos em **Castro Marim**, uma das vilas mais antigas do Algarve. O forte de São Sebastião e o Castelo de Castro Marim, cada um em sua colina, eram defendidos por um conjunto de muralhas. Das suas amuradas vêm-se “terras de Espanha e areias de Portugal” tal qual o brado do gajeiro das caravelas, celebrado numa cantiga popular. Esqueceu-se o moço de falar na beleza dos esteiros e das salinas, com a alvura de Vila Real de Santo António e de Ayamonte a brilhar lá ao fundo, entre as águas do Guadiana e as do Atlântico.

**Vila Real de Santo António** repete a receita de Alcoutim e tem em frente a espanhola Ayamonte, com o Guadiana pelo meio.

O coração do seu centro histórico é a antiga praça real - hoje Praça Marquês de Pombal - que exibe uma magnífica calçada à portuguesa com o piso radiado, branco e preto. Na costa, o farol, com mais de 40m de altura, proporciona uma ampla visão do todo o pinhal circundante, a foz do Rio Guadiana, o Atlântico e a vizinha Espanha. Frente às magníficas praias, encontra-se a Mata de Monte Gordo, um pinhal com um



habitante especial: o camaleão. A espécie é protegida por estar ameaçada de extinção. Se os encontrar trate-os delicadamente. O cativeiro não é permitido.

Terra petisqueira, lembramos os famosos pratos confeccionados à base de atum, como a estupeta, moxama (lombo seco e prensado), ou uma espinheta (guisado com batatas), não sem antes provar umas conquilhas abertas ao natural. Nos doces, desde os carriços aos bolinhos de amor ou às tortas de amêndoa, tudo é de chorar por mais.

Poderemos aqui tomar a opção de seguir pela Via do Infante (70Km), até ao seu término, a cerca de 3km de Silves, onde iniciámos este percurso, caso se pretenda um regresso mais rápido. A questão é que numa via rápida os deliciosos pormenores que nos surpreendem não podem ser devidamente apreciados.

A EN 125, mais lenta, leva-nos até **Cacela a Velha** (12 km), uma aldeia antiquíssima, implantada no topo de uma arribas fronteiras à Ria Formosa. Aqui se inicia o Parque Natural que se estenderá até à península do Ancão a Oeste de Faro. Ilhas, esteiros, praias, a Ria é um verdadeiro paraíso que iremos conhecer numa Rota que lhe é especialmente dedicada.

Cacela é uma minúscula aldeia alcandorada num penhasco sobre o mar, envolta numa portentosa paisagem, uma jóia intocada ao longo dos tempos. No largo central, fica a cisterna, de origem medieval, que é o coração da aldeia. A fortaleza foi edificada em 1794 e a Igreja Matriz, mostra um portal renascentista e um interessante conjunto de arte sacra.

Aqui é o lugar certo para apreciar os mais belos pôr-do-sol do Algarve, enquanto se degustam deliciosas ostras, suculentas amêijoas, fresquíssimo peixe grelhado, ou um saboroso prato de marisco



Cacela Velha



Cacela Velha

salteado.

**Cabanas de Tavira** (a 6km para Oeste) é uma terrinha de pescadores com uma praia magnífica, acessível unicamente por barco.

Passaremos por **Tavira**, a cidade que se debruça no rio Gilão, com os seus telhados de tesoura e as múltiplas igrejas. De tão bela, a cidade merece uma visita demorada e atenta por entre as ruelas do centro histórico, os aprazíveis jardins, a maravilhosa praia da ilha de Tavira.

**Moncarapacho** fica no lado Norte da EN 125, tomando-se o desvio junto à Fuzeta de acesso à via do Infante e seguindo depois as indicações. Terra de pomares, tem como visitas obrigatórias a



cinco vezes centenária Igreja Matriz e o Museu Paroquial, com espécies arqueológicas e preciosos exemplos de arte sacra, numismática e etnográfica. Na saída Norte da vila e após uma espreitadela à olaria, vira-se para o Cerro de S. Miguel ou Monte Figo, a 411 metros acima do nível do mar. Estando o dia claro, a linha de costa desdobra-se aos nossos olhos, espalhando-se as cidades de Olhão e Faro pela campina.

Difícilmente se encontrará um lugar onde o pôr-do-sol tenha uma miríade tão grande de cambiantes, iluminando uma paisagem tão diversa, do Algarve da praia até ao Algarve da serra, passando pelo barrocal.

No cruzamento central de Moncarapacho está o desvio que nos coloca em poucos minutos no Palácio de Estói, o único exemplar da arquitectura romântica do Algarve. Uma sumptuosa construção do séc. XVIII rodeada de belos jardins e uma interessante estatuária como o tríptico das Três Graças sobre uma concha, cópia de uma obra do escultor italiano António Canova (1757-1822).

A menos de 1km estão as ruínas romanas de Milreu, (séc. II d.C.) uma faustosa *villa* de um patrício, com termas de belos mosaicos, assim como as ruínas de uma basílica cristã do séc. IV, construída sobre o templo romano.

A direcção que agora tomamos é para Oeste, e no cruzamento com a EM520-2 segue-se em frente.

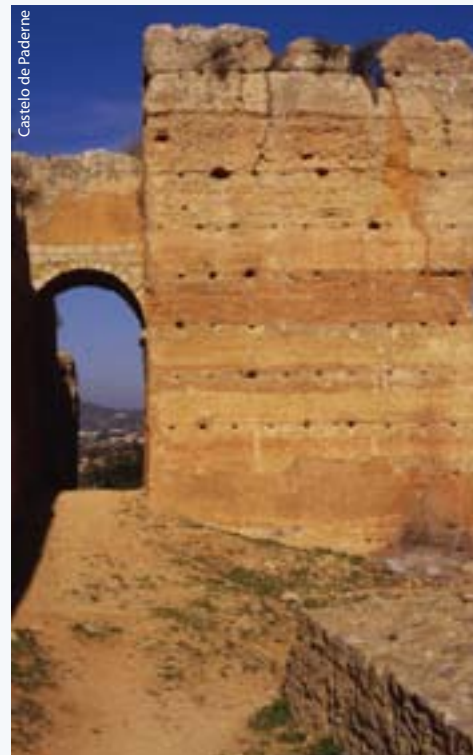
Andaremos 7km por uma estrada que segue na meia encosta do barrocal, como se de um miradouro constante se tratasse, e aí está **Santa Bárbara de Nexe**. Aqui o ofício de calceteiro é uma tradição.



Cabanhas de Tavira



Tavira



Castelo de Paderne

Destes modestos artificios da pedra saem obras-primas que embelezam as praças de inúmeras cidades, revestidas com a típica calçada à portuguesa. Será pela EN 270, passando por Loulé, que iremos agora até encontrar **Boliqueime**. Aparentemente, a palavra Boliqueime será uma corruptela da expressão italiana olhos de água. A capela e o arco do cruzeiro de pedra bem lavrada, são um património a visitar.

Até **Paderne**, a nossa próxima paragem, vão apenas 8km. A terra ficará para sempre inscrita na história de Portugal porque o seu Castelo é um dos que figuram na Bandeira nacional. Lá do alto vê-se a azenha e o açude da Ribeira de Quarteira com um moinho de água, engenho mais antigo que os moinhos de vento. Um percurso pedestre de 4km em torno do Castelo e passando pela ponte medieval desvenda mistérios da fauna e da flora da região. De Paderne segue pela EM 524 em direcção a Algoz e aí apanha a EN 269, que neste troço possui vários miradouros e nos levará de novo a **Silves**.



Silves

## ÍNDICE DAS ROTAS DO CENTRO

A Rota das Aldeias é uma espantosa viagem pelas variadas faces que o Algarve possui, entre a cosmopolita Albufeira, de magníficas praias e a tradicional Alte, com o seu pitoresco casario, passando pelas terras floridas do barrocal, onde cada curva da estrada anuncia vistas panorâmicas.

A Rota do Caldeirão leva-nos pelo ondear da serra, entre tomilhos rosmaninhos e alfarrobeiras, ouvindo as ribeiras correr, descobrindo os saberes dos artesãos. Seremos gulosos na prova dos enchidos tradicionais, Espreitaremos a Ria Formosa, e as praias para lá das ilhas. Mas tudo começa em Loulé.

A Rota da Ria Formosa seduz o visitante pelos contrastes dos planos de água e as ilhas de areias voláteis e praias fabulosas. Contrastantes são também as cidades de Faro e Olhão, uma com o seu casario de vestutas antiguidades, a outra entranhada de sol e de sal, desde sempre ligada ao mar e à pesca. Os trilhos desta rota abrem-nos o mundo maravilhoso do Parque Natural da Ria Formosa.

Os Caminhos além do Centro são uma proposta para se deslindarem os trilhos do litoral e da serra das outras zonas do Algarve. No final, teremos um álbum fotográfico, pois passaremos pelas Ruínas de Milreu, pelos monumentos de Tavira e pelas quentes e belas praias de Monte Gordo.

PÁG.

60

### ROTA DAS ALDEIAS

+/- 98 km

Albufeira » Montechoro » Ferreiras » Purgatório » Paderne » Alte » Espargal » Boliqueime » Vilamoura » Maritenda » Oura » Galé » Albufeira

68

### ROTA DO CALDEIRÃO

+/- 123 km

Loulé » Tôr » Fonte da Benémola » Salir » Rocha da Pena » Querença » S. Brás de Alportel » Santa Catarina da Fonte do Bispo » Malhão » Santo Estêvão » Luz de Tavira » Pedras d'el Rei » Fuzeta » Moncarapacho » Cerro de São Miguel » Santa Bárbara de Nexe » Loulé

78

### ROTA DA RIA FORMOSA

+/- 102 km

Faro » S. João da Venda » S. Lourenço » Almancil » Quinta do Lago » Vale do Lobo » Santa Bárbara de Nexe » Estói » Moncarapacho » Quelfes » Olhão » Ilha da Culatra » Ilha da Armona » Ilha do Farol » Ilha da Deserta (Barreta) » Faro

92

### CAMINHOS ALÉM DO CENTRO

+/- 260 km

Vila Real de Santo António » Castro Marim » Santa Catarina da Fonte do Bispo » São Brás de Alportel » Loulé » Boliqueime » Paderne » Silves » Lagoa » Carvoeiro » Alcantarilha » Estói » Faro » Olhão » Tavira » Cacela Velha » Vila Real de Santo António



Deslindem-se os trilhos do litoral e da serra, mergulhe-se nas águas límpidas das ilhas, ondeie-se nos canais da Ria Formosa, mergulhe-se nas águas mansas das praias de Albufeira. Serão tantas outras, as zonas do Algarve que aqui descobrimos, nestas Rotas do Centro, cidades que são ainda a casa dos pescadores, mas também centros mundanos, de lojas cosmopolitas e noites brilhantes plenas de música e gente bonita. No final, teremos uma mão cheia de recordações inesquecíveis, múltiplas “estórias” para contar, inúmeros sabores raros e exóticos para apreciar. Saberemos distinguir o sotaque dos filhos de Olhão de quaisquer outros algarvios, descobriremos os tavirenses telhados de tesoura, feitos em quatro águas, à beira do Rio Gilão. Havemos de seguir, de nariz no ar, o voo magnífico da cegonha, entre o ninho – assente no Arco da Vila, entrada da Cidade Velha, em Faro – e a Ria Formosa. Pequenos prazeres, grandes emoções, gulodices marinhas umas vezes, doces e serranas de outras, vão preencher os dias de férias no Algarve. Vai apetecer, senão ficar, pelo menos voltar uma e outra vez a estes diferentes Algarves.



Num abrir e fechar de olhos, há um suado cross entre o casario cosmopolita e a paisagem de estevas. Insinua-se a norte, mas ao lado do Algarve dos calores em biquíni; das vielas transbordantes de odores a gente e a almoço de pesca na grelha; dos fins de tarde a entreolhar-mos em negativo com a bola de fogo suspensa, ainda indecisa entre azuis; de outras esferas de fogo piscando, prateadas, giratórias sobre o acaso das cabeças errantes, na noite.

Ao lado do Algarve frenético, de gentes, paisagens e vidas em contraste, há outro, de casarios esbranquiçados, menos vítreos, pedregulhos centenários, riscos de alcatrão desfeito rompendo irrequietos dourados.

Do Algarve fresco do mar e quente do magote passamos a essouto das testemunhas do tempo, os muros castelares, desfeitos pelo vento, refeitos pelos homens, em Paderne. De caminho debruçamo-nos sobre linhas de casas, em Alte, navegamos com os olhos no dorso dos cisnes da fonte pequena, mergulhamos a cabeça e a alma no frescor da água farta: prazeres da aldeia portuguesa que os homens não deixaram estragar.

Pelo caminho, há orgias de cores na rota das açoteias, gente de rosto vincado, suando na penteada paisagem anacrónica. E também uma serra gastronómica que se descobre no barrocal.

Um mundo de contrastes num minúsculo quintal de Algarve.







A **Rota das Aldeias** é uma espantosa viagem pelos contrastes que o Algarve possui, entre a cosmopolita **Albufeira**, de magníficas praias e a tradicional **Alte**, com o seu pitoresco casario, passando pelas terras floridas do barrocal, onde cada curva da estrada anuncia vistas panorâmicas. Revelam-se depois aldeias novas, feitas para o lazer e o dolce far niente, ensombradas pela frescura dos pinheiros, ao lado dos mais belos areais. O miradouro do Pau da Bandeira é um excelente ponto de partida para um percurso citadino por Albufeira, início desta rota. As falésias enconcham a praia Maria Luísa e a praia dos Pescadores, onde os barcos repousam, à espera da hora de voltarem a bailar nas ondas, compondo um quadro



Albufeira, Vista do miradouro do Pau da Bandeira

colorido.

Ali ao lado, a zona comercial ferve de vida e animação. Pelas ruelas íngremes, chegaremos à Igreja Matriz, (sec. XVIII), com a sua imponente torre sineira. Vale a pena entrar e apreciar o retábulo do pintor Samora Barros.

Albufeira foi construída pelos árabes no topo do Cerro da Vila, arriba com pretensões a península, uma posição inexpugnável e por isso lhe chamaram Al Buhera (fortaleza).

Antes deles, já os romanos tinham gostado do lugar, conhecido por Baltum, ali instalando artes de pesca.

A integração de Al Buhera no Reino dos Algarves não foi fácil. Só à segunda tentativa, em 1249, é que se efectiva a reconquista cristã aos mouros.

O terramoto de 1755 destrói praticamente todas as construções. São por isso preciosidades a Igreja de São



Albufeira, Igreja de São Sebastião

Sebastião, que conservou o seu portal lateral manuelino (séc. XVI) e a Igreja de Sant'Ana, ambas do séc. XVIII, e traça inspirada na arquitectura popular

A Capela da Misericórdia, por sua vez, substituiu a antiga mesquita árabe e conserva da edificação gótica (séc. XV) o portal, o arco triunfal e a abside.

Das muralhas do castelo resta apenas uma torre de defesa da Porta do Norte, adaptada a restaurante.

Uma larga avenida conduz-nos a **Montechoro**, numa colina sobranceira, onde se acentua a vertente



Albufeira

de estância de lazer, com propostas múltiplas para compras. Nas inúmeras esplanadas ouvem-se quase todas as línguas do mundo.

Apenas alguns minutos e já estaremos a mergulhar numa paisagem diferente, com pequenos e simpáticos aglomerados de casas que se estendem até às **Ferreiras**, a 5 Km a norte de Albufeira, onde se vêem algumas das casas típicas com platibandas, açoteias e chaminés. Tomaremos aí a EM 395, que ao longo das suas curvas desvenda moinhos de vento e noras. Será na aldeia que dá pelo estranho nome de **Purgatório** que iremos virar em direcção a Oeste, e pela EN 270 alcançaremos **Paderne**, localizada numa colina suave com o seu branco casario antigo destacando-se na paisagem circundante. Uma interessante chaminé decorada do séc. XVIII parece dar-nos as boas vindas.

Um esporão rochoso em torno do qual corre a ribeira de Quarteira, exhibe no alto o castelo de Paderne, de origem árabe. Ali perto, resiste

intacta uma ponte românica conservando um troço da antiga calçada. A azenha e o açude na base da colina, mantêm em funcionamento um sistema tradicional de moagem. A frescura do lugar convida a um passeio, até porque os matos em redor escondem belas orquídeas selvagens, de cores luxuriantes e formatos estranhos. Por entre as colinas que se vão elevando para formar a serra do Caldeirão chegaremos a **Alte**. Apetecem as águas frescas da Fonte Grande e da Fonte Pequena. Apetece seguir nas ruas da aldeia, o trilho das chaminés rendilhadas, das platibandas coloridas, até à sua igreja



Alte

matriz. O templo primitivo foi fundado por Dona Bona, mulher de Garcia Mendes da Ribadeneyra, segundo senhor de Alte, no final do séc. XIII, como agradecimento pelo regresso do seu esposo da oitava cruzada à Palestina.

Uma outra mulher está na origem da **lenda** sobre o nome da aldeia.

Lavradora rica e considerada, tinha a sua quinta no Freixo Verde e habituara-se a que o padre só rezasse missa estando ela presente na única ermida de toda a freguesia. Até que um dia, cansado dos constantes atrasos, o cura não esperou pela fidalga. Já vinham de regresso os fiéis quando se cruzaram com a lavradora que, indignada, ordenou aos seus criados: Alto! Aqui farei uma igreja!

Com o tempo, essa passou a ser a matriz da freguesia e Alto transformou-se em Alte, muito por culpa do sotaque serrenho, onde se “engolem” os finais das palavras.

Alte é o local perfeito para comprar **artesanato**, para provar bolos cujas receitas são doces heranças de família ciosamente guardadas.

Uma bucólica estradinha na saída Norte de Alte conduz-nos por entre a terra do esparto, do figo e da amendoeira até a **Nave dos Cordeiros**, seguindo-se o **Espargal** e por fim a **Ribeira de Algibre**,

retratos impressionantes de um Algarve genuíno, cioso da sua identidade.

Após uma dezena de km percorridos na EN 270, um troço de estrada particularmente bonito, chegaremos a **Boliqueime** na encosta de uma pequena colina, no princípio do barrocal. Já os mercadores da Flandres importavam as melhores qualidades de figos, amêndoas e alfarrobas desta zona. Junte-se-lhes magníficas laranjas, sumarentas e doces e teremos uma comunidade próspera.

Uma das melhores quintas pertencia ao célebre Morgado de Quarteira, Martim Mecham, que a recebeu por doação do rei D. Diniz em 1297. A quinta de Quarteira deu origem a **Vilamoura** um luxuoso complexo turístico construído em torno de uma bela **marina**. Basta-nos seguir para Leste na EN 125 até ao acesso sinalizado de Vilamoura e chegaremos ao mar por entre campos de golfe e jardins cuidados deste centro de férias.

O **Parque Ambiental** de Vilamoura é uma mais



Alte, fonte grande



Boliqueime

valia ecológica e paisagística. A Garça vermelha e a Galinha-sultana, são as estrelas deste eco sistema, onde podem ser observadas mais de 100 espécies de aves.

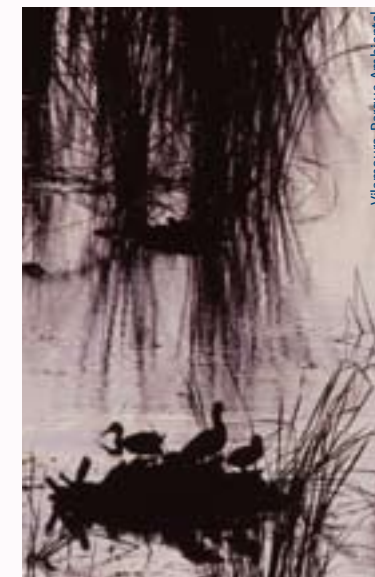
Por outro lado, o Museu e Estação Arqueológica Cerro da Vila oferece aos visitantes uma viagem imaginária por uma villa romana do séc. I, atestando que este lugar, tão aprazível, atraiu desde sempre os homens. Vilamoura proporciona a prática de inúmeras actividades ao ar livre, mas também é possível fazer uma sessão de compras em lojas de nível internacional, degustar menus de todo o mundo, assistir aos shows e tentar a sorte no **Casino**. Ou então, muito simplesmente, gozar as praias amplas de águas tépidas.

Teremos de regressar à EN 125 e em seguida voltar para Sul, junto à **Maritenda**, para aceder às maravilhas da praia da **Aldeia das Açoteias**, a inusitada beleza dos **Olhos de Água**, da Praia Maria Luísa e da **Balaia**, até à chegarmos à **Oura**.

O Algarve possui das praias mais belas da Europa, e a Oura integra uma cadeia de areais aconchegados entre arribas coloridas, que vai desde a Praia da Falésia a Leste e se prolonga, a Oeste até à **Galé**, passando pelo **Castelo**, as exclusivas Praia da Coelho e de **São Rafael** e a Baleeira. Não resistiremos ao chamamento da areia fina e do mar azul-turquesa, à oportunidade de procurar uma esplanada e ficar ali, quase com os pés na água, gozando o pôr-do-sol. Aliás, pode lá voltar-se após o jantar, para ouvir música e dançar em terraços e varandas.



Albufeira, praia de São Rafael



Vilamoura, Parque Ambiental

Entretanto, serão inúmeros os restaurantes onde pode provar a **gastronomia** local. A sopa de conquilhas perfumadas por louro e coentros, as cavalas cozidas com orégãos, as sardinhas de tomata, são alternativas aos grelhados aqui sabiamente executados e muito, muito apetitosos. E depois, perder-se na animação trepidante das noites de Albufeira.



Também há Algarve acima das grandes estradas que o atravessam. Lá onde as cegonhas espreitam os homens do alto das chaminés dos fornos de cerâmica; lá junto do chilrear das ribeiras que cortam o verde; lá onde o homem não agride a Mãe que o fez existir: apaziguado com ela, despe-a como a um sobreiro, rasga-a com os dedos como a um montado de argila que há-de ser telha sobre alvos, grossos umbrais da zona.

Ali, no reino da solidão, longe do mar de azáfamas que cresce junto ao oceano, se erguem os braços maternos feitos rocha, que afagam o Algarve cosmopolita. E contudo há restos de Alentejo para cá do Caldeirão onde já fervem os verões de todo o ano: entre as estevas e os sobros adivinha-se ainda a grande planície dourada. Mas o perfume do mar já invade as casas, ainda inebria as gentes que o procuraram sem o possuir. Gentes tantas que no sopé pariram múltiplos gémeos de abrigos contra o calor. E ruas e vida, em cidades e vilas como Loulé e São Brás de Alportel.





#### RESUMO DO PERCURSO

Loulé » Tôr » Fonte da Benemola » Salir » Rocha da Pena » Querença »  
S. Brás de Alportel » Santa Catarina da Fonte do Bispo » Malhão » Santo Estêvão » Luz de Tavira »  
Pedras d'el Rei » Fuzeta » Moncarapacho » Cerro de São Miguel » Loulé

- |                   |                  |           |                                     |
|-------------------|------------------|-----------|-------------------------------------|
| Reservas Naturais | Fozil            | Miradouro | Praia                               |
| Aeroporto         | Terminal Fluvial | Monumento | Espaços Naturais de Recreio e Lazer |
| Barragem          | Marinha          | Museu     |                                     |







Loulé

A **Rota do Caldeirão** leva-nos pelo ondear da serra, entre tomilhos, rosmaninhos e alfarrobeiras, ouvindo as ribeiras correr, descobrindo os saberes dos artesãos. Seremos gulosos na prova dos enchidos tradicionais, espreitaremos a **Ria Formosa**, e as praias para lá das ilhas. Mas tudo começa em **Loulé**. As Muralhas do Castelo, de origem árabe mas reconstruídas no séc. XIII e que ainda hoje mostram suas três torres de alvenaria, são a primeira paragem. No pátio há um poço e o arco da antiga porta de ligação à povoação. Também podemos visitar a Igreja Matriz, de estilo Gótico (séc. XIII) e cuja torre sineira foi adaptada de um minarete muçulmano. No centro da cidade, o Convento do Espírito Santo funciona como Galeria de Arte Municipal. Nas lojas que rodeiam as muralhas ainda se descobrem artesãos trabalhando peças de cobre ou barro ou vendendo obras feitas nas aldeias próximas. Os chapéus e as alcofas são feitos de empreita, uma arte feminina e uma técnica secular. Trabalha-se a palma como se estivesse a entrançar o cabelo e para um chapéu são precisos 5



Loulé, Castelo

a 6 metros de trança fina. Inicialmente, os cestos de empreita de palma serviam para embalar o figo, a amêndoa e a alfarroba.

Bem curiosa é a descida à **mina de sal gema** situada mesmo no centro de Loulé. As galerias atingem 230 e 350 metros de profundidade, numa área de 1200 hectares. O sal extraído foi deixado pelo mar que aqui esteve há mais ou menos 300 milhões de anos. O ar das minas é terapêutico para doenças respiratórias.



Loulé, Convento Espírito Santo

Na saída para Boliqueime, seguindo a EN 270, vislumbra-se o santuário da **Mãe Soberana**, alcandorado num outeiro que é também um excelente miradouro. As gentes locais honram a sua padroeira com uma das maiores procissões a sul do país, que já se realiza há mais de 400 anos, na altura da Páscoa. Os homens levam o pesado andor pela íngreme ladeira acima, enquanto a multidão, entusiasmada, saúda lançando gritos vibrantes e acenando lenços brancos.

Situada na terra a que se chama **Barrocal**, uma zona que fica entre o litoral e a serra e se estende desde a costa vicentina a Oeste até ao Rio Guadiana a Leste, Loulé está no centro do Algarve, uma terra de grande dinâmica comercial, organizada em torno do mercado, de traça mourisca. Muito famoso, aliás o mais famoso do Algarve, é o seu Carnaval com um alegre corso.

Breve chegaremos à **Tôr** uma aldeiazinha de ruas estreitas, com a sua antiga ponte romana.

Calcorreando a ER 524, à direita fica o parque natural da

**Fonte da Benémola**, rodeada de freixos e salgueiros, choupos e aloendros que se misturam com o alecrim o tomilho e o rosmaninho. Este é um Sítio Classificado pela riqueza ambiental que ostenta. Tomando a saída para Salir, não resistiremos a um pequeno desvio para a **Nave do Barão**. Vastos campos de amendoeiras ocupam o vale, ladeado pelas encostas da colina semeadas em socos. Breve chegaremos a **Salir** aldeia posicionada na beira serra e cuja origem se perde nos tempos. O seu castelo guarda vestígios dos Celtas mas o castro é de origem árabe (séc. XII.) e são visíveis os torreões e parte da muralha a que os locais chamam "O Muro da Sabedoria"

A **gastronomia** local é rica e original, e vale a pena provar o xarém com torresmos, ou a sopa montanheira. Os queijos de cabra e ovelha, ou os enchidos caseiros compõem uma entrada perfeita enquanto a aguardente de medronho casa lindamente com os doces onde entra o mel, o figo



Tôr

e a amêndoa.

Uma ocasião propícia para conhecer **Salir** é a “Festa da Espiga” um misto de religiosidade e paganismo, com um curioso cortejo etnográfico que se realiza sempre na Quinta Faria da Ascensão.

A Norte de Salir está outro pequeno paraíso: A **Rocha da Pena** é uma colorida montra das belezas do barrocal. Já foram identificadas 390 espécies de plantas e cerca de 122 espécies de aves. Para melhor esquadrihar o lugar sugerimos um passeio a pé por entre uma paisagem de sonho. No topo da Rocha existem duas construções primitivas provavelmente da Idade do Ferro e próximo há a Gruta do Algar dos Mouros. Diz a **tradição** que eles ali se refugiaram aquando da reconquista cristã.

Teremos de regressar a Salir para apanhar a EN 124 e depois viraremos para Sul até Querença.

Dizem os mais velhos que **Querença** significa afecto, amor, boa vontade. Situada próximo de duas ribeiras a aldeia é cheia de encanto e belíssimos panoramas.

No largo principal a **Igreja Matriz** de Nossa Senhora da Assunção ostenta um belo pórtico manuelino e no seu átrio realiza-se em Dezembro a **Festa das Chouriças**, uma ocasião única para provar muitos dos pratos da serra.

Seguindo as indicações à saída da população, na direcção do Sul, passaremos por **Porto Nobre e S. Romão**, com as casas alinhadas junto à estrada, segundo a tradição rural algarvia, até chegarmos a **S. Brás de Alportel**.

Faz-se entrada na vila e logo nos surgem, no **centro histórico**, as casas térreas e caiadas, de arquitectura popular e os prédios apalaçados dos antigos industriais e comerciantes da cortiça, com fachadas cobertas por azulejos, cantarias lavradas e varandas de ferro.

Do adro da Igreja Matriz admira-se a serra, em anfiteatro envolvente. Logo ao lado, situa-se o Jardim



Festa da Espiga

do Episcopado também conhecido por “Verbena”, com o seu bonito coreto, anexo ao palácio construído entre o séc. XVII e o XVIII para os bispos do Algarve passarem as suas férias, devido ao ameno clima da zona. Entramos depois no palácio que abriga a Casa da Cultura António Bentes, e o Museu Etnográfico do Trajo Algarvio, revivendo perante a sua colecção de trajes antigos os dias em que se dançava o corridinho nas eiras aquando da desfolhada.

A **cortiça** de São Brás de Alportel é



São Brás de Alportel

uma das melhores do mundo, usada para as rolhas dos champanhes mais famosos. Os sobros erguem-se majestosos, deixando crescer na sua sombra os medronheiros, uma bonita arvorezinha espontânea. No Outono, simultaneamente ao amadurecimento dos frutos do ano anterior, cobre-se de cachos de flores brancas. Dos frutos rubros destila-se a forte aguardente de medronho.

É fácil surpreender quadros bucólicos que retratam um tempo que passa devagar e cheio de prazeres simples, nesta cidadezinha.

A **Santa Catarina da Fonte do Bispo** chegaremos rodando na EN 270, em busca dos telheiros que ali estão desde há séculos. Espalha-se no ar o aroma do azinho ou da casca da amendoieira queimada nos fornos, onde cozem os ladrilhos e a telha mourisca. Nos pomares vicejam amendoieiras e laranjeiras, as casas térreas mostram pedaços de pedra por entre as paredes brancas de cal. Ainda na mesma via chega-se ao **Malhão** e vira-se para **Santo Estêvão**, que aparece por entre







pomares de laranjeiras, e nalgumas curvas da estrada adivinhamos já a presença do mar. A **Luz de Tavira** orgulha-se das suas casas com platibandas, verdadeiras obras-primas, denotando influências de Arte Nova. A frontaria da Igreja Matriz, templo do século XVI, foi redecorada com uma dessas platibandas. Entretanto, a porta lateral, de estilo manuelino é uma das mais belas do Algarve. Usaremos a EN 125 até próximo do aldeamento de **Pedras del Rei** e da **Praia do Barril**, de águas cálidas e cristalinas, onde ficam as Quintas de Torre de Ares e a das Antas e terá existido a antiga cidade romana de Balsa no tempo de Júlio César ou de Augusto (séc. I a.C.). O sítio é à beira **Ria Formosa** e o espólio arqueológico aqui descoberto é valiosíssimo e encontra-se o Museu de Arqueologia de Lisboa.



para lá do alto vemos desde Vila Real de Santo António até Albufeira, na vertente sul. A norte, a vista espraia-se pelo ondulado da Serra do Caldeirão. Tomaremos a sinuosa estradinha na encosta norte que nos leva até à Ermida, quase enterrada na colina e de traça muito singela. Atravessa-se pelo **Azinhah/Amendoeira** um pequeno nicho, junto ao serro do Malhão, olha-se num relance para **Estói**, alcançando por fim **Santa Bárbara de Nexe**.

Toda esta zona constitui um miradouro natural e muitas das casas rurais foram reconstruídas para imponentes moradias de férias, mantendo contudo a sua traça original. São sítios calmos e aprazíveis, onde se estabeleceu uma larga comunidade estrangeira em busca do sossego e da amabilidade das comunidades locais. Breve estaremos em **Loulé**, a tempo de procurar na cidade e nos seus arredores um dos múltiplos restaurantes que mantêm nas suas ementas os pratos da cozinha regional. Em Julho, as noites são aquecidas pelo Festival de Jazz da Casa da Cultura. Ainda dentro do concelho, basta descer um pouco mais para encontrar o Casino, a marina de Vilamoura e muitas outras propostas de animação.

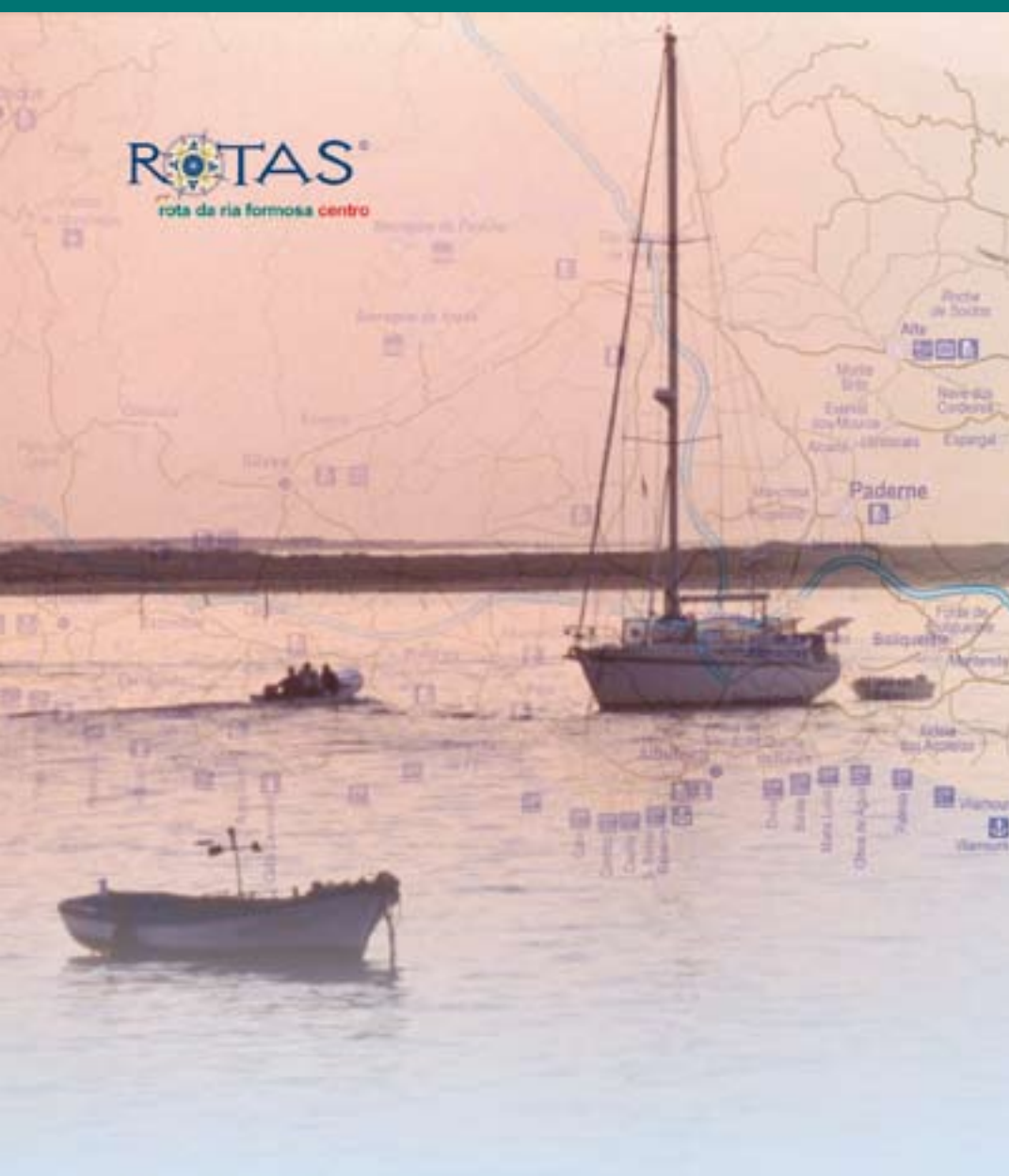


Voltaremos à EN 125 e vendo-se **Alfandanga**, dá-se um salto até à **Fuzeta**. Uma curta viagem de barco coloca-nos na contra-costa, numa praia de sonho, com um areal a perder de vista. Até **Moncarapacho**, serão poucos minutos e ali chegados aproveitamos para espreitar a olaria e o museu paroquial. Há que subir até ao **Cerro de S. Miguel**,

De Faro a Olhão com passagem pelo paraíso das aves. Recusamos o trajecto de dez quilómetros em via dupla entre as cidades, avançamos para o bilhar grande. Carambolamos em sonho entre as ilhas-barreira, como pássaros.

Extasiamo-nos na Quinta do Marim, espreitamos a intimidade quotidiana da gaivota de cabeça preta, da cegonha altiva que deambula, sem tocar, entre o mar e a terra. Como as aves pesqueiras africanas que ali veraneiam, adivinhamos o peixe que ginga as ilhas. Saboreá-lo-emos mais tarde em terra de pescadores, no mesmo lugar em que ousaremos a abertura da amêijoia, depenicaremos do maná dos bivalves. Em terra, somos viajantes no tempo: da velha Ossónoba à mais remota Milreu, ao palácio de todas as fortunas, em Estoí, insolitamente rodeado de plantas e flores que parecem ter resistido aos séculos. No Algarve de agora descobrimos outros algarves. O alvo casario fora do tempo em Moncarapacho, a arte do barro e dos óleos em São Lourenço. Aburguesamo-nos na Quinta do Lago mas, de novo esquecidos dos homens, ali ao pé respiramos o verde do Ludo, à procura das sombras em défile na rasteira paisagem do restante passeio. Entre a terra e o mar, os homens e os pássaros, enchemo-nos de Algarve, no coração da Ria Formosa.





#### RESUMO DO PERCURSO

Faro » S. João da Venda » S. Lourenço » Almancil » Quinta do Lago » Vale do Lobo »  
Santa Bárbara de Nexe » Estói » Moncarapacho » Queifas » Olhão » Ilha da Culatra »  
Ilha da Armona » Ilha do Farol » Ilha da Deserta (Barreta) » Faro

- |                   |                  |           |                                     |
|-------------------|------------------|-----------|-------------------------------------|
| Reservas Naturais | Fozil            | Miradouro | Praia                               |
| Aeroporto         | Terminal Fluvial | Monumento | Termas                              |
| Molho             | Marina           | Museu     | Espaços Naturais de Recreio e Lazer |



- |                     |                |                  |        |
|---------------------|----------------|------------------|--------|
| Auto-Estrada        | ROTA           | PONTO DE PARTIDA | 0 5 km |
| Estradas Nacionais  | ZONA PROTEGIDA |                  |        |
| Estradas Municipais |                |                  |        |

A **Rota da Ria Formosa** seduz o visitante pelos contrastes dos planos de água que se formam, entre a terra firme e as ilhas de areias voláteis e praias fabulosas. Contrastantes são também as cidades de **Faro** e **Olhão**, uma com o seu casario de vestutas antiguidade, a outra entranhada de sol e de sal, desde sempre ligada ao mar e à pesca. Navegando ou caminhando, os trilhos desta rota abrem-nos o mundo maravilhoso do **Parque Natural da Ria Formosa**.

O ponto zero do percurso é em **Faro**, uma cidade ampla de antiquíssima origem, com uma fisionomia própria e uma personalidade marcada.

A sua história está marcada por inúmeros terramotos, incêndios, saques de pirataria e acções militares, mas todavia a cidade seduz pelo seu aspecto claro e sóbrio. Desde o século XVI que Faro é a capital do Algarve, protegida pelo cordão dunar das ilhas da Ria Formosa. Ao longo dos séculos e desde o período romano, altura em que se assumiu como um dos mais importantes centros urbanos do sul da península ibérica, a sua importância manteve-se. O geógrafo árabe Rasis considerou-a "entre as de igual grandeza, a melhor do mundo" da sua época. Desconhece-se com exactidão a sua origem, mas há quem defenda ser aqui o local da mítica Ossónoba

Rodeada pela Muralha seiscentista, a **Vila Adentro** - o mais antigo centro histórico de Faro - reúne alguns dos seus mais significativos valores do património cultural, tornando a sua visita obrigatória. A entrada faz-se pelo Arco da Vila, uma das portas abertas na muralha, situada junto ao Palácio do Governador e acederemos à Sé, um edifício gótico (Séc.XII), com uma torre que nos proporciona uma bela vista sobre a cidade. Em frente, está o paço episcopal, palácio nobre do século XVIII, de linhas sóbrias mas de aspecto imponente, reconstruído logo após o terramoto de 1755. A curta distância está o paço do concelho, formando este conjunto arquitectónico uma praça ampla de proporções elegantes.

Uma estreita viela leva-nos ao Convento de Nossa Senhora de Assunção, com o seu gracioso claustro.



Ria Formosa



Faro - Muralhas do Castelo

Ali funciona o Museu Arqueológico e Lapidar Infante D. Henrique do qual se destacam a Sala Islâmica, entre diversas exposições permanentes.

O Arco do Repouso, a porta nascente da muralha, conduz-nos até ao Largo de S. Francisco, onde o convento do mesmo nome foi transformado em Escola de Hotelaria. Já a Porta Nova, a poente, desemboca junto à ria e à doca.

A cidade é rica em igrejas, antigos palácios, museus e galerias, com destaque para a Igreja do Carmo, que possui, a seguir à de Évora, a Capela dos Ossos mais relevante no contexto nacional.

As casas caiadas de branco, com seus telhados de quatro águas ou de tesoura como lhe chamam os locais, os arcos e as ruas estreitas, são pormenores que definem a arquitectura da capital algarvia, visíveis na Rua de Santo António e no espaço pedonal em volta, animados por esplanadas e lojas cosmopolitas.

Com a promessa de aí regressarmos, para conhecer, por exemplo a Praia de Faro, cujo acesso se faz pelo canal principal da Ria Formosa, deixamos Faro seguindo para Leste na EN 125, atravessaremos **S. João da Venda** e tomando atenção às



Faro, Convento de Nossa Senhora de Assunção



indicações do trânsito em breve estamos em **S. Lourenço**, cuja igreja está totalmente recoberta de azulejos do séc. XVII, enquadrando o altar em talha dourada e oito painéis figurativos. O Centro Cultural de S. Lourenço é um oásis de cultura, apresentando exposições permanentes de artistas contemporâneos, entre elas obras do prémio Nobel da literatura Gunther Grass.

**Almancil** é a porta de entrada para alguns dos mais luxuosos empreendimentos turísticos do Algarve.

Seguiremos por entre as famosas rotundas da **Quinta do Lago** até à beira mar, para nos deliciarmos com os percursos pedonais que estão desenhados de forma a proporcionar a apreciação de centenas de aves, flores exuberantes, matas de pinheiros e grandes lagos de água doce. Momentos de rara beleza natural, em especial, amanhecer ou sob o encanto da luz do sol poente.

Igualmente acessíveis estão quase todos os desportos, desde a equitação até à vela, destacando-se todavia o **golfe**. As **praias** vastas, possuem inúmeros atractivos e uma gostosa oferta em termos gastronómicos. Poderemos regressar a Almancil fazendo um pequeno desvio por **Vale Garrão e Vale de Lobo**, destinos turísticos cosmopolitas, porém integrados harmoniosamente na paisagem.



Praia de Faro



Igreja de São Lourenço



Centro Cultural de S. Lourenço

Será ao regressarmos por **S. João da Venda** que iremos optar por deixar a EN125 e seguir para Norte, atravessando o **Esteval** e seguindo para **Santa Bárbara de Nexe**, a meia encosta do serro, fazendo a transição para o barrocal algarvio. A próxima paragem será em **Estói**.

A jóia desta grande aldeia é sem contestação o "Jardim" nome porque é conhecido o conjunto - jardim e palácio - classificado como imóvel de interesse público. Este complexo é uma sumptuosa construção do séc. XVIII, um dos melhores exemplares do período romântico.

A Igreja Paroquial (sécs. XVI/XVII) rodeada de construções de arquitectura popular oferece, no alto da sua torre sineira em plano superior ao do Palácio, um panorama encantador, deslumbrante no tempo das amendoeiras em flor, que nos arredores formam grandes pomares.

A tradição da Festa da Pinha, na altura da Páscoa, que se iniciou no tempo dos almocreves, observa



Ruínas de Milreu



Praia de Vale de Lobo



Palácio de Estói

um curioso ritual. Enfeitam-se as carroças e os cavalos e o cortejo vai da aldeia até ao Pinhal do Ludo, próximo do litoral. Aí acendem-se grandes fogueiras, onde se queimam mechas de alecrim perfumado, em torno das quais se realiza um piquenique e um animado baile popular.

A 1 km ficam as **Ruínas de Milreu**, (séc. II D.C) vestígios de uma faustosa vila romana de um patrício, onde podemos encontrar termas com mosaicos policromos e as ruínas de uma basílica cristã do séc. IV, construída sobre o templo romano. No Centro Interpretativo poderá encontrar todas as informações sobre o complexo.

O desvio para **Moncarapacho** fica junto ao largo da Igreja de Estói e bastará percorrer 9 km para lá se chegar.

Apreciem-se as sebes de romãzeiras que só terminam junto à Olaria de Moncarapacho, uma empresa familiar de **artesãos** criadores de peças típicas. Um local ideal para levar uma recordação do Algarve.

A aldeia possui algumas casas do século XIX e início do século XX, e a Igreja matriz edificada no século XV é uma ampliação da primitiva capela gótica. O Museu Paroquial, anexo à Capela do Espírito Santo integra, para além de um conjunto de interessantes peças de arqueologia e etnografia local, uma valiosa colecção de imaginária religiosa dos séculos XVI a XVIII, sendo a sua principal atracção o presépio napolitano setecentista de 45 peças.

Serão apenas 6km até ao cimo do **Cerro de S. Miguel (Barranco de S. Miguel)**, a 411 metros de altura, de onde se vislumbra um dos mais belos panoramas do Algarve.

Na breve passagem por **Quelfes**, encanta o verde das figueiras e das vinhas envolvendo a povoação que, nas ruas em torno da igreja, ainda conserva casas de paredes brancas e chaminés rendilhadas. Nas proximidades, fica a ponte de origem romana reconstruída por diversas vezes onde, em 1808, as tropas napoleónicas foram derrotadas num combate, ponto de partida para a sublevação de todo o Algarve.



Olaria



Vista do Cerro de S. Miguel



Olhão

Uma das cidades que mais atractiva se mostra do Alto do Cerro de S. Miguel é **Olhão**, com as casas de açoteias e minaretes, uma malha de cubos brancos que lhe valeu o epíteto de cidade cubista.

Olhão pede uma visita com vagar, para percorrer os recantos, os becos, o labirinto de ruelas e travessas estreitíssimas.

A origem da palavra "Olhão" remonta aos séculos XV/XVI. O "Logar de Olhão" possuía água em abundância e atraiu pescadores que ali se fixaram. O escritor Raul Brandão descreve-a como "uma cidade entranhada de sal e de sol".

A visita à cidade do mar, deve terminar na marginal junto à Ria refrescada por jardins e esplanadas onde se destaca o ambiente colorido do Mercado Municipal, que de dia cumpre a sua tradicional função e de noite acolhe uma animada vida nocturna. É um espectáculo de cores aromas e sabores, um prazer para os sentidos.



Sardinhas



Junto da malha tradicional, a Igreja Matriz datada de 1695 declara na fachada que foi edificada “À custa dos homens do mar deste povo se fez este templo em que só haviam umas palhotas”. Foram esses mesmos pescadores que construíram no século XVII o primeiro edifício feito em alvenaria, a Ermida de Nossa Senhora da Soledade.

A partir da torre da Igreja Matriz, contempla-se o impressionante panorama da construção tradicional das casas olhanenses, tal cubos sobrepostos, açoteias para a seca do peixe, mirantes para vigiar o mar. Noutras ruas e avenidas há nobres fachadas enriquecidas em azulejos, varandas e ferros forjados.

Em qualquer lugar da cidade, por vezes no singelo restaurante ou na casa de petiscos, chegam à nossa mesa pratos da **cozinha tradicional** de confecção talvez simples, mas de paladar inesquecível. Todos os frutos do mar participam na gastronomia Olhão, desde o xarém com conquilhas, às lulas cheias à moda de Olhão, aos guisados de litão ou saão, ao arroz lingueirão, aos chocos com favas, ou as famosas cataplanas em numerosas versões, uma



Mercado de Olhão



Mercado de Olhão



Ria Formosa

cozinha de pescadores cheia de saberes. A importância do marisco nestas terras é de tal ordem que merece, todos os anos em Agosto, honras de um Festival. Os doces também são uma tentação. Bolachas bêbedas, em que na receita entra aguardente; figos cheios, bolo de figo, empanadilhas e bolo de laranja e amêndoa são saborosas maneiras de terminar uma refeição. É irresistível a proposta de conhecer a sede do **Parque Natural da Ria Formosa**. Partimos ao longo de uma trilha que permite observar aves migratórias, plantas enraizadas em solos secos ou alagadiços. Os famosos cães de água, espécie autóctone que já esteve em vias de extinção e cuja criação o parque garante, é um dos outros atractivos. O moinho de maré murmura canções líquidas conforme o mar sobe ou desce. O Chalé do pintor João Lúcio, rodeado pelo misterioso pinhal, apresenta uma arquitectura esotérica e cheia de



Quinta de Marim



Quinta de Marim

simbolismo. Lá dentro funciona uma ludoteca. O Parque Natural da Ria Formosa abrange cerca de 17 mil hectares, de Cacela-Velha ao Ancão e é uma porta para a descoberta do maravilhoso universo da fauna e da flora desta zona do litoral algarvio. O Centro de Informação e Interpretação, instalado na Quinta de Marim, a 1 quilómetro de Olhão, possui um museu e exposições dignas de visita. Mas a maior das tentações é um **cruzeiro** por entre os canais da Ria até às ilhas da **Culatra**, da **Armona** e do **Farol**, ou mesmo até à ilha da **Fuzeta**. As areias douradas estendem-se até ao infinito, com a espuma das ondas a espriar-se leve e branca. Não há palavras para descrever o pequeno paraíso que é a **Ilha Deserta (Ilha da Barreta)** e uma forma perfeita de terminar esta Rota seria este passeio pelos canais. São dezenas de praias impolutas, quentes e na sua maioria desertas. Já de volta a **Faro**, seja marinhando ou por estrada, e neste caso usemos a EN 125, a gastronomia da capital oferece voluptuosos bivalves – amêijoas e



Moinho de Maré



Quinta de Marim



Quinta de Marim



Ilha do Farol

conquilhas - seguidos de uma sopa de peixe típica, um apetitoso arroz de lingueirão, ou em alternativa a cataplana de tamboril ou de marisco, uns choquinhos fritos com tinta, pratos deliciosos e muito apreciados. Haverá ainda tempo para nos perdermos na animada noite de **Faro**, onde os jovens da Universidade do Algarve, com irreverência e classe, protagonizam uma movida divertida a que não é alheia uma vasta oferta cultural.



Dunas



O Algarve pela medida grande da trajectória do Sol. Levantarmo-nos com ele, bola vermelha que se atreve ao espaço dos lados da Andaluzia e terminarmos com ele desaparecendo no oceano eterno. Pelo meio, aventurarmo-nos para o oeste, pelas rotas do turista terrestre.

Arriscarmos os caminhos das brisas serranas que fazem dançar estevas, urzes e medronheiros, dançarmos com eles por entre a sinuosidade dos caminhos deste Algarve outro, de Castro Marim a São Brás. Espantarmo-nos, senhores da paisagem, com inusitados precipícios rentes a estradas que se perdem no azul.

Rendermo-nos às delícias da paisagem mediterrânica que nos levam de Loulé a Paderne e a Silves, o Algarve das casas caiadas, das chaminés rendilhadas por onde o sol passa a custo, dos castelos que testemunham o começo da aventura.

Descermos de novo ao litoral mas continuarmos em cima, apesar da descida: falésias a nossos pés, casinhas de brincar do tamanho de uma mão no presépio do Carvoeiro, deslumbrarmo-nos com a branca areia fina, quiçá mergulhar antes do regresso pelo barrocal e desse outro mergulho no cosmopolitismo da cidade maior.

Perdermo-nos nos labirintos de Olhão, perder a vista nesses outros labirintos, os canais da Ria Formosa, as ilhas, ousar apontar binóculos para o festival de azuis e descobrir uma ave de África.

No fim, visitar as mil igrejas de Tavira, subir e descer as encostas pedrosas da cidade do Gilão, antes de regressarmos a casa e repousarmos a vista de novo a leste do paraíso, do outro lado do Guadiana...

# RESUMO DO PERCURSO

Vila Real de Santo António » Castro Marim »  
Santa Catarina da Fonte do Bispo » São Brás de Alportel »  
Loulé » Boliqueime » Paderne » Silves » Lagoa » Carvoeiro »  
Alcantarilha » Estói » Faro » Olhão » Tavira » Cacela Velha »  
Vila Real de Santo António





Os **Caminhos além do Centro** são uma proposta para se deslindarem os trilhos do litoral e da serra das outras zonas do Algarve. No final, teremos um álbum fotográfico incomparável.

No **litoral**, as praias extensas e de águas mansas do Sotavento, são substituídas pelo recorte caprichoso das falésias, e pequenas conchas de areia surpreendentes no Barlavento. Na serra, às ondulações do Caldeirão e planaltos do Nordeste, contrapõe-se o jardim selvagem de Monchique, o odor atlântico da Serra de Espinhaço de Cão. Nas **idades**, sobressai a herança islâmica de **Silves**, a identidade senhoril de **São Brás de Alportel**, a vivacidade de **Loulé**, a imponência de **Faro**, a graciosidade de **Tavira**.

Antes de partir à descoberta, impõe-se um olhar mais atento sobre **Vila Real de Santo António**, ponto de partida desta rota.

Criada em 1774 em plena era do Iluminismo, como uma réplica da planta da baixa lisboeta, definida após o terramoto de 1755, a arquitectura do seu centro histórico distingue-se pela sobriedade das suas construções, as ruas geometricamente perpendiculares convergindo para a Praça Marquês de Pombal. A zona baixa é o paraíso das compras, com as suas centenas de lojas e esplanadas. O antigo mercado, agora transformado no Centro Cultural António Aleixo, substituiu as bancas de peixe, frutas e legumes por salas de cultura. A cidade esteve desde sempre associada à pesca, ferry-boats cruzam o rio para a outra margem, até



Carvoeiro



Vila Real de Santo António

à vizinha Ayamonte, enquanto outros sobem e descem o Rio Guadiana e a sua doca de recreio que dá um ar cosmopolita à avenida da República, marginal encantadora.

O farol vigia a costa e toda a cidade, oferecendo do seu topo uma ampla visão da foz do **Rio Guadiana**, do verde intenso do pinhal, ali plantado para proteger as dunas que enquadram a bela baía de **Monte Gordo**, das praias a perder de vista, banhadas pelo Atlântico que aqui se mostra quente e manso.



Vila Real de Santo António - Marginal

A norte, a **Reserva Natural do Sapal de Castro Marim de Vila Real de Santo António** é um reino deslumbrante, abrigando uma flora única e múltiplas espécies de aves. Ao odor da maresia mistura-se o perfume silvestre e o sapal, encharcado pelo vai vem da maré, pulsa de vida: peixes, moluscos e crustáceos, encontram um habitat propício.

A cidade orgulha-se também da sua rica

**gastronomia** com os famosos pratos confeccionados à base de atum, uma tradição que vem de muito longe. Acrescentem-se as conquilhas ou os saborosos camarões de Monte Gordo, os grelhados, as saladas frescas de frutos do mar.

Sairemos da cidade pelo Norte, em direcção a **Castro Marim** (IC 27) serpenteando por entre as salinas exploradas artesanalmente, que reflectem na sua alvura a luz do sol. No horizonte, esvoaçam aves e o Guadiana esparrama-se em águas calmas.

Castro Marim é uma das localidades mais antigas do Algarve, e importante centro do domínio árabe até 1242. A vila já esteve mais próximo do mar e constituía uma ilha rodeada por águas baixas, um porto

importante, de onde partia a estrada romana que, paralela ao rio Guadiana, passava por Alcoutim, Mértola e Beja, chegando a Lisboa.

A sua posição estratégica face à fronteira com o reino de Castela e a necessidade de rechaçar os ataques mouros vindos do Norte de África, justificam o **Castelo**, o forte de S. Sebastião e as muralhas. As suas ameias



Castro Marim - Salinas

proporcionam um miradouro ímpar de toda a zona envolvente. Com este lastro histórico é fácil entendermos porque estão tão entranhadas no imaginário popular as lendas de princesas mouras e valorosos cavaleiros que as pretendiam arrebataram aos encantamentos. Não é difícil descobrir **artesanato** genuíno, que faz as delícias de quem aprecia a arte popular: miniaturas em madeira, cestaria em cana, rendas de bilros ou tapeçaria, em peças únicas e originais. **Os Dias Medievais de Castro Marim**, são um interessante festival que todos os anos em Setembro traz para as ruas um vistoso cortejo em que participam todos os habitantes com trajes da época. A nossa sugestão é aproximarmo-nos do **centro do Algarve** pela Via do Infante, cujo nó de acesso está a centenas de metros. Usufruir da modernidade depois de apreciar o património histórico é um contraste agradável e estimulante. Nas diversas zonas de paragem da via rápida, é possível desfrutar de um panorama que surpreende pela sua diversidade. A Sul e até à orla marítima, antevêm-se as aldeias piscatórias e as cidades costeiras tendo o azul do mar por limite. A Norte, estão as terras do barrocal, forradas de alfarrobeiras ou bucólicos pomares de amendoeiras.



Dias Medievais de Castro Marim



Santa Catarina da Fonte do Bispo - telheiros

Até ao Nó de Tavira não serão mais do que 20km e aí toma-se a direcção de **São Brás de Alportel** através da EN270. Após 7 km, estaremos em **Santa Catarina da Fonte do Bispo**, aldeia que fazia parte da **rota dos contrabandistas**, utilizada até finais do séc. XIX e que ligava a costa atlântica, passando por Monchique, até à fronteira do Guadiana. Rodeada por pomares onde vicejam amendoeiras e laranjeiras, dos seus solos calcários sai o barro usado para fazer os ladrilhos, os azulejos, o tijolo burro (maciço) e a telha mourisca. A Associação de Telheiros Artesanais, sob marcação prévia, proporciona visitas aos telheiros, uma actividade multissecular. Trabalhar o barro tem que se lhe diga. Antes de a roda de oleiro girar, há que extrair a pasta do filão subterrâneo, retirar-lhe as impurezas: um pequeno tronco, uma pedra, são suficientes para quebrar as peças. Os fornos são alimentados previamente pela lenha de azinho e depois pela casca da amêndoa, que deixa no ar um cheiro a terra. O produto final, depois da brunidura, leva uma aguada de cal para clarear e ficar mais resistente.



São Brás de Alportel



Cortiça

Tomando a direcção Oeste, bastam 9 km para se chegar a **São Brás de Alportel**.

Xanabus ou Xanabras – é o âmagio da **indústria corticeira**, ponto de cruzamento das estradas que uniam Loulé a Tavira e Faro a Almodôvar (Alentejo), desde do tempo dos Romanos. “A Calçadinha Romana” é um dos vestígios da época, ainda visível.

Os sobreiros, os eucaliptos, os pinheiros e os medronheiros sombreiam as encostas em redor da vila. Visite-se também o Jardim do Episcopado também conhecido por “Verbena”, com o seu bonito coreto. De seguida, há que rumar ao **Museu Etnográfico do Trajo Algarvio** integrado na Casa da Cultura António Bentes, sedeada num palacete de inspiração mourisca, com o seu curioso espólio de indumentárias das gentes algarvias de antigamente e de brinquedos.

Realmente curiosos são os nomes das aldeias deste concelho. **Tareja**, Desbarato, **Tesoureiro**, Parises, Mealhas ou Mesquita são apenas alguns exemplos. Em quase todas, os **artesãos** mantêm as suas tradições. As mantas de retalhos, os cestos de vime e de cana, as vassouras e os pincéis, a latoaria, o trabalho de ferro forjado, as colheres de pau, desenvolvem-se a par e passo com a produção

de mel, queijos, enchidos, medronho ou doces regionais.

Uma **gastronomia** rica e diversificada em que os pratos de caça atingem a excelência, é completada pela doçaria com o morgado serrano a ocupar lugar de destaque.

Mantendo o mesmo sentido e a mesma estrada, dirigimo-nos a **Loulé**. Importante centro urbano árabe até 1249, a criação da feira franca, em 1291, tornou Loulé um dos grandes centros do Algarve medieval.



Doces Regionais



A história respira nas muralhas, de origem árabe, a cultura pontifica no convento do Espírito Santo, transformado em galeria de arte e em cujos claustros acontece, todos os anos, o festival de jazz. Mas é em Fevereiro, com o carnaval, que Loulé se transforma, durante três dias de intensa folia, no centro de animação de todo o Algarve.

Na saída para Boliqueime, seguindo a EN 270, avista-se à esquerda a **Mãe Soberana**, num outeiro servindo de miradouro sobre a cidade, os campos e o mar. Este é um monumento do séc. XVI, estilo Renascença, dedicado a N. Sra. da Piedade, padroeira de Loulé. As **lendas** sobre a Mãe Soberana datam de alguns séculos atrás.

Uma delas está ligada à construção da igreja, prevista inicialmente para próximo de uma gruta. Os operários deixavam na obra as suas ferramentas e no dia seguinte, sem se saber como, encontravam-nas no cimo do cerro, Pensaram então que a Santa não queria a sua igreja escondida numa cova. Assim se edificou a pequena ermida no cerro



Loulé - Mãe Soberana

que se avista em volta de Loulé. A **procissão** que se realiza em sua honra, no período da Páscoa, é uma das mais impressionantes e participadas do sul de Portugal. Milhares de pessoas acenando lenços e gritando louvores, acompanham o andor na íngreme subida que conduz ao **Santuário**, feita em passo de corrida pelos carregadores. No coração do Barrocal, Loulé é uma terra de **artesanato** e nas lojas que rodeiam as muralhas ainda se descobrem artesãos no seu labor. Com uma mestria ímpar, fazem cestos e tapetes e chapéus de empreita, cintos, malas e peças em cobre e latão.

Ainda e sempre pela EN 270, a próxima paragem é em **Boliqueime** que se ergue a meia encosta, rodeada de montes e serros, excepto pelo Sul.

O topónimo, que em italiano e significa olhos de água, é atribuído aos genoveses, sicilianos, e venezianos que nos séculos XIII, XIV e XV andavam na pesca do atum e da baleia nas costas do Algarve e depararam com este ponto



Boliqueime



Praia de Olhos de Água



Praia de Olhos de Água

muito abundante de água potável.

O primeiro povoado era mais próximo do mar, provavelmente na actual **Praia dos Olhos de Água**. A mobilidade da orla marinha e os terramotos fizeram recuar o povo já por duas vezes, até à localização de hoje. Boliqueime Velho (1 km a sul) foi destruído pelo terramoto de 1755. O rei D. João I mandou fazer aqui os primeiros ensaios da plantação de açúcar, tal a riqueza do solo. Na zona mantém-se um importante centro de transformação da alfarroba, ou pão de S. João. Assim se chama porque S. João Baptista dela se alimentou no deserto, o que prova o alto valor energético do fruto. Durante a descasca e preparação exala um cheiro doce e inconfundível. Nas margens próximas da ribeira do Algibre colhe-se a cana que serve para os trabalhos artesanais de cestaria, uma larga tradição, pois era nas ceiras e açafates que se embarcavam para a Flandres os frutos secos.

Muito curta é a distância até à quinta do célebre Morgado da Quarteira doado em 1297, por D. Diniz a Martim Mecham e onde hoje se ergue o complexo turístico de **Vilamoura**.

É necessária atenção para não falhar a saída de Boliqueime em direcção a **Paderne**, retomando de novo a Nacional 270. O percurso vai-se desenrolando colinas acima, com a paisagem a compensar largamente as curvas um tanto apertadas.

Paderne localiza-se numa colina suave, o seu branco casario antigo a destacar-se da paisagem circundante. Na rua principal há uma interessante chaminé decorada do séc. XVIII. Num cerro próximo o castelo difere do habitual: Não é feito de pedra, mas de taipa, uma técnica de construção militar árabe, mistura de areias e cal "tão forte e tenaz que excede em dureza as muralhas de pedra", dizia Ataíde de Oliveira, o primeiro arqueólogo algarvio.

É um dos mais antigos castelos do Algarve figurando na Bandeira de Portugal e admite-se que a primitiva fortaleza fosse construída pelos Lusitanos. Castro lusitano, forte romano, alcáçova militar



Paderne



árabe, castelo cristão, é rico o acervo histórico de Paderne. Existe um curto percurso pedestre em torno do castelo, passando por uma ponte medieval, com um troço da antiga calçada e desembocando numa azenha com o seu açude. Abandona-se Paderne em direcção a Silves onde se tomará a Estrada Regional 269, que passando pelo **Algoz** nos levará até **Silves**. Sobranceira ao Rio Arade a antiga capital islâmica, notável no passado pelo seu

desenvolvimento, tanto cultural como comercial, impressiona ainda hoje com o castelo dominando altaneiro. Construído em grés, pedra de tom ruivo, e rodeado pela antiga Sé de Silves e o casario branco, surge-nos imutável, como se o tempo não passasse.

A ponte românica estende-se graciosa, e pelas ruelas estreitas subiremos até ao amplo Largo do Município, onde está o Pelourinho, as Portas da Cidade e o edifício dos Paços do Concelho. Ali ao lado, após o Torreão das Portas da Cidade, está o Museu Municipal de Arqueologia, que alberga no seu interior um dos mais notáveis Poço-Cisterna do séc. XII existentes no Al Andaluz. Uma visita à antiga Sé Catedral torna-se também indispensável.

No interior do Castelo, um jardim e ruínas arqueológicas não deixam esquecer uma subida até às muralhas, o melhor e mais bonito miradouro da cidade.

A “Fábrica do Inglês”, já na zona baixa, uma antiga empresa corticeira, proporciona-lhe uma visita ao Museu da Cortiça.

A tradição gastronómica faz a síntese entre os produtos do mar e da terra e a doçaria esmera-se no bolo real, no morgado de Silves, doce de ovos ou nas meias luas. Terra da laranja, não há como comprá-las, doces e sumarentas, no animado mercado local, onde ecoa o doce e estranho sotaque local, bem diferente de outros pontos do Algarve. É em Silves que faz todo o sentido a bela **lenda das amendoeiras**.

Conta esta lenda que um príncipe mouro da região de Al-Gharb se apaixonou por Gilda, filha de um grande senhor do Norte, que derrotara em combate e ela por ele.

Quando chegou ao seu novo reino, a princesa foi ficando cada dia mais triste. Sofria a princesa, sofria o jovem mouro por vê-la triste, sofria o povo por ver sofrer o seu senhor e a



sua princesa. Ninguém conseguia encontrar a cura para tão funda desolação.

Veio-lhe então a ideia de mandar plantar milhares de amendoeiras que, ao florirem, cobririam de minúsculas pétalas alvas, os montes e vales em redor do palácio. E num belo dia de Inverno o palácio acordou com um maravilhoso manto de “neve” cobrindo os campos à sua volta.

E conta a lenda que Gilda imediatamente se curou, ao olhar a bela paisagem, vivendo a partir daí feliz no Al-Gharb, terra quente, onde desde esse dia até hoje, em todos os Invernos se repete o milagre das amendoeiras em flor.

A lenda das amendoeiras inspirou muitos poetas e escritores, como o trovador José Carlos Ary dos Santos, que criou “O Rimance da Princesa do País dos Gelos que em Terras da Moirama suspirava”. O poeta escreveu-o “em louvor da fantasia de um povo que nasce vive e morre entre o céu e a água”. Eis alguns excertos desse belo poema, inspirado na Lenda das Amendoeiras

(...)A Princesa:

*Ai portas do meu silêncio.*

*Ai vidros da minha voz.*

*Ai cristais da minha ausência*

*da terra dos meus avós*

*e desatavam-se em soluços*

*os seus cabelos desfeitos.*

(...) O Rei:

*Dizei-me magos oragos*

*anões duendes profetas*

*adivinhos e jograis*

*sagas videntes poetas*

*como hei-de secar o pranto*

*daqueles olhos de rio*

*como hei-de calar os ais*

*daquela boca de estio*

*como hei-de quebrar o encanto*

*que numa tarde de pedra*

*talhada pela tristeza*

*selou com dedos de chumbo*

*o sorriso da princesa*

*que suspira pela neve*

*na ponta do fim do mundo.»*





Lagoa

Embalados pelo ritmo de Ary dos Santos, seguiremos para **Lagoa**, a que no passado árabe se chamou «Abenabebe» aparentemente devido a um lago que ficava próximo. Protegida a noroeste pela Serra de Monchique e a Nordeste pela do Caldeirão, Lagoa usufrui de um clima ameno de suaves Invernos e Verões frescos ideais para a prática do golfe, dos passeios equestres, cicloturismo ou passeios a pé. O Convento do Espírito Santo, transformado numa Galeria de Arte, possui uma roda de expostos, onde antigamente se depositavam sob anonimato crianças para que fossem criadas pelas freiras. O jardim alberga um menir encontrado na freguesia. Nos arredores, **Porches** juntava inúmeros oleiros, tradição que ainda se mantém.

A escassos 5 km de Lagoa fica o **Carvoeiro**, uma pitoresca praia com o casario em anfiteatro a debruçar-se sobre a areia pejada dos coloridos barcos dos pescadores artesanais. A 800 metros estão as insólitas formações rochosas do **Algar**

**Seco**, esculpidas pelo vento e pelo mar com as suas formas fantasiosas e a romântica Varanda dos Namorados. O **Cabo do Carvoeiro** é o local indicado para iniciar uma fascinante viagem de barco pelas 18 grutas que as falésias guardam, desvendando segredos acessos ao mar. A importância estratégica do cabo Carvoeiro é de tal ordem que aparece naquele que é considerado o primeiro mapa impresso em Portugal, baseado num outro editado no ano de 1561 em Roma.

Uma boa surpresa é a **praia do Carvalho** um estranho local de acesso escondido entre as rochas.



Carvoeiro

Uma vez lá chegados, as águas cristalinas e a moldura feérica das falésias compensam largamente. Do Carvoeiro, pela estrada junto às falésias, que passa por **Benagil** seremos conduzidos até **Armação de Pêra** onde existiu a armação da sardinha e do atum, artes de pesca que originaram o nome. A pequena povoação de pescadores, rente a uma vasta praia de águas calmas e de um imenso azul, beijando teimosa e repetidamente uma areia fina e dourada pelo Sol, é hoje uma estância cosmopolita. Este pedaço da costa alcantilado, não tem comparação em nenhum outro local do Algarve. Destaque para a belíssima paisagem disponível junto à Capela da Nossa Senhora da Rocha outrora um baluarte defensivo contra os ataques da pirataria, e refúgio dos que trabalhavam no mar e a usavam para se defender do saque. Ao fundo, a paradisíaca **praia da Senhora da Rocha**. Aninhada numa ampla baía que se estende desde a da **Ponta da Galé** até aqui, com belas praias como a dos Pescadores (Albufeira) da Maré Grande ou dos Beijinhos.

Partiremos agora pela EN 125 para **Alcantarilha** uma terra em presépio onde a igreja domina a povoação que se espalha cenicamente pela colina.

Não vá a Rota ficar demasiado extensa, a Via do Infante coloca-nos num instante junto a Faro. Ao deixar a via rápida, em 2 km estaremos em **Estói**, onde as **Ruínas de Milreu** apresentam a descoberto uma casa senhorial romana e um templo, do século III. A villa foi embelezada com mosaicos, com a representação de fauna marinha. Na banheira das termas os peixes são representados, mas exageradamente gordos. Esta particularidade é intencional, pois vistos através da água, por ilusão óptica, não só aparentavam mover-se, como as suas dimensões ficam reduzidas à normalidade. No Centro Interpretativo e de Acolhimento há informação sobre todo o complexo.

Será pela campina fértil e florida que nos aproximaremos de **Faro**, a capital do Algarve. Muitos são os tesouros de Faro, a exigir passeio demorado.

É incontornável a beleza da Vila Adentro, o centro histórico reúne a Sé Catedral, o Convento de

Nossa Senhora da Assunção, o Arco do Repouso – onde D. Afonso III descansou – e o Paço e Seminário Episcopal. A rua de Santo António e adjacentes, de acesso unicamente pedonal aliam a tradição à sofisticação de lojas modernas. Voltaremos à EN 125 para ir a **Olhão** talvez para assistir ao festival do marisco em Agosto, dar um passeio no



Estói - Ruínas de Milreu

jardim dos pescadores na marginal ou então percorrer os recantos, os becos, o labirinto de ruelas e travessas, à moda do Sul.

O ambiente colorido do Mercado estende-se ao logo de todo o dia. De manhã vende-se peixe acabado de pescar, de tarde as esplanadas são o ponto de encontro e à noite funciona uma zona de bares mesmo junto à ria. É um espectáculo de cores, aromas e sabores, um prazer para os sentidos.

A Igreja Matriz, construída em 1695, ostenta na fachada a seguinte inscrição "À custa dos homens do mar deste povo se fez este templo em que só haviam umas palhotas". Próximo fica o Compromisso Marítimo, fundado no século XVIII, com a fachada marcada pelos dois telhados de tesoura tendo, ao centro, uma cúpula de capela. É a partir da torre da igreja que se contempla todo o vasto e impressionante panorama da construção tradicional de Olhão, a Vila Cubista:

As casas, com as açoteias a substituírem os telhados sugerem cubos sobrepostos.

Todos os frutos do mar participam na **gastronomia** de Olhão, desde o xarem com conquilhas, às lulas cheias à moda de Olhão, aos guisados ou caldeiradas de litão ou safo. Surpreendente é o arroz lingueirão, ou os chocos com favas.

Já a caminho de **Tavira**, não podemos prescindir de uma visita ao **Parque Natural da Ria Formosa**, com sede a menos de 2 km da cidade. Partimos ao longo de um trilho que nos permite observar as aves migratórias, a adaptação das plantas aos diversos habitats, os famosos cães de água, hábeis mergulhadores cuja criação é outros dos atractivos do Parque. O moinho de maré está completamente restaurado, e o murmúrio das vagas rivaliza com o cântico das aves.

Carreiras regulares, ou barcos de aluguer, levam-nos às **ilhas da Culatra**, da Armona e do Farol, à descoberta das belezas da Ria Formosa.

Terra de muitas **lendas**, Olhão tem na história de Floripes uma moura encantada, muito linda, uma prova do poder que a ria Formosa exerce sobre os olhanenses. Os mais velhos contavam que em determinadas noites se ouve o seu lamento cantado, suplicando que a desencantem, prometendo em troca felicidade e riqueza.

A dificuldade reside nas duras provas necessárias para tal empresa: Ir a pé com uma vela acesa até



Olhão - Secagem do litão



Festival do Marisco

uma das ilhas e voltar, durante a maré vazia. Caso a vela se apague durante os trajectos, o aventureiro seria submerso pelas águas. Os homens do mar continuam ainda a reear o chamamento de Floripes e muito poucos se aventuram a passar à noite no local das "aparições" e receando os "chamamentos". Estamos já de regresso ao **Sotavento**, e continuamos na zona da costa abrangida pela Ria Formosa que de Faro até Cacela a Velha vai formando pequenas ilhas de areia e outras tantas praias de sonho, como a **Fuzeta** ou **Cabanas**.

Chegaremos a **Tavira** para nos encantarmos com o Rio Gilão, onde a cidade, garrida, se mira. O rio divide-a em duas partes, reunidas entre si por meio duma bela ponte românica composta por sete arcos. Tavira possui ruas muito belas, um centro histórico que vai subindo em ruelas estreitas até ao castelo. Supõe-se ser aqui a antiga Balsa, fundada pelos romanos. Foi depois pertença dos Mouros, como atestam as inúmeras torres das igrejas, onde outrora existiam os minaretes das mesquitas. Recomenda-se a visita ao centro de exposições do Palácio da Galeria, ao Castelo, ou a uma das muitas igrejas que Tavira tem para oferecer. Valerá a pena, por isso, tomar assento no mini-comboio eléctrico e seguir a carreira do património e também aquela que liga a cidade às Quatro Águas, onde se apanha o barco para a maravilhosa ilha de Tavira, seguramente uma das melhores praias do Algarve.

Haverá ainda tempo para se apreciar um fabuloso por do sol junto ao forte de **Cacela Velha**, uma pitoresca aldeia no topo de uma arriba arenosa fronteira à Ria Formosa.

Possivelmente fundada pelos Fenícios, por volta do ano 800 a. C. na região habitava também a tribo lusitana dos Cúneos.

Ao chegarmos à aldeia, belos exemplares de arquitectura popular, mostram-nos outro Algarve, mais genuíno. O mar despede-se de nós brilhando intensamente, despedimo-nos nós do sol para ir em busca de umas deliciosas ostras, umas amêijoas, um bom peixe grelhado, ou um saboroso prato de marisco salteado, antes de voltarmos a **Vila Real de Santo António** onde se acaba a rota dos Caminhos para além do Centro.



Ria Formosa



## ÍNDICE DAS ROTAS DO SOTAVENTO

A Rota do Atum vai desenrolar-se sob o signo do azul do oceano, do amarelo dourado das areias, do verde dos pinhais, do branco da cal e do sal, mergulhando em plena Reserva Natural do Sapal de Castro Marim e de Vila Real de Santo António, lar de muitas espécies de aves.

A Rota da Serra, partindo de Tavira, vai deambular pela face virada para o mar da Serra do Caldeirão, aliando oliveiras e amendoeiras, misturando-se estas com as figueiras, alfarrobeiras e palmeiras. Colinas suaves até ao mar. Uma paisagem impressionante, por vezes ondulado, outras precipitando-se em barrancos.

A Rota do Guadiana vai em busca dos segredos de uma cultura secular, do tempo do Al-Andaluz. Seguirá o Guadiana, o rio Grande do Sul, estrada azul por onde vários povos circularam intensamente, através de paisagens de encanto, onde o Homem deixou a sua marca, sem no entanto impedir que outras espécies aí vivessem, num equilíbrio notável.

Os “Caminhos para Além do Sotavento” levam-nos para as terras mais a ocidente, ou do Barlavento, uma rota que permite a quem está no leste ou a Sotavento, ficar a conhecer a diversidade que o Algarve possui na outra extremidade. No litoral, as praias extensas do Sotavento, são substituídas pelo recorte caprichoso das falésias do Barlavento. Às ondulações do Caldeirão e planaltos do nordeste, contrapõe-se o jardim selvagem de Monchique, o odor atlântico da Serra de Espinhaço de Cão. Nas cidades, sobressai a herança islâmica de Silves, a identidade de Portimão, a vivacidade de Lagos e a imponência de Faro.



PÁG.

110

### ROTA DO ATUM

+/- 72 km

Monte Gordo » Vila Real de Santo António » Castro Marim  
» Aldeia Nova » Manta Rota » Cacula Velha » Fábrica »  
Cabanas » Tavira » Ilha de Tavira » Vila Real de Santo  
António » Monte Gordo

120

### ROTA DA SERRA

+/- 115 km

Tavira » Cachopo » Água dos Fusos » Mealha » Anta das  
Pedras Altas » Corte João Marques » Ameixial » Besteiros  
» Catraia » Cortelha » Barranco do Velho » Alportel » São  
Brás de Alportel » Javali » Pereiro » Foupiana » Santo  
Estevão » Luz de Tavira » Santa Luzia » Tavira

130

### ROTA DO GUADIANA

+/- 163 km

Castro Marim » Monte Francisco » Junqueira » Azinhal  
» Alcaria » Foz de Odeleite » Álamo » Guerreiros do Rio  
» Alcoutim » Pereiro » Alcarías » Martilongo » Vaqueiros  
» Cortelha » Corte do Gago » Santa Rita » Vila Nova de  
Cacula » Cacula Velha » Castro Marim

142

### CAMINHOS ALÉM DO SOTAVENTO

+/- 351 km

Faro » S. Lourenço » Almancil » Quarteira » Vilamoura  
» Albufeira » Armação de Pêra » Porches » Lagoa »  
Carvoeiro » Ferragudo » Portimão » Odeixe » Lagos »  
Vila do Bispo » Sagres » Carrapateira » Bordeira » Aljezur »  
Marmeleira » Monchique » Picota » Silves » Faro



Seguindo a estrada líquida do rio Guadiana, em busca de segredos seculares, ou vagueando pelos paraísos da Reserva Natural de Castro Marim e do Parque Natural da Ria Formosa, estas são as rotas dos azuis cálidos do mar, do verde intenso da serra do Caldeirão, dos agrestes planaltos do Nordeste, das curvas sensuais das dunas da baía de Monte Gordo.

Tavira vai surgir reflectida no rio Gilão, envolta na luminosidade única das suas belas igrejas. S. Brás de Alportel, senhoril e grave, é um magnífico miradouro sobre os verdes da Serra. Alcoutim desce de escantilhão até às águas do Guadiana, a proximidade alentejana a perfumar a sua gastronomia de ervas de cheiro.

Descobriremos uma outra dimensão do tempo, sotaques cantantes, lendas antiquíssimas, mares de terra na serra profunda, vagas quentes e calorosas nas praias da baía.

Haverá encantamentos irresistíveis, a que cederemos gostosamente, para navegar sobre os rios, descobrir o passado por entre os testemunhos de pedra, ver o Sol mergulhar no mar enquanto nos deleitamos com frutos do mar, e nos preparamos para saborear noites bem dispostas e cheias de animação.

As Rotas do Sotavento desvendam alternativas tentadoras para umas férias inesquecíveis. Bem vindos ao Algarve!



Do ensopado reino dos perna-longas – esguias aves convertidas em símbolos, em Castro Marim – ao oásis cosmopolita de Monte Gordo. Da monumental Tavira das 32 igrejas, à Manta Rota das águas limpas e cálidas. Onde acaba a Ria Formosa, começa o passeio pelo mais quente dos algarves.

Ali, de onde os homens partiam para a campanha dos atuns, restam poucos vestígios da faina antiga: artes e barcos juncam as águas calmas, como que conformados, talvez felizes, com a escolha. Mas ainda lá estão os filhos dos bravos do atum. Raros, de cabelos brancos e dedos petrificados e gordos, chuleiam agora as artes de captura mais à mão. Havemos de vê-los também agarrados à ganchorra, curvados sobre a arte e a madrugada lavrando areias em busca do maná dos bivalves, no istmo peninsular de Cacela.

À mesma hora, já os netos das gentes do atum se espalham pela costa, enchem prédios em Monte Gordo, simpáticas casinhas de comer em Cabanas e Altura. Mais tarde, com o eterno azul do Sul em mira, ali degustaremos o produto da água e do carvão, saborearemos o mais mole dos recheios da ganchorra. E sempre mirando o azul, adivinharemos os feitos gloriosos, as guerras, dos homens remotos na rota do atum.





A Rota do Atum vai desenrolar-se sob o signo do azul do oceano, do amarelo dourado das areias, do verde dos pinhais, do branco da cal e do sal.

**Monte Gordo** é o ponto de partida. Espraia-se o olhar pela ampla baía, pela praia imensa. Os barcos coloridos arrumados no lado poente da praia dizem que a tradição ainda é o que era e a pesca artesanal continua.

Os pescadores já aqui viviam no início do séc. XVIII e além de portugueses e andaluzes, há notícias dos que vieram das costas francesa e catalã.

O Marquês de Pombal, por altura do terramoto de 1755, quis à viva força que eles se mudassem para a recém construída **Vila Real de Santo António**. Os homens do mar não gostaram e se uns se transferiram para a Andaluzia, outros meteram-se nos barcos e foram para a Meia Praia em Lagos, onde o areal e a baía têm largueza semelhante. Alguns permaneceram teimosamente.

Será talvez destas agruras, deste combate desigual que opunha o poderoso Marquês aos modestos pescadores que vem o hábito de desabafar e rogar pragas, com uma linguagem colorida e por vezes irrepitível. As pragas de Monte Gordo são famosas em todo o Algarve.

Nos anos 40 do séc. XX, as famílias alentejanas ricas começam a construir vivendas para passar aqui a época dos banhos e nos anos de 1960, no advento da indústria turística, constrói-se um dos primeiros hotéis da região. Será pela estrada que ladeia a mata litoral de pinheiro manso, um manto verde, fresco e profundo, onde vive o



Praia de Monte Gordo



Vila Real de Santo António

camaleão, uma espécie protegida por se encontrar em vias de extinção, que chegaremos a **Vila Real de Santo António**.

À direita depara-se-nos o farol, imponente nos seus 46 metros de altitude. Os navegantes dependem, durante a noite, da sua luz para saber onde o mar acaba e a terra começa; de dia, as barras azuis pintadas na torre indicam-lhes a zona da costa.



Vila Real de Santo António - Praça Marquês de Pombal

A marginal inflecte depois para a barra do Rio Guadiana, que embora larga, deixa ver o casario de Ayamonte plantado na outra margem. Pouco mais do que um quarteirão separa-nos do centro histórico de traça pombalina, um estilo de construção único no Algarve, inspirado na experiência de reconstrução de Lisboa após o terramoto de 1755. As ruas traçadas a régua

e esquadro, convergem para a Praça Marquês de Pombal com a sua calçada à portuguesa de desenho radial. Em torno, ficam a Igreja, a Câmara e a antiga Casa da Guarda, decoradas com cantarias e ferro forjado. Criada para substituir Santo António de Arenilha, que o terramoto destruiu, a terra nasceu a 30 de Dezembro de 1773, para defesa da fronteira. Transforma-se com o tempo num importante meio conserveiro e animado centro comercial.

Petisqueiros, os habitantes de Vila Real confeccionam **pratos de atum**, usam criativamente os mariscos e os moluscos e fazem da animada zona comercial uma esplanada quase contínua. Usamos a saída Norte da cidade para tomar a IC27 em direcção a **Castro Marim**, mergulhando em plena Reserva Natural do Sapal de Castro Marim e de Vila Real de Santo António, o lar de muitas espécies de aves, mais de uma centena. A essas, juntam-se as que procuram refúgio sazonal e ainda as outras que ali param, nas suas migrações, a caminho do calor do Sul. Se a onda rosada dos flamingos percorre os esteiros da Reserva no Outono, o voo elegante da cegonha, uma ave residente, está presente todo o ano. Os patos selvagens, por sua vez, obedecendo a não se sabe que invisível



Castro Marim



sinal, num repente erguem as asas, rumo ao Sul.

Castro Marim existe há milénios, antes de ser o porto romano de Besarius e sede da Ordem Militar de Cristo no século XIV. E desde tempos imemoriais, a geometria das salinas domestica os esteiros e o sapal em que o Guadiana se espraia, quando se aproxima da foz. Os cristais de sal brilham ao Sol, arrumados em pirâmides, uma actividade artesanal que se mantém. Das ameias do secular Castelo vê-se o panorama do Rio e da Reserva, com as cidades de Ayamonte e Vila Real no horizonte. Na base das muralhas, da arquitectura tradicional da vila destaca-se a Igreja Matriz do séc. XVIII. Nas colinas em redor, estão o Forte de S. Sebastião e a Ermida de Santo António.

A **gastronomia** tradicional é à base de peixe, crustáceos e marisco. Às sopas de peixe, juntam-se, entre outras especialidades o caranguejo do sapal, as favas sapatadas ou o peixe frito com açorda.

As rústicas peças de **artesanato** incluem encantadoras miniaturas em madeira, cestaria, rendas de bilros e tapeçaria.

Os Dias Medievais de Castro Marim são um festival que todos os anos em Setembro transforma os habitantes em personagens da época, durante três dias. Os banquetes são especialmente concorridos, mas há igualmente uma feira franca e um vistoso cortejo.

Para regressar ao litoral, seguiremos pela ligação 125-6 que serpenteia dentro da Reserva até à EN 125 propriamente dita, junto à **Aldeia Nova**. Aí, o rumo indica o Oeste, até ao desvio, 4km depois para a **Manta Rota**.

Entre o estuário do Guadiana e a **Ria Formosa**, que aqui se inicia, são 12 quilómetros de praia contínua, uma das mais extensas da Europa. Esta zona tem as águas mais quentes de Portugal, uma vez que a baía protege as praias das correntes do oceano. Manta Rota soube preservar-se como uma pequena vila, onde é agradável viver ou veranejar.

Uma estradinha próxima do mar permite fazer facilmente a meia dúzia de quilómetros que nos levam até **Cacela Velha**.



Castro Marim - Igreja Matriz



Manta Rota

A antiga aldeia organiza-se em torno da nora medieval, mas a vista sobre a ria, junto à amurada do forte construído em 1749, só por si vale a visita. Uma das casas ostenta na parede um poema de Sophia de Mello Breyner Andresen:

*“As praças fortes foram conquistadas  
Por seu poder foram sitiadas  
As cidades do mar pela riqueza  
Porém Cacela  
Foi desejada só pela beleza”.*

O **Parque Natural da Ria Formosa** exhibe aqui todo o seu esplendor. De um lado está o oceano, do outro, os esteiros, sapais e ilhotes entrecortados por canais e pequenos mares. No meio, uma barreira de ilhas estreitas e arenosas desenvolvendo-se em sentido mais ou menos paralelo à linha da costa: Barreta, Culatra, Armona, Tavira e Cabanas. A agitação do mar e o vaivém das marés contrasta com os espelhos de água da ria que confinam com praias e dunas anunciadoras de terra firme.

Cacela é antiquíssima, e nasceu na margem direita da ribeira do mesmo nome, no topo de uma arriba. Terão sido fenícios os primeiros habitantes, por volta do ano 800 a.C., os romanos, por sua vez, construíram instalações piscatórias e os árabes edificaram um forte. D. Paio Peres Correia, Mestre de Santiago, reconquistou-o em 1242.

Até hoje, o branco da cal reveste as paredes de todas as habitações, com a moldura de portas e janelas realçada a azul ou cinzento, formando um conjunto harmonioso que conseguiu ficar praticamente incólume.



Cacela Velha



Cacela Velha - Forte D. Paio Peres Correia



Fábrica

Saindo de Cacela, toma-se o desvio para a **Fábrica**, que fica mesmo à beira da água e cujo nome advém de uma antiga fábrica de transformação de peixe. A zona é rica em viveiros de ostras e amêijoas, que podem ser saboreados nos restaurantes à beira da água.

De regresso à EN 125, 8km depois encontramos **Cabanas**, embrenhada na Ria Formosa e que vale pela sua bela praia só acessível por barco. Inicialmente só ali existiam cabanas de pescadores, frágeis habitações artesanais, de uso provisório, durante a época da pesca do atum. Esta foi substituída pela captura do polvo quando Sebastião Viana, um natural da terra, descobriu a técnica do **alcatruz** actualmente utilizada por todo o litoral. Aqui é o sítio certo para provar as variadas e apetitosas receitas de polvo.

De novo na EN 125, andaremos 5Km até **Tavira**, a cidade das 32 igrejas, cuja origem remonta à pré-história como porto de embarque dos minérios do nordeste algarvio e desembarque dos produtos do Mediterrâneo. Durante o domínio islâmico,



Cabanas



Cabanas



Tavira



Tavira - Telhados de quatro Águas

foi uma das principais povoações do Algarve. Torna-se no principal porto de apoio depois da conquista de Ceuta (1415), o que leva à sua elevação a cidade em 1520.

O **Rio Gilão** marca-lhe a fisionomia e a identidade, reunidas as suas margens por meio duma bela ponte românica de sete arcos.

Tavira possui ruas muito belas e é um importante centro histórico, com vasto património arquitectónico e um espólio arqueológico muito variado.

Exemplo disso é o famoso **Vaso Tavira**, provavelmente do séc. XI, peça de uma luxuriante decoração. Supõe-se que deveria ser usado nos rituais islâmicos do matrimónio. As pequenas esculturas representam um casal, guerreiros que simbolizam a força, músicos e animais. Destes, as pombas significam o sentimento e a tartaruga a fidelidade.

Nesse tempo, a localidade era conhecida por Alcaria Tabila.

Nos arredores desfruta-se de uma bela paisagem, mas é certamente nas Quatro Águas, ou na Ilha de Tavira que a cidade se reconcilia com o mar em cambiantes de luz serenos e luminosos. A Ria Formosa

mostra um cenário perfeito de uma cidade com história e cheia de histórias para descobrir.

O regresso a **Vila Real de Santo António** far-se-á pela **Via do Infante**, aproveitando a localização privilegiada da estrada. A Sul vê-se a lânguida baía de Monte Gordo desfazendo-se em azuis vários, o casario arrumado junto às praias. Para Norte recortam-se no horizonte as suaves ondulações do barrocal. Laranjais em flor perfumam o ar, ganham as encostas mais íngremes as oliveiras e o azinho. Aqui e ali, uma chapada de cor dada pela cal das paredes das casas rurais, torna o verde das estevas ainda mais profundo.



Praia de Tavira



**A**ntes do caminho da Serra, duas carruagens balouçam enquanto devoram a brisa que lhes resiste. Pouca terra e muito mar, no caminho da Praia do Barril, Santa Luzia para trás, a praia dourada da espuma branca avista-se ao longe, depois do carreiro arbóreo. Há que mergulhar no tépido dali, antes desse grande mergulho na Serra das urzes, medronheiros e estevas, com cheiros cruzados de alfarroba e rosmaninho. Mas a Serra é também das gentes. Resistentes de décadas ao apelo do iodo e do azul marinho, há homens e mulheres dispostos a alçar a mão na presença de forasteiros. Aproximamo-nos. São heróis de colete e avental, cabelos brancos sob chapéus de abas e lenços garridos em triângulo. Abrem-nos o tasco e a vida, convidam-nos para a perdiz em sopa, seduzem-nos com os prazeres seculares do javali, amedrontam-nos a partida. Também por ali há Algarve, longe, muito longe da cidade dos templos onde também nos levam na viagem. Do alto relevo arrochado vêem os rubros telhados e os alinhados ladrilhos que personalizam a cidade do Gilão. Sob o céu mais limpo da Europa, há segredos por contar, a branco e verde, em cada quilómetro de alcatrão derretido.







A Rota da Serra, partindo de **Tavira**, vai deambular pela face virada para o mar da **Serra do Caldeirão**, uma paisagem maravilhosa, aliando oliveiras e amendoeiras, misturando-se estas com as figueiras, alfarrobeiras e palmeiras de esparto. Colinas suaves que descem até ao mar. Uma **paisagem impressionante**, por vezes ondulando, outras precipitando-se em barrancos.

Nas terras, as casas mostram muitas vezes **platibandas**, uma frontaria decorada no cimo da habitação. Umas escondem as açoteias, onde se secam os figos e por vezes o peixe. Outras são unicamente decorativas. O gosto pelo contraste, pela decoração exuberante, pelas **cores** vivas, marca as platibandas. “Marulho de ondas e seiva - azul e verde - a cor sempre toando nos sentidos” avisa o poeta Emiliano Costa a propósito do Algarve. Haverá também **chaminés**, as de base redondas, ou esguias, tal minaretes em miniatura de rendilhado geométrico.

Em **Tavira** o rio Gilão divide a cidade em duas, reunidas entre si por meio duma bela **ponte românica** que desemboca junto aos paços do concelho, edifício de arcadas voltadas para o jardim, este com um belo coreto a meio. O jardim margina o rio, até ao antigo mercado municipal, agora transformado num



Serra do Caldeirão



Cachopo



Tavira

agradável centro comercial, com lojinhas de artesanato no interior esplanadas onde apetece ficar a preguiçar.

Do outro lado, alinha-se um renque de casas apalaçadas com varandins de ferro forjado encimadas pelos famosos **telhados de tesoura**. Este é o nome popular para os telhados de quatro águas que marcam a imagem da cidade.



Tavira, telhados de quatro águas



Tavira

Supõe-se que foram marujos de retorno do Oriente quem inventou estes telhados. Desejosos de exhibir as fortunas feitas com o comércio de especiarias, a forma diversa de construir a casa garantia a admiração, quiçá a inveja, dos seus conterrâneos.

Este tipo de construção passou a ser conhecido como os telhados de tesoura, uma vez que o travejamento inicial se assemelha às lâminas abertas de uma tesoura.

A cidade tem ruas muito bonitas e são muitas as igrejas que Tavira tem para mostrar.

O circuito das igrejas e dos conventos de Tavira é por si só um belíssimo passeio. Situada na **Vila-Adentro**, a Igreja Matriz de Santa Maria do Castelo está classificada como Monumento Nacional.

Mesmo em frente, a Matriz de Santiago é um templo majestoso de nave única, com um exuberante

medalhão de conchados na frontaria.

O Igreja da Misericórdia, por sua vez, é considerada o melhor edifício renascentista (séc. XVI) do Algarve, com uma imponente frontaria. Há ainda a Igreja de São José do Hospital ou do Espírito Santo fundada em 1425. O templo possui azulejos de 1760 num interessante estilo rococó. Dos conventos, destaca-



Tavira - Salinas

-se o Antigo Convento de São Francisco (séc. XIV) e o Convento de Nossa Senhora da Piedade (séc. XVI), ambos no centro histórico. Igualmente imperdível é uma visita ao centro de exposições do Palácio da Galeria e ao Castelo que integrava o sistema defensivo da cidade, em conjunto com as muralhas que a rodeavam, ainda visíveis por entre as casas e a Porta da Misericórdia.

A proximidade da **Ria Formosa** confere a Tavira, desde há tempos imemoriais, vantagens na pesca e como porto de abrigo.

A cidade possui o único arraial existente no país. Trata-se de uma construção onde se acolhiam os pescadores e as suas famílias e se guardavam os aparelhos de pesca do atum. O Arraial Ferreira Neto, hoje transformado num hotel, conservou uma das habitações dos pescadores e fez dela um

Museu sobre esta arte de pesca já conhecida dos fenícios, genoveses e sicilianos. Os árabes chamaram à armação fixa para a captura do atum almadrava - alma (lugar) e darab (matar) - ou seja, lugar de matança. A armação do Medo das Cascas, situada na costa de Tavira, foi a última a funcionar.

A Crónica da Conquista do Algarve diz que em 1242, Tavira foi conquistada aos mouros por D. Paio Peres Correia. A tradição, por sua vez, refere que o ataque à cidade surgiu como represália por sete dos seus cavaleiros terem sido traiçoeiramente mortos quando caçavam nos arredores.

Não chegaram até nós vestígios da cidade romana de Balsa, que muitos historiadores localizam em Tavira. O que se impõe, na arquitectura da cidade, é a herança árabe. Várias torres da muralha ainda se encontram de pé e a Igreja de Santa Maria foi construída sobre uma mesquita.

O nosso primeiro objectivo, à saída de Tavira, é chegar ao **Cachopo**, usando a ER 397; é altura de começar a perscrutar as casas de traça rural em busca das **platibandas**. As frontarias das casas algarvias começaram a ser decoradas por volta dos anos trinta, com cores vivas obtidas dos pigmentos naturais misturados com a cal. O almagre, diluído em tom rosa ou vermelho sangue de boi, ocre simples da cor do sol ou



Tavira - Arraial Ferreira Neto



Cachopo



Cachopo - Pormenor de arquitectura tradicional

queimado lembrando a terra, o negro oriundo do fumo e da cinza, o azul luminoso do mar. Quanto aos motivos decorativos, esses são seculares, a espiga, o olho ou as folhas, surgem estilizadas.

A estrada vai seguindo as ondulações do barrocal. O desvio para a **Picota**, leva-nos a um miradouro.

**Palheirinhos** dista 4km e após mais uma dúzia deles estaremos em **Água dos Fusos** já na Serra do Caldeirão. A aldeia da **Peralva** (5km) é o último ponto de referência antes do **Cachopo**. Nesta pequena aldeia do séc. XVI, logo à entrada encontramos a **Fonte Férrea**, rodeada de árvores frondosas. Já no povoado, o **Museu do Cachopo** ilustra expressivamente a identidade serrana.

Na oficina de **tecelagem artesanal** "Lançadeira" a trama dos oito teares tece desde pesadas cortinas até delicadas écharpes. Linho, algodão e lã são pacientemente trabalhados. Em demanda das oficinas



Albardeiro



Amealha

do ferreiro e dos albardeiros, de cujas mãos saem selas e molins, avistaremos chaminés rendilhadas. O coelho bravo serrano, a açorda de poejo, a galinha cerejada, os ovos com tomate, são alguns dos pratos aromáticos que aqui se podem provar.

Tomando o sentido Noroeste, por uma estrada bordejada de giestas, plantadas há muitos anos por cantoneiros, chegaremos a **Mealha**.

Só a pé terá acesso aos mistérios de tempos passados da **Anta das Pedras Altas**. Inesperadamente regressamos à pré-história, neste monumento onde se acharam pedras lascadas e artefactos de adorno pessoal.

Em torno, subsistem as **casas redondas**, célticas, actualmente usadas como celeiros. Com espessas paredes em xisto, cuidadosamente compostas, a cobertura é cónica e em colmo ou junco. Numa **paisagem espectacular**, com ravinas profundas e montes altos e arredondados, por entre os sobreiros, o rosmaninho, as urzes-brancas e as estevas formam um belo colorido.

Continuaremos mais 4km para Noroeste até **Corte João Marques**, um topónimo de sabor alentejano e 8km depois surge o **Amealha**. A aldeia ficou-se tranquila, hesitando entre o Alentejo e o Algarve. Este é um dos sítios onde se diz "O Algarve fica além" apontando vagamente o Sul.

Nos arredores, o moinho da Chavachã, todo construído em xisto, é um dos poucos ainda em actividade. Fica junto à Ribeira do Vascão, na direcção de Portela (5km) com indicações na estrada.

O percurso segue agora pela EN2 em direcção a Sul. Surgem-nos estranhos topónimos, como





Barranco do Velho - Cortiça



Artesanato - Barranco do Velho

**Besteiros** e o carinhoso **Catraia**, sinónimo de moça pequena.

Na aproximação a **Cortelha**, apreciem-se os socalcos cultivados, os imponentes eucaliptos. Separam-nos 2km de **Barranco do Velho**, em tempos uma estância termal, procurada pelas suas águas frescas, mas sobretudo uma encruzilhada na estrada que na altura era a principal ligação entre o litoral e o interior. Aqui passavam os almocreves, num leva e traz de mercadorias e notícias, desde o tempo em que para o chenchir árabe (horta e jardim simultaneamente) no **litoral**, levavam mel, aguardente de medronho e lenha. No regresso traziam peixe seco e no **barrocal** acarretavam figos e amêndoas. O montado de sobre, majestoso, escorre pela serra, e daqui sai a melhor **cortiça** do mundo. A sua bolota alimenta o porco preto, depois transformado em saborosos presuntos e enchidos. As ementas de caça temperadas pelas ervas de cheiro, delícias rurais inigualáveis.

Decididamente rumo ao Sul, cedo chegamos a **Alportel** e à Pousada, estrategicamente colocada, proporcionando uma bela vista das janelas do restaurante, onde se pode saborear o melhor da cozinha regional. Ao lado, há um moinho de vento recuperado.

De **São Brás de Alportel** registemos a importância incontornável enquanto centro da zona corticeira. Em redor há sítios de nomes tão singulares como Tareja, Tesoureiro, Javali, Cova da Muda, Desbarato, Mesquita ou Soalheira. Nestas aldeias encontram-se com facilidade peças de artesanato, ou então, doçaria regional, em que não falta o doce sabor da amêndoa e da alfarroba.

A vila preserva testemunhos deste longo passado, em especial no **centro histórico**. Palacetes de varandas de ferro e fachadas cobertas por azulejos, alternam com casas de traça popular. No adro da Igreja Matriz, que possui um excelente miradouro, realiza-se anualmente a Festa das Tochas, uma procissão em que os homens carregam velas profusamente adornadas de flores.

Tomaremos agora a EN 270 no sentido leste e a 2km encontraremos a indicação para a **Mesquita** onde vamos virar para Sul. O **lugar** da terra está transformado em restaurante, mas as oliveiras ainda lá estão. Segue-se o **Pereiro**, a 6km, a **Foupana** e uma minúscula povoação, **Estiramantens**, que pouco se alterou desde o século passado.

**Santo Estêvão** surge num vale de exuberante flora, onde passa a **Ribeira da Asseca**, que alimenta pequenos açudes, onde se formam quedas de água. A mais bonita é o **Pego do Inferno**, com 5 metros de altura, uma excelente área de lazer e piscina muito profunda, ótima para banhos.

A estrada termina no Largo principal da **Luz de Tavira**, junto à **Igreja** que possui uma esplendorosa fachada. A sua porta lateral, de estilo manuelino de cantaria trabalhada, não lhe fica atrás.

Justifica-se um pequeno desvio até à aldeia piscatória de **Santa Luzia** para ver um outro templo, mas desta feita erguido pela Natureza: uma **oliveira bimilenária**, localizada em Pedras D'el Rei. São precisos 5 homens para abraçar o esburacado tronco, que tem uma espécie de porta para o interior da árvore. Ali se desenvolveu espontaneamente um **zambujeiro**.

As azeitonas desta árvore alimentaram e o azeite delas extraído alumiu povos primitivos, gregos, cartagineses, romanos, suevos e árabes. Na sua sombra repousaram cruzados, navegadores, mercadores e camponeses. Viverá, certamente, ao longo do III Milénio, que agora se iniciou. Estamos de novo em **Tavira**, a tempo de testar a excelente **gastronomia** com inevitável destaque para o atum, as **cataplanas** de bivalves, capturados na **Ria Formosa**, os peixes da contra-costa da **Ilha de Tavira**, uma praia paradisíaca a que se acede unicamente de barco. Adoçaremos por fim a boca com os D. Rodrigo, os morgados de amêndoa, gila e fios de ovos, as miniaturas de peixes, flores e frutos.



São Brás de Alportel



Tavira - Ria Formosa

Ali onde o cansado rio peninsular atira a extasiados olhares os últimos fulgores de beleza, antes de morrer nos braços das mais quentes águas de Portugal; ali, onde as fronteiras não são o grande curso de água, que mais fronteiras – menos marcadas, é certo – são as que separam litoral, barrocal e serra.

Devoramos os três países algarvios na caminhada: do extenso sapal guardado pelo castelo e pela cal de Castro Marim ao extenso conjunto aquífero que dá de beber a meio Algarve. Das intensas paisagens de mato rasteiro de que apenas humanos vultos escuros são guardiões à miragem de Martim Longo, vila inusitadamente jovem - e viva - perdida em paisagem de Alentejo.

Pelo meio, encontraremos terras de menires pré-históricos e medievais castelos encantados, de onde divisamos as velas dos sonhadores de agora no serpenteante Guadiana. Depois de lhe capturarmos a generosa beleza, tomaremos usufruto dos seus peixes de água doce em qualquer das tasquinhas que ladeiam a foz, em Odeleite.

Ali, onde a desertificação atirou os museus para o que eram escolas, passaremos a vista citadina pelo quotidiano de tempos remotos. E poderemos transportar entre as múltiplas curvas da Serra os produtos de teares, olarias e um saber acumulado de séculos.





ruta do quotidiano sotavento

### RESUMO DO PERCURSO

Castro Marim » Monte Francisco » Junqueira » Azinhal »  
Alcaria » Foz de Odeleite » Álamo » Guerreiros do Rio »  
Alcoutim » Pereiro » Alcarias » Martilongo » Vaqueiros »  
Corteilha » Corte do Gago » Santa Rita » Vila Nova de Cacela »  
Cacela Velha » Castro Marim

- Reservos Naturais
- Ferry-Boat
- Barragem
- Praia
- Espacos Naturais de Recreio e Lazer
- Molinda
- Ponte
- Monumento Natural
- Museu
- Miradouro
- Monumento
- Museu





### A Rota do Guadiana

vai em busca dos segredos de uma cultura secular, rondando o circuito das **alcarias** (aldeias) que os árabes conheciam, ou fundaram, no tempo do Al-Andaluz. Seguirá o **Guadiana**, o rio grande do Sul, estrada azul por onde vários povos circularam intensamente, através de **paisagens de encanto**, onde o homem deixou a sua marca, sem no entanto impedir que outras espécies aí vivessem, num equilíbrio notável.

A Natureza agradece, retribuindo com cores, cheiros e sabores.

**Castro Marim**, o quilómetro zero deste passeio, é uma das localidades mais antigas do Algarve, de

comprovado povoamento remoto. Já há 5000 anos a.C. aqui existiam povos exploradores dos metais, que ergueram um castro no lugar do actual castelo, para se defenderem. Os romanos fizeram passar por ali a estrada que seguindo o rio ia até Lisboa, passando por Alcoutim, Mértola e Beja. Por aqui entrava o comércio vindo do Mediterrâneo. Os árabes reforçam-lhe a importância durante o seu domínio, que durou cerca de 4 séculos, até 1242, altura em que D. Paio Peres Correia a conquista.

Nesse período, a largueza da foz do Guadiana era diferente e a vila estava mais próxima do mar, uma ilha rodeada por águas baixas.

Antes de mais, visitemos **Castelo**, sede da Ordem de Cristo no séc. XIV. No amplo terreiro ergue-se o Castelo Velho do séc. XI/XII, envolvido pela cerca muralhada que tem origem nos sécs. XIII/XIV e



Rio Guadiana



Castro Marim

definia por sua vez a povoação medieva. Localizado no cimo do monte, constitui um miradouro ímpar do rio Guadiana, das salinas e dos esteiros.

As casas caiadas, bordejadas as janelas e portas por barras coloridas, não fogem ao modelo de arquitectura tradicional. Na Praça 1º de Maio está a Igreja Matriz, com um belo painel de **azulejos**. A azulejaria é uma arte árabe que os portugueses desenvolveram com imaginação e versatilidade.

Em duas colinas próximas, podem ver-se a **Ermida de Santo António** e o **Forte de S. Sebastião**, parte integrante das muralhas que envolviam todo o casario, havendo ainda alguns troços visíveis. Basta descer até ao jardim próximo do rio para ficarem as salinas ali à mão.



Cegonha



Castro Marim



Castro Marim - Castelo

O sol faz brilhar os minúsculos cristais, espelhos refulgindo em brancas pirâmides recortando-se no azul do céu. Distinguem-se os gestos seculares, os utensílios imutáveis dos salineiros, erguendo carregos a carregos as montanhas brancas, marcando a fisionomia do lugar. A vila tem o privilégio de se situar nas margens do Guadiana, embebendo-se na **Reserva Natural do Sapal de Castro Marim e Vila Real de Santo António**, sem água a mais ou terra a menos, um delicado equilíbrio cromático.

Esta foi a primeira reserva natural a ser criada em Portugal e inclui salinas, charcos, esteiros, pastagens e grandes extensões sem vegetação, as charcas.

Ao tempo da invernada inúmeras espécies de **aves** procuram aqui comida e abrigo e é local privilegiado para a reprodução de peixes, moluscos e crustáceos. A perna-longa, é uma das aves residentes, mas é fácil surpreender o voo da **cegonha**, dos flamingos, da garça boieira, entre tantas outras, algumas raras e difíceis de observar em território nacional.

Caso o apelo das curvas dengosas do rio seja difícil de conter, satisfaça-o com um curto **cruzeiro** rio acima. Continuando com os pés em terra e os olhos nas margens, o desvio para **Monte Francisco**, na IC27, leva-nos à sede da Reserva, local ideal para satisfazer a curiosidade sobre este pequeno paraíso.



Seguindo em direcção a Norte naquela via, na **Junqueira** percebe-se que o **artesanato** é uma actividade de rua, feita a empreita à soleira da porta em amena cavaqueira com as vizinhas. Meia dúzia de quilómetros mais adiante chegamos ao **Azinhal**. Esta encantadora aldeia é um dos seis “aziniais” do Algarve. A **Igreja Matriz**, no extremo oriental da população, é pouco vulgar, com uma cúpula semelhante a um farol, uma nave redonda e uma pequena cúspide. O moinho de vento que lhe está próximo, ainda que desactivado, possui uma vista magnífica sobre o Guadiana e Espanha. Ainda menos vulgar é o **Museu “O Saber das Mulheres”** instalado no Centro Cultural do Azinhal, que lança um olhar atento para o papel das mulheres na comunidade. São ainda elas que mantêm a chama familiar, tratam dos campos e dos filhos e ainda lhes sobra tempo para o delicado **artesanato** das rendas de bilros. As **rendeiras do Azinhal** criaram a renda das folhas, inspiradas em folhas de várias plantas. A renda é originária das Flandres, e terá chegado ao Algarve pela mão dos comerciantes que se deslocavam ao porto de Antuérpia para comerciar figos secos e outros produtos.



Renda de Bilros



Azinhal

Os bilros trabalham-se numa almofada, suportada por uma canastra de verga feita de propósito para o efeito. O molde, em cartão grosso, é picotado pelos picos (alfinetes) que irão permitir o desenrolar do bordado. Os bilros, que suportam a linha de algodão penteado são feitos de loendro. Não se não pode sair do Azinhal sem antes provar os **doces regionais**, igualmente saídos da mão feminina, feitos na Pastelaria “A Prova” uma fabriqueta que conserva os métodos artesanais. Continuando em direcção a Norte, não deixe passar a placa indicadora do percurso alternativo para Alcoutim, ao km 16, virando aí no sentido do Rio. Na **Fonte do Penedo** as casas baixas escondem teares, o xisto empoleira-se em muros que protegem culturas e gado. **Alcaria** fica no cimo de uma subida suave e se parar num dos cafés ou tasquinhas, convém provar o queijo de cabra e umas lascas de bom presunto. Vai ser difícil resistir ao cheiro, caso a panela esteja ao lume para preparar umas sopas de lebre ou um coelho frito.

Umás curvas mais adiante, eis que a água espreita por entre os montes. A **Foz de Odeleite** é uma minúscula aldeia, empoleirada sobre a ravina junto ao local onde a Ribeira desagua no Guadiana. Atravessada a ponte, a zona envolvente surge como um **paraíso natural** com as casas sobre as escarpas mais altas da margem do Guadiana, as hortas e as vinhas correndo até ao rio, onde há



Guerreiros do Rio

pequenos ancoradouros. De quando em vez passam os barcos da **pesca artesanal**, um ou outro veleiro de recreio. Não chegarão a 4 km até encontrarmos **Álamo** onde se descobriu uma “villa” romana, e uma notável barragem da mesma época, de muros espessos, seis contrafortes e mais de 40 metros de comprimento que armazenava a água da ribeira da Fornalha. O **Museu do Rio** é o orgulho da povoação que dá pelo estranho e belo nome de **Guerreiros do Rio**. O acervo conta a história do Rio Guadiana e as suas actividades piscatórias desde os cartagineses.

Apetece mesmo parar numa terra que se chama **Montinho das Laranjeiras** e passa-se das palavras ao actos, quando é possível entrar na taverna mais antiga de todo o concelho de Alcoutim, de decoração a condizer com os muitos anos de serviço. Os romanos também acharam o sítio simpático e aprazível, como atestam as ruínas de uma “villa” aqui construída nos sécs. XI/XII.



Guerreiros do Rio



Redes de pesca



Álamo

**Alcoutim** surge-nos depois de uma curva mais apertada da estrada e do Guadiana, início de um desfiladeiro que a vila ocupa em anfiteatro.

Na outra margem está **San Lucar del Guadiana**. Pelas vielas estreitas da **cidade velha**, chega-se ao **Castelo de Alcoutim** construído no séc. XVI, não sem antes se ter passado pela Igreja da Misericórdia, a Ermida de St.

António e a casa de campo dos condes de Alcoutim. A Igreja Matriz é uma das primeiras construções renascentistas no Algarve, erguida entre 1538 e 1554, no local de uma igreja medieval.

Os jardins do Castelo, primorosamente tratados são um miradouro privilegiado. Construído com o xisto da região, ainda lá estão as meias, as seteiras e grande parte da muralha. A porta principal está resguardada por um belo portão de ferro forjado. As suas fortes paredes testemunharam vários séculos de história e na **Galeria do Castelo**, que aceita a marcação de visitas guiadas, estão patentes, na exposição "Do Passado ao Futuro" vestígios arqueológicos desde 5000 a.C. até aos projectos museológicos de hoje. Um manancial de **lendas** entra na o castelo. Contam como bravos cavaleiros e lindas princesas mouras, pelos seus amores frustrados, estão encantados.

Há outros segredos por entre as penedias da margem do Guadiana, ligados ao contrabando, que acabaram por forjar laços estreitos com os andaluzes da margem esquerda.

É tempo de nos embrenharmos um pouco mais pelo Nordeste algarvio, pelo que tomaremos o desvio para **Corte Tabelião** (EN122-1) à saída da vila, que nos conduz até à envolvente da barragem de Alcoutim. São parcas as palavras para descrever o deslumbre paisagístico.

Na bifurcação com a EN 122 vira-se para Sul, até **Balurcos** onde uma momentânea paragem nos permitirá conviver com **artesanos** que nos poiais junto à soleira trabalham o vime e a cana. Inflecte-se em seguida a marcha para a EN 124 e 9km adiante surge o **Pereiro**. O seu pequeno Museu tem como temática "A Construção da Memória".

A esteva ressuma a sua resina forte e cobre o planalto de rocha, mostrando um Algarve quase alentejano. As casas imaculadamente brancas têm por vezes fornos no exterior. É fácil encontrar o **albardeiro**, que vai fazendo **coloridas miniaturas** nos intervalos das verdadeiras albardas e molins usadas ao pescoço dos animais de carga para que a suportem. Uns e outros são decorados a preceito. Impõe-se aqui um pequeno desvio para se visitarem as **Alcarias**. Para se chegar a **Alcaria**



Alcoutim



Vista do Castelo de Alcoutim - San Lucar del Guadiana

**Queimada**, passa-se por **Alcaria Cova de Cima** um pouco adiante está a **Alcaria de Baixo** e ainda a **Alcaria**, simplesmente. Montes antigos, que conservaram a toponímia árabe e se estendem ao longo da **Ribeira da Foupana**.

Uma paisagem diferente, em que o toque agreste é suavizado pela água.

De regresso ao **Pereiro**, por entre terras de xisto percorremos os 10 km até **Clarines**, imóvel no tempo, preservando toda a sua identidade. A **Ermida da Oliveira**, medievla construção, esconde-se por entre as ruas estreitas.

Diz a lenda que quem puser a cabeça no buraco do tronco da oliveira que está junto à igreja se cura das cefaleias.

É altura de seguir para **Giões** onde as ruas acompanham docemente as curvas de nível da serra profunda. O seu templo, quinhentista, está no ponto mais alto da terra. São famosos os sapatos feitos por medida do sapateiro de Giões. Para chegar à Ribeira do Vascão passa-se pelo Cerro das Relíquias, onde há vestígios arqueológicos. Pelo caminho, muitos serão os encontros imediatos com pássaros, e chegando à água, patos-reais. Há uma azenha próximo da ponte.

De novo na EN 124, chegamos a **Martinlongo**, a terra mais populosa do planalto da Cumeada do



Alcoutim



Pereiro



Rio Guadiana



Pereirão. Diz a história que o nome da aldeia provém de um habitante de nome Martim e que era muito longo. Só não se sabe se era longo de altura, ou longo de vida. A sueste, no Cerro do Castelo (2km) existe as ruínas de um castelo romano.

Um grupo de **artesanato** montou a oficina de bonecas de juta chamada "A Flor de Agulha". As miniaturas retratam figuras típicas da região, baptizadas com os nomes dos "modelos"

originais. Lenhadores, pastores e ceifeiras ganham um nome e uma história. Também não se pode perder uma espreitadela à Olaria e Cerâmica de Martinlongo. A Igreja Matriz tem a sua origem numa antiga mesquita de que conserva o minarete, adaptado a torre sineira.

Em termos de **gastronomia** destacam-se o mel, o pão, os enchidos e os doces regionais e queijo de cabra. Um ensopado de borrego ou um cozido de grão são alternativas saborosas.

Pela EM 506 unicamente 12km nos separam de **Vaqueiros**, onde nos aguarda um tesouro escondido no Algarve cuja busca deve efectuar-se na **Cova dos Mouros**, um parque mineiro que conta a história do ferro e da extracção dos metais na região. Minas antigas, artefactos, habitações primitivas, abrangem "ao vivo" cerca de 1800 anos de história.

Na Igreja Matriz, a cegonha decidiu construir o seu ninho junto ao campanário.

Através de um troço da EM 506 particularmente bonito, passaremos por **Fernandilho**, aldeia onde um artesão reuniu uma incrível colecção de miniaturas de animais que ele próprio fez com velhos ramos e raízes.

No **Fortim**, a casa de pasto tem uma decoração original e segue-se o Monte da Estrada. Aqui cortamos em direcção ao Sul deixando a EM506 1km depois da povoação. Desde Vaqueiros andam-se 24km, e mais uns poucos conduzem-nos à **Anta das Pedras Altas**.



As localidades, aqui conhecidas por montes, abrigam apenas algumas dezenas de habitantes e sucedem-se a poucos quilómetros uns dos outros, silhuetas da cultura serrana, com as cores e os motivos tradicionais alegrando as casas.

Facilmente chegamos à **Cortelha** gozando entretanto o magnífico panorama da **Ribeira do Beliche** serpenteando no vale. Pela EM 509 passaremos por **Corte do Gago** seguindo-se as **Alcarias Grandes** - uma designação recorrente neste percurso - que ladeiam a albufeira, a que se acede por um estradão vindo da última Alcaria de regresso à EM 509 passa-se por Marroquil (6km). Moinhos e noras murmuram os seus cânticos suaves, do forno a lenha sai um penacho de fumo. Cantam calhandrinhas, as perdizes levantam voo assustadas.

Viramos para sul em direcção a **Santa Rita**, passando pela pittoresca Corte de António Martis por umas das mais belas estradas algarvias.

Durante 30 quilómetros, espraia-se a vista pelas praias num lado da via, enquanto do outro, surge a serra rural. O **Parque da Rocha dos Corvos**, onde é agradável parar e tornar a perscrutar a paisagem, está apenas a 1 km de Santa Rita, lugar de transição entre o litoral e a serra onde ainda se encontram restos de uma represa romana que atravessou o vale de lado a lado permitindo o aproveitamento das águas do ribeiro para irrigação. As casas, encimadas por chaminés típicas, com as suas portas abertas, falam de hospitalidade e simpatia.

Seguem-se facilmente as indicações até **Vila Nova de Cacela**, o lado rural da freguesia, que se estende até ao mar e à aldeia de **Cacela Velha**. Finaliza-se esta rota pelos perfumes do passado, onde as tradições ainda são o cunho do dia a dia, marcadas pelas águas doces dos rios e ribeiras, das fontes e açudes, usando a modernidade da Via do Infante para se chegar ao ponto de partida: **Castro Marim**. Lembrar-nos-emos entretanto do escritor transmontano Miguel Torga, numa citação perfeita para finalizar o percurso: "O Algarve, para mim, é sempre um dia de férias na Pátria... apetece-me tudo, menos ser responsável, céptico!..." Apetece, isso sim, usufruir de todos os prazeres que os diferentes algarves nos proporcionam, acrescentaríamos nós.





De mar a mar, com a serra no entretanto. Do centro do Algarve ao Leste da Europa, deliciemo-nos na grande volta meridional. Da capital à capital passando pelo Algarve das falésias e penhascos, das grutas e leixões, dos recatos arenosos e algares escondidos. Pela encosta até à terra do Infante, subindo a arribas e descendo a areais insuspeitos. Mas cantemos também o homem, o casario alvo interpellando o mar esmeralda; olhemos as mãos sabidas e gretadas, cosendo as artes que amanhã vão armadilhar o sustento; observemos os seus barcos pontuando a grandeza do areal, humanizando-o e transmitindo-lhe História; celebremos o homem através dos sabores, diferentes na igualdade do mar, iguais na diferença da serra: da cataplana de Albufeira ao presunto de Monchique, da batata-doce de Aljezur ao peixe em churrasco de Armação de Pêra ou Lagos. No final, adocemos a boca com o figo ou cantemos ao paladar com o bolo de amêndoa. Da ida a Aljezur regressemos pela serra. Entontecemos nas estradas estranhamente algarvias, pelas serras inusitadamente algarvias, por entre a vegetação insolitamente algarvia. E nessa desusada volta cheiremos o outro Algarve antes de regressarmos à capital para o repouso do turístico guerreiro.





# RESUMO DO PERCURSO

Faro » S. Lourenço » Almancil » Quarteira » Vilamoura » Albufeira » Armação de Pêra » Porches » Lagoa » Carvoeiro » Ferragudo » Portimão » Odéxere » Lagos » Vila do Bispo » Sagres » Carrapateira » Bordeira » Aljezur » Marmeleiro » Monchique » Picota » Silves » Faro



### Os “Caminhos para Além do Sotavento”

levam-nos para as terras mais a ocidente ou do Barlavento, uma rota que permite a quem está no Leste ou a Sotavento, ficar a conhecer a diversidade que o Algarve possui na outra extremidade.

Partiremos de **Faro** a capital algarvia de antiquíssima origem, não sem antes visitar, pelo menos a **Vila Adentro** onde está a Sé Catedral, o Convento de Nossa Senhora da Assunção, o Arco do Repouso – onde D. Afonso III descansou – e o Paço e Seminário Episcopal. O acesso faz-se através de três portas abertas na muralha seiscentista. Escolhendo o Arco da Vila, teremos ao lado o palácio do Governador, com frontaria para o Jardim Manuel Bívar. Quanto ao Arco do Repouso, dá passagem para o Largo de São Francisco tendo por pano de fundo a **Ria Formosa** que por sua vez serve de cenário ao Convento do mesmo nome, agora recuperado e transformado em Escola de Hotelaria. A Porta Nova abre directamente para um canal da ria que nos leva à doca e ao Centro de Ciência Viva.

No interior das muralhas a Sé ergue-se, gótica e imponente. Da sua torre avista-se todo o centro histórico, envolvido a norte pelo casario moderno da cidade e a sul pelas águas do mar. No antigo Convento de Nossa Senhora da Assunção, com um curioso claustro de dois andares está o Museu Arqueológico.

Merece a cidade uma visita mais alongada, talvez chegando ao Alto de Santo António e à **Igreja do Carmo**, passando pelo casario tradicional das Mouras Velhas ou bordejando



Faro, Sé Catedral



Faro, Igreja do Carmo

a Ilha de Faro.

Optamos, porém, por seguir viagem, pela EN125 em direcção a Almancil fazendo uma breve paragem em **S. Lourenço** e aí admirar a sua igrejinha, cujo interior está recoberto de azulejos, bem como o Centro Cultural instalado numa antiga casa rural, primorosamente recuperada.

É em **Almancil** e nos arredores que se encontram dos mais famosos restaurantes do Algarve, dada a proximidade de luxuosos **empreendimentos turísticos**, construídos de modo a não beliscar as belezas naturais do Algarve e a proporcionar os encantos do dolce fare niente de umas férias de sonho.

Atravessemos a vila de uma ponta à outra para, na saída, tomar a estrada que indica **Quarteira**. Já há outras alternativas rodoviárias, mas por aqui iremos em suaves curvas até à aldeia de pescadores que se travestiu em estância turística por via da sua maravilhosa praia.

O destino próximo é **Vilamoura**, e a sua **Marina** com o espelho de água repleto de barcos e uma envolvente sofisticada de esplanadas e lojas.

A velha Quinta de Quarteira está transformada num excelente complexo de lazer e nem falta um



Centro Cultural de S. Lourenço



Marina de Vilamoura



**Parque Ambiental**, junto ao caniçal da Ribeira de Quarteira, onde nidifica a galinha-sultana e a garça-vermelha, entre mais de uma centenas de espécies. Em Vilamoura pode-se fazer quase tudo o que apetecer. Na marina e na magnífica praia da Falésia, os desportos náuticos. Passeios pedonais, equitação ou cicloturismo nas amplas zonas ajardinadas. Todavia o **golfe** é aqui o desporto rei. O dia pode ser completado com um show no casino, um pé de dança nas discotecas. Em termos culturais, o museu do Cerro da Vila e as ruínas recuperadas da vila romana dão-nos uma perspectiva do passado histórico.

Mantendo o nosso apego às estradas secundárias, usaremos a saída Norte de Vilamoura para nos dirigirmos a Albufeira, fazendo uma breve paragem na **Balaia** uma praia envolvida por arribas coloridas com equipamentos turísticos e desportivos.

Eis **Albufeira**, com as suas falésias douradas e as praias de areia clara. Os árabes chamaram-lhe Al Buhera (fortaleza) porque se instalaram no cerro da vila, uma posição inexpugnável debruçada sobre o mar e a foz da ribeira.

Depois de um giro junto ao miradouro do Pau da Bandeira, deambulemos pelas ruas estreitinhas até à Meia Laranja, o coração da zona turística de Albufeira. A zona poente inclui o centro histórico com pormenores de arquitectura tradicional. Mas o que realmente apetece em Albufeira é calcorrear as suas maravilhosas praias de areia fina e mar azul-turquesa. Em correnteza, de ocidente para poente, desde a Baleeira até à Galé, passando por São Rafael e pela Ponta do Castelo tudo encanta. A estrada regional 526 que tomamos a oeste de Albufeira, leva-nos até **Armação de Pêra**, encravada



Campo de Golfe



Albufeira, praia dos pescadores

numa vasta baía que vai da Ponta da Galé até à Ponta da Senhora da Rocha. Nada é mais sereno do que a sua vasta praia de mar calmo e de um imenso azul, beijando repetidamente a areia fina e dourada que reflecte o Sol. No centro da vila encontram-se inúmeras esplanadas, caso apeteça uma pausa. Não deixe de ir até ao miradouro natural da **Senhora da Rocha**, no cimo da arriba, junto ao velho Fortim romano e à capela de capitéis visigóticos.

Passaremos depois por **Porches**, aonde a cerâmica artesanal ainda é uma actividade importante, com múltiplas oficinas óptimas para comprar a tradicional recordação, seja ela uma delicada miniatura ou uma peça que recupera na decoração as cores algarvia: o azul do mar e o ocre da terra. Junto a **Lagoa**, dirigimo-nos ao **Carvoeiro**. O casario em anfiteatro debruça-se sobre a praia que serve de abrigo aos barcos coloridos dos pescadores. A menos de 1km ficam as insólitas formações rochosas esculpidas pelo vento e pelo mar do **Algar Seco**, com as suas formas fantasiosas e a romântica Varanda dos Namorados. Fascinante pelas muitas grutas que as falésias guardam, o cabo Carvoeiro é o local indicado para uma viagem de barco que lhe permita conhecer os secretos acessos da Gruta do Pintal ou dos Roazes.

Ao longo dos séculos, estas cavernas, marítimas da costa do Carvoeiro serviram de habitação aos vários povos que estiveram na zona, quer como acesso para a pesca, quer para a defesa de ataques piratas e corsários. O **cabo Carvoeiro** teve uma



Carvoeiro



Artesanato



Ferragudo

importância estratégica tal, que foi referenciado no primeiro mapa impresso em Portugal, baseado num outro editado no ano de 1561 em Roma.

Continuando para Ocidente, segue-se a indicação e facilmente encontramos **Ferragudo**, na margem esquerda do **Rio Arade**. O nome explica por si a origem da terra: Na costa existia um “ferro agudo” usado para puxar do mar as redes cheias de peixe. A baía de Ferragudo termina num pequeno castelo gracioso, hoje moradia privada.

Na margem direita estende-se **Portimão**. Acede-se a **Portimão** atravessando um dos esteiros do rio para se mergulhar desde logo no típico ambiente dos restaurantes sob as arcadas da ponte. Não há melhor sítio para provar as **sardinhas** que chegam ao porto alguns metros mais adiante.

No centro histórico é marcante a arquitectura dos finais do século XIX e início do século XX, nas casas de dois pisos, de varandas de ferro forjado, cantarias enobrecidas nas janelas e portas, paredes revestidas a azulejos. O perfil branco de igrejas ou as ruas estreitas do antigo bairro de pescadores e comerciantes são alguns dos aspectos de Portimão que definem o seu carácter de cidade secular.



Marina de Portimão

Fenícios, gregos, cartagineses, romanos e árabes subiram o Arade e deixaram vestígios na região. Com os Descobrimentos Portugueses edificou-se, em pleno século XV, a moderna Portimão. No século XIX torna-se um importante centro piscatório e conserveiro, e no século XX o turismo marca a dinâmica da cidade.

A **Marina** apresenta um espaço aprazível e uma praia artificial que não é mais do que a continuação da **Praia da Rocha** uma das mais belas de Portugal. Imponentes, os rochedos elevam-se, no areal claro, em formas caprichosas.

A praia de Alvor, por sua vez, é uma extensão imensa de areias douradas escondida entre os magníficos penhascos de pedra vermelha. À **Ria de Alvor** costuma-se, por vezes, chamar o paraíso escondido, um enclave de paisagens surpreendente onde esvoaçam centenas de aves enquanto o sol mergulha nas águas.

A EN125 conduz-nos até **Odeáxere** uma aldeia pitoresca, e se a atravessarmos em direcção ao mar, passaremos pelos **Palmares** e chegaremos à **Meia Praia** gozando de belos panoramas sobre a baía de **Lagos**.

Esta não é maneira mais ortodoxa de entrar na cidade, mas será certamente uma das mais belas. O areal da **Meia Praia**, longo a perder de vista, é enquadrado por colinas verdejantes e termina na **Marina**, aos pés da cidade. Foi da baía que partiram as caravelas, na saga quinhentista, em busca de novos mundos. Hoje, mantém-se o antigo cosmopolitismo e a velha cumplicidade com o mar numa das mais



Praia da Rocha



Lagos, Meia Praia



bonitas cidades algarvias. A simpatia e o acolhimento das gentes de Lagos fazem parte da história: O Rei D. Sebastião elevou Lagos à categoria de cidade, depois de uma viagem ao Algarve em 1573, tão impressionado ficou com a recepção calorosa do povo. Vale a pena visitar as suas igrejas, museus, o castelo e as muralhas. A **Ponta da Piedade**, por sua vez, é uma referência obrigatória. Fica-se com a baía aos pés, azul vastíssimo até ao horizonte.

A maresia acompanha a **gastronomia** tradicional: um ensopado de safio ou uma feijoada de buzinas, sem esquecer o delicioso bife de atum ou uma condimentada cataplana, são pratos tentadores. A terminar, o incontornável D. Rodrigo de suaves fios de ovos e amêndoa.

Entramos num outro Algarve, o do **Barlavento**, quando chegamos a **Vila do Bispo**. Aqui devia seguir-se a **Rota dos Menires**, um percurso pelas pedras pré-históricas por entre uma paisagem rude e ampla, onde os ventos atlânticos se fazem sentir. Ou talvez a **Rota dos Contrabandistas**, partindo daqui pela serra de Espinhaço de Cão e depois atravessando a de Monchique e ainda os cerros do



Vila do Bispo

Caldeirão, levando ao interior o que o interior precisava e não tinha.

Não podemos deixar a vila sem provar a deliciosa moreia frita e o bolo de mel, espreitar a **praia do Castelejo**, aninhada entre falésias.

Chegamos por fim a **Sagres**, o promontório mítico, “O Cabo Cinético onde declina a luz sideral, emerge altaneiro como ponto extremo da rica Europa e entra pelas águas salgadas do Oceano, povoadas de monstros. Segue-se um promontório, que assusta pelos seus rochedos consagrado a Saturno. Ferve o mar encrespado e o litoral rochoso prolonga-se extensamente” A descrição foi feita pelo romano Rufus Festus Avienos no ano 350 d.C.. Quase 22 séculos depois, permanece a magia e a imponência.

Na **fortaleza**, sente-se a presença do Infante D. Henrique que ali sonhou a magnífica epopeia de marear e encontrar Novos Mundos, uma aventura que só teve paralelo cinco séculos depois, quando os astronautas foram à Lua.

À distância de um olhar está o **Cabo de S. Vicente**, com a capela, o convento, fortaleza e farol, o extremo sudoeste de Portugal e da Europa. As arribas têm uma altura de 60 m, mergulhando na espuma furiosa das ondas e escondem muitas vezes minúsculas conchas de areia, quase desertas, onde se encontra o paradigma da praia perfeita que a nossa imaginação persegue.

Os apaixonados pela botânica, por sua vez, encontrarão algumas dezenas de espécies de plantas únicas no mundo, e como Sagres se encontra na rota migratória de um grande número de aves, por vezes, e havendo sorte, pode-se seguir a sua partida ou chegada, um espectáculo único que chega a levar alguns dias.

Regressemos a Vila do Bispo, que está inserida no **Parque Natural do Sudoeste Alentejano e Costa Vicentina**, um dos poucos locais da região do Algarve onde a natureza selvagem, aliada a um património histórico cultural riquíssimo, se mantém intacta, para nos dirigirmos a **Aljezur**, também

Promontório de Sagres



Carrapateira



no território do parque. Aqui, no seu habitat natural, estão identificadas 200 espécies de aves, 750 plantas, das quais 46 são exclusivas de Portugal, e 10 delas existindo unicamente nesta área. Na costa, encontram-se 460 espécies de algas com destaque para a produção do ágar-ágar.

Passaremos pela **Carrapateira**, enconchada nas dunas e onde os surfistas dizem que acontece a onda quase perfeita. A aldeia cresceu junto à ribeira e o Forte envolveu a ermida já existente. Pode ainda visitar-se o Museu do Mar e da Terra da Carrapateira que traça um retrato da vida dos pescadores/lavradores. Um pouco mais adiante a **Bordeira** tem raízes que remontam a tempos pré-históricos. A cultura mirensa, (7.000 a.C.) de povos nómadas a circular entre a foz do rio Mira, no Alentejo, e a praia do **Burgau**, no Algarve, deixou igualmente as suas marcas.

**Aljezur** divide-se entre os dois lados da ribeira, de um lado o povo velho com as casas em anfiteatro na encosta da colina e do outro a vila nova na lezíria da margem esquerda da ribeira, a que chamam Rio de Aljezur.

Diz-se que o antigo **castelo mourisco** é um dos castelos representados na Bandeira Nacional, tendo sido o último a ser conquistado em terras algarvias. Estamos na terra da **batata-doce**, de casca vermelha e polpa de um amarelo solar, macia e sumarenta. Com ela se faz o recheio de bolos deliciosos, e está presente na fabulosa feijoada de batata-doce de Aljezur. Conta a **lenda** dos Cavaleiros de Santiago, que estes chefiados por D. Paio Peres Correia, antes de cada importante batalha utilizavam uma poção revigorante, pois carregar com armas e armaduras de ferro não seria tarefa fácil. O vigor na invasão e a rapidez na tomada do castelo de Aljezur deixou os mouros boquiabertos, já que desconheciam a poção dos cavaleiros cristãos e os seus resultados. A conquista



Aljezur



Aljezur



Monchique

ocorreu em 1249 e a poção milagrosa... é a famosa feijoada de batata-doce de Aljezur. No litoral do concelho dominam as falésias, intercaladas por dunas e praias. Há piscinas naturais encastradas nos rochedos que entram mar adentro, com águas frescas e fundos límpidos. Deixemos o Parque Natural da Costa Vicentina para nos embrenharmos pela EN 267 na **Serra de Espinhaço de Cão**, por entre matas de pinheiros, eucaliptos e sobreiros. **Marmeleite** surge-nos em plena serra, uma pequena aldeia tranquila de onde partem percursos

florestais cortados em ardósias de tom ocre, diferentes do granito cinza que caracteriza a grande Serra de Monchique, alguns quilómetros mais adiante. **Monchique** fica num vale de clima delicioso. Os castanheiros formam magníficas florestas e as águas despenham-se em cascatas. Centenas de quilómetros de passeios



Caldas de Monchique





Caldas de Monchique

pedestres foram criados, ligando florestas naturais, jardins botânicos e sítios de interesse histórico. Na cidadezinha há hortênsias e camélias um pouco por todo o lado e Largo de São Sebastião é de passagem obrigatória, bem como a igreja matriz e o convento de Nossa Senhora do Desterro, ruína rodeada de arvoredos, com admirável panorama e onde há a maior **magnólia** da Europa, classificada como árvore monumental.

A cozinha de Monchique é interessante e com combinações assaz curiosas, como os pratos de arroz com feijão ou castanhas, e a assadura de porco, sendo de realçar os enchidos caseiros, os presunto serranos, curados à antiga. Nos doces, destaque para o bolo de tacho e o pudim de mel. Terra de medronho, a aguardente é famosa, e por alturas do Carnaval pode combinar-se com os produtores para uma visita guiada a uma destilaria, onde os frutos vermelhos são transformados em água da vida. Pelas volutas da serra subiremos até à **Fóia**, em busca dos horizontes mais amplos do Algarve. A Quinta de S. Bento, antiga casa de férias dos duques de bragança, possui uma curiosa cozinha medieval, deliciosa tanto na gastronomia quanto na sua arquitectura. Se o dia estiver claro, avistaremos a Sul Portimão e Lagos, manchas claras junto ao mar, ou os picos da Arrábida a Norte.

As **Caldas de Monchique** ficam na descida da montanha, onde brota uma água leve, pura e cristalina, que os romanos baptizaram de “sagrada”. As primeiras termas foram construídas por eles para alívio do reumatismo e afecções das vias respiratórias. Um passeio entre eucaliptos e sobreiros deixa-nos no topo da **Picota**, cujos declives oferecem uma vista magnífica.

Em **Porto de Lagos**, a antiga Lacobriga dos Romanos, construída em anfiteatro sobre a margem direita da ribeira, atravessamos a ponte para seguirmos rumo a **Silves**. A mourisca Shielb surge-nos enrodilhada junto ao castelo que domina a paisagem em redor. É a cidade algarvia onde a herança islâmica é mais marcante. Aqui viveram sábios e poetas do Al Garb (O Ocidente) do Al Andaluz o

poderoso califado que dominou a Ibéria durante séculos. As portas da cidade abrem-se para as muralhas que ainda hoje guardam o castelo, cujas ameias nos proporcionam uma espécie de passeio alado, com vista para o **Rio Arade** que corre preguiçoso lá em baixo.

No Museu Arqueológico desfilam séculos de história. O mais curioso contudo é a sua **arquitectura moderna**, em torno da cisterna do séc. XII de mais de 20 metros de profundidade e com uma escada em galeria para se chegar ao fundo. À noite, sabiamente iluminado, o Castelo ganha contornos misteriosos, e as lendas das mouras encantadas adquirem, subitamente, sentido.

A **lenda** da Cisterna Grande do Castelo conta a desdita de uma princesa que, na noite de S. João (solstício de Verão) navega nas águas fundas, usando um barco de prata com remos de ouro. Desconsolada, entoa canções tristes. E só poderá dali sair quando um príncipe mouro pronunciar as palavras mágicas que a desencantarão.

Não abalaremos de Silves sem provar o morgado, uma das melhores receitas deste bolo tão típico na serra algarvia.

De forma a visitarmos ainda outros sítios da região, usaremos a Via do Infante (A22), cujo acesso fica a cerca de 3Km da cidade. Num instante estaremos no nó que nos irá conduzir a Loulé.

Descendo o que resta da serra, estaremos de novo em **Faro**. Se estes Caminhos lhe aguçaram o apetite, então experimente as restantes rotas que propomos e que darão à sua estadia de férias um sabor diferente, genuíno, em que o tempo tem uma marca diferente, lenta, saborosa e simpática, à boa moda algarvia. Exactamente como as férias devem ser.



Morgado



Ria Formosa

## INFORMAÇÕES ÚTEIS

### POSTOS DE INFORMAÇÃO TURÍSTICA

#### www.visitalgarve.pt

Região de Turismo do Algarve  
Sede: Avenida 5 de Outubro, n.º 18,  
8000-076 Faro, Algarve-Portugal  
Tel.: 289 800 400  
Fax: 289 800 489  
E-mail: rtalgarve@rtalgarve.pt  
www.rtalgarve.pt

Associação Turismo do Algarve  
Avenida 5 de Outubro, n.º 18,  
8000-076 Faro, Algarve-Portugal  
Tel.: 289 800 403 / Fax: 289 800 466  
E-mail: ata@atalgarve.pt  
www.atalgarve.pt

**AEROPORTO INTERNACIONAL DE FARO**  
Morada: Aeroporto Internacional de Faro  
8001-701 Faro. Tel.: 289 818 582

**ALBUFEIRA**  
Morada: R. 5 de Outubro  
8200-109 Albufeira. Tel.: 289 585 279

**ALCOUTIM**  
Morada: R. 1.º de Maio - 8970-059 Alcoutim.  
Tel.: 281 546 179

**ALJEZUR**  
Morada: Lrg. do Mercado - 8670-054 Aljezur  
Tel.: 282 998 229

**ALVOR**  
Morada: Rua Dr. Afonso Costa, 51  
8500-016 Alvor. Tel.: 282 457 540

**ARMAÇÃO DE PÊRA**  
Morada: Av. Marginal  
8365 Armação de Pêra. Tel.: 282 312 145

**CARVOEIRO (LAGOA)**  
Morada: Praia do Carvoeiro - 8400-517 Lagoa  
Tel.: 282 357 728

**CASTRO MARIM**  
Morada: Rua José Alves Moreira, 2 - 4  
8950-138 Castro Marim. Tel.: 281 531 232

**FARO**  
Morada: Rua da Misericórdia, 8 - 11  
8000-269 Faro. Tel.: 289 803 604

**LAGOS**  
Morada: Rua Belchior Moreira de Barbudo  
(S. João) - 8600-722 Lagos. Tel.: 282 763 031

**LOULÉ**  
Morada: Av. 25 de Abril, n.º 9 - 8100-506  
Loulé. Tel.: 289 463 900

**MONCHIQUE**  
Morada: Lrg. S. Sebastião - 8550 Monchique  
Tel.: 282 911 189

**MONTE GORDO**  
Morada: Av. Marginal - 8900 Monte Gordo.  
Tel.: 281 544 495

**OLHÃO**  
Morada: Largo Sebastião M. Mestre, 8A  
8700-349 Olhão. Tel.: 289 713 936

**PONTE INT. GUADIANA**  
Morada: Monte Francisco  
8950 Castro Marim. Tel.: 281 531 800

**PRAIA DA ROCHA**  
Morada: Avenida Tomás Cabreira  
8500-802 Portimão. Tel.: 282 419 132

**QUARTEIRA**  
Morada: Praça do Mar - 8125 Quarteira  
Tel.: 289 389 209

**SAGRES**  
Morada: Rua Comandante Matoso  
8650-357 Sagres. Tel.: 282 624 873

**SÃO BRÁS DE ALPORTEL**  
Morada: Largo S. Sebastião, n.º 23  
8150-107 São Brás de Alportel.  
Tel.: 289 843 165

**SILVES**  
Morada: R. 25 de Abril - 8300-184 Silves.  
Tel.: 282 442 255

**TAVIRA**  
Morada: R. da Galeria, 9 - 8800-329 Tavira  
Tel.: 281 322 511

#### POSTOS MUNICIPAIS DE INFORMAÇÃO TURÍSTICA

**ALBUFEIRA**  
Morada: Estrada de Santa Eulália  
8200 Albufeira. Tel.: 289 515 973  
posto.turismo@cm-albufeira.pt

**ALTE**  
Morada: Estrd. da Ponte, n.º 17 - 8100  
Alte. Tel.: 289 478 666

**LAGOS**  
Morada: Largo Marquês de Pombal  
8600-670 Lagos. Tel.: 282 764111, Fax:  
282 769317

**PORTIMÃO**  
Morada: Av. Zeca Afonso  
8500-516 Portimão  
Tel.: 282 470 732 / Fax: 282 470 718  
turismo@cm-portimao.pt

**QUERENÇA**  
Morada: Lrg. da Igreja  
8100-495 Querença  
Tel.: 289 422 495

**SALIR**  
Morada: Rua José Viegas Gregório.  
8100-202 Salir. Tel.: 289 489 733

**SILVES**  
Morada: Praça do Município - 8300 Silves  
Tel.: 282 440 442  
Morada: Praça Al Muthamid - 8300 Silves  
Tel.: 282 441 578

### LINHA DE APOIO AO TURISTA: 808 78 12 12

#### HORÁRIOS:

**Farmácias:** Dias úteis - abertas das 9h00 às 13h00 e das 15h00 às 19h00; Aos sábados - das 9h00 às 13h00. Em cada zona há sempre uma farmácia de serviço a funcionar 24 horas por dia; Algumas farmácias fazem horário de atendimento ao público das 9h00 às 20h00, sem interrupção, durante os dias úteis.

**Correios:** as estações de correios encontram-se abertas de 2.ª a 6.ª feira, na sua maioria, das 9h00 às 18h00.

**Comércio:** Na sua maioria as lojas estão abertas das 9h00 às 13h00 e das 15h00 às 19h00, nos dias úteis. Aos sábados funcionam das 9h00 às 13h00. Nos centros comerciais o horário de funcionamento é mais alargado, sendo habitualmente das 10h00 às 24h00.

**Bancos:** abertos das 8h30 às 15h00 nos dias úteis

**Restaurantes:** na sua maioria abertos para almoço entre as 12h00 e as 15h00 e para jantar entre as 19h00 e as 22h00

#### SAÚDE:

**Emergência:** em situação de emergência telefone para o **112**, o número nacional de socorro;

Se necessitar de assistência médica recorra ao Centro de Saúde local; os serviços de urgência dos Hospitais devem ser utilizados apenas em situações graves.

#### SEGURANÇA:

Polícia de Segurança Pública. Comando de Polícia de Faro  
Rua da PSP, n.º 32. 8000 Faro. Tel.: 289 899 899 / 289 822 022.  
Fax: 289 899 894



